

ORA, BOLAS
Da Copa de 98 ao penta

DANIEL PIZA



SUMÁRIO

Apresentação.....	3
Parte I – Ídolos e livros.....	4
Parte II – Copa de 1998.....	21
Parte III – Viagem em torno de Ronaldo.....	33
Parte IV – Intermezzo dramático (1998-2002).....	47
Parte V – O PENTA (Diário da Copa de 2002).....	68

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne o que escrevi sobre futebol em dois jornais: na *Gazeta Mercantil*, de 1997 a abril de 2000; e em *O Estado de S.Paulo*, de maio de 2000 até a conquista do quinto campeonato. “Boleiro” desde as fraldas, sempre dei notas sobre futebol na coluna *Sinopse*, em geral sob o título *O ludopédio* ou em *Por que não me ufano*, e são elas que compõem a parte IV deste livro, *Intermezzo dramático*. O período que vai da Copa de 98 à de 2002 formou um panorama a meu ver riquíssimo não só para o observador esportivo, mas também para o observador cultural. Escrevi sistematicamente sobre o vice-campeonato numa coluna chamada *Corner* na *Gazeta* e sobre o penta no *Diário da Copa do Estadão*. O personagem principal do período, como não poderia deixar de ser, é Ronaldo, cuja carreira acompanhei com admiração intensa, ao fim “recompensada” por seu desempenho na final contra a Alemanha em 30/6/2002. Mas fiz questão de abrir o livro com perfis de jogadores que marcaram o período anterior ao dele – Pelé, Maradona, Zico e Sócrates – e com artigos sobre esse que é um dos traços literários mais interessantes do Brasil, a crônica esportiva. (Dois textos deste livro, *Pelé – O físico de chuteiras* e *Ronaldo – A convulsão e a salvação da mídia*, já haviam sido publicados em meu livro *Questão de Gosto*, mas aqui reaparecem revisados de acordo com as informações mais recentes.) A visão em perspectiva pode ser um antídoto forte contra a tendência natural de sobrevalorizar o momentâneo, nesse esporte que, como a vida, sobrevive de momentos.

Daniel Piza, julho de 2002

PARTE I – ÍDOLOS E LIVROS

Pelé - O físico de chuteiras

Trinta anos do milésimo gol de Pelé. No domingo, em entrevista ao "Fantástico", ele chorou ao lembrar dos tempos de Santos, da união do grupo, do respeito que os colegas Tinham por ele, como os próprios vieram dizer na reportagem. Livros e mais livros e fitas e mais fitas deveriam existir sobre ele, neste país anêmico. Há quem faça restrições a ele – cobrando engajamento sobre "negritude", dizendo que Garrincha ou Maradona foram melhores, etc –, mas nada que contrabalance o que Pelé fez para o Brasil como atleta. Não bastasse ter sido o maior jogador de futebol de todos os tempos, cujo nome não precisa de tradução em lugar algum do mundo, ele deu ao Brasil a lei de modernização de seu esporte preferido, verdadeira carta de alforria para os jogadores, ainda que imperfeita (como ele mesmo reconhece), e o futuro dividirá a história de nosso esporte em antes e depois da Lei Pelé. Não conheço melhor resposta a quem sempre lhe disse que deveria se posicionar politicamente. Além disso, ele não jogou em 74 quando soube – tardiamente, como Nelson Rodrigues e tantos outros – da violência do regime militar. Soube se aposentar na hora certa, coisa ainda rara. Pode errar no comentário local, sendo inacreditavelmente ingênuo, mas nunca no princípio geral. E, apesar das fortes suspeitas que pesam contra alguns de seus negócios, ele mudou a imagem dos jogadores nesse campo também.

E as duas coisas que mais me entusiasmam. Primeiro: como jogador, até hoje está acima de todos os clichês do esporte. Não é apenas por ter sido mais "completo" que normalmente vence as eleições de melhor do século, mas por ter sido completo e brilhante ao mesmo tempo. A mentalidade nacional diz que o criador é ou uma coisa ou outra. Não: o grande criador – e um atleta é um criador, não exatamente um artista – é justamente aquele para quem a necessidade da ordem, em vez de abolir, estimula a centelha inventiva; que é capaz de fazer tudo que é possível fazer (tem versatilidade, regularidade, consistência) e, mesmo assim, ser imprevisível. Nossa cultura, exagerando um vício de toda a cultura ocidental, espera sempre a "inspiração" que assalta um criador, ou então a correção quase absoluta. Fulano não pode ser "genial" e, ao mesmo tempo, de uma condição física perfeita: todo lírico tem de ser um tanto excêntrico, um tanto autodestrutivo.

Pelé, como atleta, rompeu com isso. Podia debochar do adversário com elegância, ereto como um bloco de consciência. Podia ser "moleque" sem exagerar na firula ou na frescura. Sabia quando bater e quando blefar do mesmo modo como sabia quando brecar e quando brincar. Todo drible era "funcional" como um passe; todo passe, "egoísta" como um drible. E todo chute buscava o endereço certo mesmo que por caminhos antes tidos como tortos. Não há retórica em Pelé: sua estética vem de sua pragmática, de seu absoluto senso de tempo (como se fala de um ouvido absoluto), do domínio único não só do movimento que faz ou deixa de fazer mas também do movimento que os outros e a bola farão ou deixarão de fazer – e às vezes numa fração de tempo que não cabe na lógica rasteira. Parece que o cérebro dele tem um lobo a mais, um centro que coordena as atividades motoras responsáveis por esse modo de existência chamado jogo de futebol, digno de um físico de chuteiras. Para ele, é como se uma trivela, uma chaleira ou um elástico fosse tão imprescindível quanto o mais banal fundamento.

Usando as duas pernas quase com a mesma riqueza de recursos, cabeceando como se cumprimentasse a bola e o goleiro, driblando em alta velocidade como se estivesse parado diante do inimigo, distribuindo passes e lançamentos com uma espécie de displicência

altruísta, ele criou um padrão insuperável. É inimitável e paradigmático como toda obra de gênio: todo mundo quer ser igual a ele e ninguém pode; ele parece conter o que foi inventado no passado e antecipar o que seria inventado no futuro. Como Machado de Assis, João Cabral ou João Gilberto, deu ao mundo o que há de melhor: um rigor infinito numa forma desprendida, "solta simetria", bossa nova, bruxaria feita de autocontrole.

E a segunda coisa: Pelé é autor de frases como "Eu sou mais eu". Num país em que todos aceitam tudo, e comodidade rima com covardia, até exagera na autoconfiança – mas é a autoconfiança de quem sabe o que quer, sabendo o que pode. E prova que o guerreiro e o cavalheiro podem ocupar o mesmo corpo. (29/10/1999)

A ciência ainda não explica o hardware que faz um Pelé

Pegue todos os requisitos necessários para formar o físico ideal de um jogador de futebol. Lance num computador. Combine de forma harmônica. O resultado: Pelé.

"Infelizmente não temos os índices precisos do desempenho do Pelé, porque na época não existia o conceito de fisiologia do exercício", lamenta Turíbio Leite, 50 anos, professor da Escola Paulista de Medicina. "Mas, por observação e intuição, acho que ele foi o atleta com o perfil mais equilibrado das qualidades necessárias a um jogador de futebol." A condição única de Pelé não era apenas técnica, mas também física.

O Dr. Turíbio trabalha com o chamado "aptidograma": um gráfico das aptidões físicas diagnosticadas em cada jogador. Tem, na escola, um banco de dados de mais de mil atletas profissionais. Pode, portanto, cotejar sua observação do desempenho de Pelé em campo com um conjunto significativo de informações.

O aptidograma mede: velocidade, impulsão, mobilidade, agilidade e potência, entre outros itens. "Qualquer atleta do meu banco de dados pode ter desempenho muito bom em vários itens, mas sempre haverá pelo menos um em que estará abaixo da média", conta Turíbio. "Se se fosse feito um aptidograma de Pelé aos 20 anos, tenho certeza de que ele estaria acima da média em todos os itens, sem exceção, não existe outro caso no banco de dados ou que eu tenha visto."

Assim, Pelé pode ter tido menos resistência (que permite a mobilidade, o deslocamento em campo ao longo da partida) do que Cafu ou Cerezo. Pode ter sido menos veloz do que Müller em seu auge. Pode ter tido menos impulsão do que Luizão ou Jardel, talvez. Mas cada um desses jogadores deixava a dever em pelo menos outro quesito. Pelé, não. Era mais rápido, resistente e ágil do que a média dos atletas; pulava mais alto e chutava com mais força e com os dois pés. Se um fisiologista moderno olhasse seu aptidograma, teria grandes dificuldades para indicar o perfil do jogador, se deveria ser lateral, meio-campista ou atacante. Pelé poderia ir (e foi) para qualquer posição.

Compare com os grandes craques brasileiros da atualidade. A Romário e Ronaldo, falta resistência. A Rivaldo, falta velocidade, além da perna direita. São especialistas. Pelé tinha o arranque de um Ronaldo e quase a resistência de um Cafu, provavelmente. Sua musculatura bem composta, sua postura sempre ereta, sua impressionante visão periférica (que o Dr. Turíbio não descarta atribuir à ligeira protusão de seus globos oculares), sua flexibilidade combinada à força – tudo isso fez dele um físico perfeito para o futebol. Ou, na frase do Dr. Turíbio, uma perfeita "expressão do genoma" futebolístico.

"A constituição física do Pelé, herdada, é muito feliz, some a isso sua consciência profissional, sua dedicação como atleta, tanto é que ele nunca teve problema de joelho ou fratura durante a carreira, apesar de muito caçado em campo; não é apenas sorte, é um conjunto de qualidades trabalhadas."

Turíbio dá exemplo concreto: "Pelé já contou que foi o pai dele, Dondinho, que mandou que ele treinasse a perna esquerda se quisesse ser um grande jogador e ele treinou muito, a tal ponto que conseguiu a mesma potência no chute; qualquer jogador que, entre os 10 e os 15 anos, fizer isso, terá resultado." E há algum aspecto ósseo na felicidade da combinação final? "Não temos estudo definitivo sobre isso, mas com certeza há uma influência." Ou seja, a ciência ainda não explica Pelé, ou pelo menos o "hardware" que faz um Pelé. O Atleta do Século não cabe nas estatísticas. (22/10/2000)

Maradona : o craque efervescente

Quem vê Maradona de pança de "parrillada" pousando e posando em Cuba para oxigenar cabelos e circulação, a ponto de explodir física e psiquicamente, pensa não reconhecer o jogador argentino, o maior de seu país, um dos maiores da história do futebol. Tenta separar o homem e o atleta, o dependente químico e o mito efervescente. Seu teatro era o gramado. Fora dali, ele seria mais um maluco ou coitado que a fama e a aposentadoria levaram para o buraco.

Mas Maradona é o primeiro a não querer separar o privado e o público, e seu recém-lançado livro de memórias, *Yo Soy el Diego* (editora Planeta), é prova irrefutável disso. Maradona se comporta como a "lenda viva" que é, como se o fato de já não se exibir em campo não fizesse diferença para sua importância no mundo do futebol. E não faz. E eis seu maior drama.

O que se pode esperar de um livro autobiográfico de um ídolo popular senão a auto-consagração? Mas Maradona capricha nela: não há uma única descrição no texto ou uma única foto que não diga respeito ao futebol e à glória futebolística que ele foi e é. Aos 12 anos já era famoso, e multidões afluíam para vê-lo brilhar numa várzea aos sábados. A Copa de 82 foi para ele e sua seleção uma frustração, não para o Brasil. Quando fez o gol de mão contra os ingleses na Copa de 86, vingou seu país das Malvinas. Os clubes por que passou sem produzir resultados não souberam entendê-lo. Nunca cometeu maldades contra colegas, nem mesmo Daniel Passarella.

Por aí vai a narrativa, distribuindo olés por nomes e fatos. Dois tipos de leitores vão surgindo: o que o perdoa da fanfarronice verbal, dado seu talento inconfundível, e nem é preciso ser fã para se interessar pelo que Maradona pensa de si e dos outros; e o que passa a detestá-lo, rangendo "que cara metido, o Pelé foi muito maior que ele". Mas o livro não é só curioso, é também útil para pensar em como, por mais que se tente separar homem e jogador, não dá para imaginar outro Maradona fora de campo do que esse. É essa mesma petulância missionária que o fez tão magnífico jogador.

Futebol não é bem o esporte "coletivo" que dizem. Claro, ninguém faz nada sozinho; Maradona, por exemplo, sempre rendeu mais quando tinha um parceiro centroavante, um esperto e definidor homem de área, como Caniggia ou Careca. Tampouco foi dos maiores "fominhas" da história, nada, pelo menos, comparável com o ensimesmamento de um Denílson ou com o maquiavelismo de um Edmundo, digamos. Mas futebol não é como basquete ou vôlei, em que as funções em campo são tão precisas e interdependentes. Entre um passe para o outro empurrar gol adentro e um drible a mais no zagueiro que o marcava, Maradona tendia sempre a optar pelo segundo. E, num segundo, seria desculpado pelo brilho eficaz de sua solução que, em outros esportes, talvez fosse demais "individualista".

Como um grande ator que, mesmo num filme de terceira categoria, espera aquela fala que gravará na memória do espectador, Maradona esperava o momento da epifania, o clímax que ele podia fazer brotar em um ou dois toques. Não à toa seu futebol pode ser comparado ao tango: passos angulosos, rodopios imprevistos, postura de desafio, mas dentro dos limites da estética. Maradona marcou centenas de gols em que, sobre a linha do gol, ainda esperava o zagueiro voltar e o tirava para dançar uma última vez.

E o que foi aquele gol contra a Inglaterra em 1986, senão uma seqüência de pas-de-deux ao som de bandoneón? Maradona conduziu a defesa saxônica para os lados que determinou, como se não quisesse nada, querendo tudo, o amor e o poder. E aquele inédito e irrepetível cruzamento de chaleira, como se dissesse "Ninguém me acua, não", usando a

esquerda para agir como ponta-direita e colocar a bola na cabeça do companheiro lá na entrada da pequena área. Quem fez este gol, esquecemos, mas não quem fez aquela chaleira.

Esse dom de produzir a invenção no limite, porém, não é exclusividade dos rebeldes, para usar o adjetivo que Maradona usa como vírgula no livro que ditou a dois jornalistas. Costumam comparar Pelé e Maradona da seguinte forma: Pelé era mais completo e regular; Maradona, que não chutava com os dois pés nem cabeceava com a mesma perfeição que Pelé, seria mais brilhante. Mas Pelé inventou incontáveis truques de que o próprio Maradona era devedor. O físico atarracado e o jeito de girar o corpo para usar a perna esquerda, muito superior à direita, dão a impressão de que Maradona era mais habilidoso, de que a bola grudava a seus pés. É mais uma impressão do que um fato. Pelé era mestre e inventor; Maradona, mais inventor que mestre.

Mas foi essa especialização nos limites, esse domínio dos ângulos, que fez de Maradona um jogador tão peculiar que as comparações terminam estereis. E tal estilo seria impossível se Maradona não fosse quem fosse, ou melhor, não fosse a pessoa que é. Um pouco menos de petulância, e seria um Rivaldo. Numa geração em que meio-campistas como Zico e Platini brilhavam, o orgulho de Maradona o levou além. Sobre Pelé, ele diz que não se compara com ele. Mas não deixa de dedicar bem mais elogios a Rivelino, outra canhota temperamental.

Quem mais faria os comentários sobre os outros jogadores que ele faz ao final do livro? Quem mais toparia títulos de capítulos como "A paixão", "A ressurreição", "A luta" e "A vendetta"? Quem mais tatuaria Che Guevara no ombro e se diria um Che do futebol? Quem mais terminaria dizendo que tentou escrever sua vida como "manejava uma partida", apesar de erros como a cocaína? Mas a pessoa e o jogador nem sempre foram o mesmo. Maradona trocou os pés pelas mãos muitas vezes em sua vida, mas em campo sempre usou os pés como se fossem mãos. Ou quase sempre. (15/10/2000)

Por que todos querem ser Zico

Assim como toda atriz – ou mesmo "modelo e atriz" – diz que quer ser Fernanda Montenegro, todo jovem jogador de futebol diz ter como espelho Arthur Antunes Coimbra, o Zico. Ele é a referência ética número 1 do futebol brasileiro. Em tempo de crise aguda dentro e fora dos campos, continua a ser essa referência porque, em seu caso, jogador e homem sempre foram indistintos. E ali vem ele, em meio a um grupo de pessoas que lhe pedem autógrafos e camisas, no centro de futebol que leva seu nome no Recreio dos Bandeirantes, no Rio. Atende a todos com jeito de quem parece esquecer que batizou uma era do futebol brasileiro, a Era Zico, tanto mais admirada quanto mais distante.

Há jogadores cujo caráter não provoca muita confiança, mas cujo talento em campo parece incontestável; há outros que têm boa imagem ética, mas que dentro de campo sempre deixaram a dever. Essa separação, no entanto, é simplista. Talvez Marcelinho Carioca, se tivesse outra personalidade, fosse melhor jogador, menos dado a catimbas e firulas e mais preocupado com a bola do que com os outros jogadores. Zico, por sua vez, se tornou símbolo de uma geração por ter dentro e fora do campo as mesmas qualidades: determinado, criativo, generoso, responsável. "Os valores mudaram muito nos últimos anos", diz. "O estrelismo é muito grande e ninguém confia em ninguém. O jogador, agora, quer saber é de logo resolver sua vida financeira."

Que muita gente até hoje não entenda esse símbolo é outro problema. Romário, por exemplo, disse que a geração de Zico é "fracassada". E é comum ouvir que ele perdeu aquele pênalti contra a França em 1986, entre outras associações pejorativas. Mas como dizer que é fracassado um jogador que foi o maior ídolo da maior torcida brasileira, o segundo maior artilheiro da seleção depois de Pelé, quatro vezes campeão nacional, uma sul-americano e uma mundial? Como dizer que é fracassada uma geração que teve nomes vitoriosos como Falcão, Sócrates e Júnior e que formou a seleção mais lembrada depois da de 1970? Como culpar Zico por um pênalti num jogo em que Sócrates e Júlio César também perderam, numa Copa para a qual o Brasil não se preparou direito e o próprio Zico tinha ido sem estar com 100% de sua forma física?

A unanimidade é burra, certo, mas é também burra a incapacidade de admirar um talento como o de Zico. E ele não se incomoda. Sabe que é o modelo das novas gerações, pelo menos da boca para fora, e que a seleção que comandou na Espanha há quase 20 anos ocupa um lugar único na memória do torcedor. Sabe também que em toda pesquisa que se faz para saber quem deveria comandar a CBF seu nome aparece. Pelé pode estar em primeiro, por ser quem é e apesar do acordo com Ricardo Teixeira; Zagalo também consta, pela presença ostensiva na mídia como "único tetracampeão do mundo". Mas Zico tem maior credibilidade. E diz, por sinal, que comporia um conselho em que Pelé e Zagalo, além de Sócrates, Tostão e de outros jogadores e técnicos importantes para a história do futebol brasileiro, estariam certamente presentes.

"Nunca trabalhei a divulgação da minha imagem, não tenho uma equipe para cuidar disso; sempre tive mídia espontânea", diz Zico, que nem mesmo os brasileiros podem imaginar como é endeusado no Japão, sede da próxima Copa do Mundo. "Também não gosto dessa história de dizerem que sou bom moço. Quando começaram com aquelas coisas de 'bad boys' e 'good boys', achei uma besteira." Zico acha curioso quando o chamam de honesto: "Não tenho de ser elogiado por isso. Isso é o mínimo que se deve fazer." Neste ponto, ele faz questão de apontar a "formação familiar" que recebeu: "Eu não era pobre, porque

meu pai era alfaiate e nunca deixou faltar comida, roupa e escola para a gente. Mas era da classe média suburbana e via meu pai trabalhar muito."

O que é interessante na biografia de Zico, especialmente, é como ele levou o exemplo para o futebol. "Aprendi desde cedo a me reerguer diante da adversidade", diz. Franzino, praticou muito exercício para ganhar musculatura e resistência. Estudou os fundamentos com muito afinco até se tornar um jogador completo, capaz de passar, driblar, lançar, cabecear e chutar com força e precisão. Fora de campo, atuou em sindicatos e movimentos pela profissionalização dos atletas. Continuaría o trabalho em 1990 como ministro de Esportes do governo Collor, função que abandonaria em menos de um ano por frustração com as artimanhas políticas. Deixou, porém, a Lei Zico, mais tarde atualizada pela Lei Pelé e novas etapas na abolição do regime do passe.

Hoje Zico se chateia com o descaso dos atletas com o preparo e com a profissão. Os jogadores deveriam treinar mais o domínio e o passe, fundamentos mais importantes do futebol moderno, em que o espaço é curto e a velocidade é alta. E deveriam ser mais conscientes. "Eles só pensam em comprar um carrão e fazer o pé-de-meia. Não se transfere responsabilidade para eles. Muitos nem sabem como comprar uma passagem de avião porque há quem faça isso por eles." Zico acha que hoje, apesar de todos o aparato moderno, não teria tido a chance que teve de adquirir físico e aprimorar a técnica.

Os clubes, em sua opinião, deveriam ser centros formadores de atletas, no sentido amplo da palavra, como o Flamengo foi para ele. É isto que Zico ainda vê em falta na legislação esportiva: o reconhecimento dos clubes formadores, que trabalhem com jovens de 13 a 17 anos e tenha, por isso, retorno em seus ganhos posteriores. Zico vê o jogador de hoje muito desconfiado, defensivo, e se lembra de seu tempo, em que a maior parte dos rendimentos vinha das gratificações por vitórias, não dos salários. "Naquela época os clubes só ganhavam dinheiro com bilheteria e com alguns amistosos", diz. "Hoje existe TV, patrocínios, anúncios, produtos. Na minha época jogávamos por amor ao futebol, e o dinheiro era uma decorrência disso."

Não que ele seja saudosista, mesmo porque, tal como Pelé, que batizou a era anterior, Zico foi pioneiro em contratos milionários – como fez com os italianos e com os japoneses – e sempre fez propaganda. Apenas acha que o jogador de hoje é pouco responsabilizado e que os clubes falham em dar orientação. "Um grande problema foi a adoção das luvas, incorporadas ao salário. O jogador passa a ter um padrão de vida muito alto, economiza mal e corre o risco de não conseguir mantê-lo." Zico também reclama do "desespero" dos clubes em ter retorno rápido dos jogadores, prejudicando sua formação.

O que Zico também não encontra nos jogadores atuais é o que tinha de sobra: consciência tática. Assim como Ayrton Senna, que fazia a pé o traçado do autódromo antes das corridas, Zico sempre estudava os adversários e passava dicas aos companheiros. Assistia aos jogos e conversava com jornalistas. Observava o goleiro, se sua tendência era cair para um lado ou para o outro, e os zagueiros, para saber a melhor forma de driblá-lo. Combinava tabelas com os atacantes. A um deles, que prefere não nomear, tentava explicar: "Vou lançar para você lá de antes do meio-campo. Se eu tiver de correr 30 metros, não vou levar mais que 4 segundos para chegar até você. Segure a bola e, quando eu me aproximar, passe para mim ou aproveite a preocupação do zagueiro comigo e vá em direção ao gol." Com esse não funcionou, mas com diversos outros, como Adílio e Adão, no Flamengo campeão mundial de 1981, sim.

Sobre o futebol posterior à sua era, dos últimos dez anos, Zico acha que é bem diferente. "Eu hoje seria parado mais rápido", diz ele, que costumava entrar "limpando" dois ou

três zagueiros até a cara do gol. "O futebol exige mais força física e, curiosamente, os campos diminuíram. O Maracanã, na minha época, media 110 metros. O campo do Bangu parecia infinito." Mesmo sendo um dos maiores dribladores da história do futebol, Zico discorda dessa noção comum de que esse fundamento é a característica do futebol brasileiro. "O drible tem de ser necessário. E não pode ser desculpa para as deficiências que vemos hoje. O jogador brasileiro está sem domínio de bola."

Zico, por sinal, tem um verdadeiro manual de lições de futebol na cabeça, só esperando editor. Algumas delas são listadas no perfil que a jornalista Lúcia Rito publicou no ano passado, pela editora Relume Dumará. Uma delas, por exemplo, serviria à perfeição para Rivaldo e seu técnico: "Tentar girar e sair driblando no meio do campo é suicídio, vaidade demais." É curioso pensar que Pelé e Zico foram jogadores com função dupla: armar e concluir. E que hoje o futebol brasileiro não tem quase ninguém assim. Depois de 1990, os grandes craques surgidos no Brasil, Romário e Ronaldo, são centroavantes.

Romário, não por acaso, não batizou uma era. Quem a batizou – pejorativamente – foi Dunga, o capitão do time vencedor de 1994, a única Copa decidida por pênaltis. Para Zico, a vitória daquele ano se deveu ao forte esquema defensivo armado por Parreira, com um meio-campo composto de jogadores bom no fôlego e no desarme, diante de seleções em momentos fracos, de transição, e com dois atacantes muito eficientes e criativos à frente. Em 1982, diz Zico, faltou ao time um pouco mais de atenção e firmeza em momentos cruciais. "Copa do Mundo é assim, cada jogo é decisivo e, se for preciso dar chutão, ele deve ser dado." Mas lembra que a Itália era uma grande equipe. "O erro daquela seleção não foi ser ofensiva. Éramos bons na defesa também."

Zico esteve na Copa de 98 como coordenador. Não quer nem perder tempo discutindo justificativas como Nike, convulsão, etc. Acha que a França soube jogar contra o Brasil. Sobre Ronaldo, de quem é padrinho como embaixador da Unesco, só tem palavras de elogio. "O que ele fez com a idade dele muito poucos fizeram. Eu mesmo não fiz." Comenta os dribles curtos, de salão, que Ronaldo aplica durante uma arrancada em alta velocidade. "Isso é o que ele tem que ninguém tem. E por isso é chamado de Fenômeno." Zico, que chegou a ficar um ano sem jogar por causa de uma operação no joelho, acha que Ronaldo terá de jogar de outra forma, menos incisiva, agora que está voltando aos gramados. "Mas ele tem muita categoria e vai se readaptar."

Ele se recusa a escalar sua seleção para a Copa de 2002. Diz que ainda não está convencido do esquema de três zagueiros que Felipão vem utilizando. "O problema é que as jogadas de ataque dependem dos alas, que não são dribladores e correm num corredor. Ficamos sem ligação pelo meio com o ataque." Zico acredita que o esquema 4-4-2 ainda é o mais adequado para combinar esses avanços. Mas confia na classificação e num bom desempenho na Copa.

Não tem dúvida sobre o grande craque de sua geração: Maradona. Lembra que jogadores como Pelé – "o maior de todos" – e ele mesmo atuaram em equipes com outros grandes jogadores, mas Maradona praticamente ganhou sozinho a Copa de 86. De Platini, que costuma aparecer no ranking de algumas publicações européias acima de Zico, entre os melhores jogadores de todos os tempos, elogia o estilo elegante e inventivo, mas sabe que não foi artilheiro como ele. Em comum, os três – que reinaram no futebol dos anos 80 – marcavam muitos gols e davam outros tantos aos companheiros. Zico, por sinal, é "criticado" por ter feito muitos de seus gols batendo faltas e pênaltis, mas pode ver as fitas: a maioria deles era sofrida por ele mesmo.

Talvez a admiração que todo jovem jogador sinta por Zico seja bom sinal de que, apesar de tantas provas em contrário, o futebol ainda possa ver reinarem os craques que armam com caráter e finalizam com paixão. (9/9/2001)

Doutor, seu coração é corintiano

Em campo, Sócrates sempre pareceu um jogador frio, cerebral, um clínico em meio à temperatura febril da arena, um caniço pensante fincado no lodaçal da paixão coletiva. Mas como pôde ser o maior ídolo da torcida mais passional do país do futebol? Como pôde atuar como uma espécie de pára-raio, alto e magro, atraindo a energia corintiana para si? "Nunca fui frio", diz o doutor Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, que todos – inclusive ele mesmo, na mensagem do celular – chamam de Magrão. "Apenas era muito atento ao comportamento da torcida para usá-lo em favor da equipe."

Fora de campo, Sócrates realmente não parece nada frio. É informal, gosta de beber, conversar e cantar, e diz tudo que pensa, ao mesmo tempo desarmado e articulado. Liderou o grupo que inventou a "democracia corintiana", nos anos de 1982-83, em que ele, Casa-grande, Vladimir, Zenon e os outros, com apoio de Adilson Monteiro Alves, dispensaram a concentração, assumiram vícios pessoais e posições políticas, bancaram a independência do jogador como trabalhador e artista, dono de sua voz, autônomo diante dos microfones.

Em campo e fora dele, Sócrates era o ponto de referência desse regime que queria ser tão livre quanto profissional. A democracia corintiana seria possível hoje, quando jogadores são cerceados por mostrar camisas com frases, por se divertir à noite, por se expor na mídia, tudo em nome desse tal profissionalismo? "Sim, mais do que nunca", afirma sem titubear, bebendo sua Cerpa à mesa do restaurante Giardino, em Moema. "Hoje em todas as áreas as empresas precisam que o trabalhador participe, que se sinta bem para trabalhar melhor." A democracia corintiana era essa mentalidade aplicada ao mundo do futebol, tanto é que os resultados – hoje cobrados por patrocinadores milionários – apareceram de forma inequívoca naquele bicampeonato paulista.

"O melhor era o prazer de ir para campo jogar", diz Sócrates, lembrando o entrosamento do grupo com e sem a bola. A concentração, para ele, tira justamente o prazer de jogar. "O sujeito fica dois ou três dias fechado antes do jogo. Então não vê a hora de ele acabar. Quando termina o isolamento, sai como um javali para a farra, e aí pode ser pior ainda."

Sócrates é favorável a que se deixe o jogador assumir a responsabilidade. Acha que todos os problemas do futebol brasileiro passam por aí. Como na abolição da escravidão ou na universalização do voto, os dirigentes do País sempre têm alegado os riscos de atribuir autonomia ao trabalhador. Sócrates refuta esse paternalismo. Se o atleta não sabe que, na véspera de um jogo, deve "pegar mais leve", ou se achar que treino não é necessário, que vá embora. É ao indivíduo que cabe ser profissional.

Por isso critica que a Lei Pelé tenha sido retalhada. O passe significaria uma independência maior do jogador, quase como uma carta de alforria. "Mas se passaram três anos e eu não vi nenhum debate de verdade sobre como o sistema deve se preparar para as novas regras." Em março, a lei tem de ser revista e Sócrates teme por seu destino. "Há medo de lado a lado", diz ele. O melhor caminho seria o clube estabelecer um contrato com o jovem que quer se tornar profissional para investir nele e ter um crédito correspondente, a ser pago pelo jogador.

Sócrates acredita que deva haver uma política esportiva que aponte para esse sentimento, com incentivos e regulamentos adequados. O esporte no Brasil tem de olhar para a formação de base, utilizando – como ocorre em qualquer país que seja potência olímpica – as escolas como indutoras. Em Cuba, recentemente, ficou impressionado mais com o esforço de capacitação humana do que com a infra-estrutura atrasada e limitada oferecida pelo po-

der público. Sócrates acompanhou a caravana de Lula, mas acha que o Brasil pode fazer muito mais com uma organização do sistema que favoreça as empresas que queiram investir no esporte como ação social e lucrativa.

Esse discurso tem sua razão de ser. Formado em medicina e especializado em medicina esportiva, jogador mundialmente celebrado, ex-técnico, ele agora se dedica a completar esse currículo que o qualificaria como ninguém a ser "um gestor de futebol" - isto é, um supervisor que trabalha na interface entre o técnico e os dirigentes, capaz de entender todas as áreas para ligá-las em torno de um objetivo. Aos 46 anos, acaba de fazer um curso de extensão na Fundação Getúlio Vargas de administração esportiva. Também é colunista do jornal Gazeta Esportiva e desenvolve projeto com o fisiologista Turíbio Leite, da Escola Paulista de Medicina, para montar um centro de excelência que auxilie na avaliação e na evolução dos atletas.

Toda essa bagagem, dentro e fora de campo, Sócrates quer usar para evitar experiências administrativas como a que o Corinthians sofreu neste ano. O time foi desmontado, a torcida montou no time, e todo um projeto de investimento moderno fracassou. Para Sócrates, predominou a incompetência: o ajuste entre a pressa do lucro e a continuidade do trabalho não se deu, por culpa de ambas as partes e despreparo do gestor posto entre elas.

Sócrates conhece como ninguém a pressão de uma torcida. Seu modo característico de comemorar um gol, quase parado, apenas com um braço erguido, nasceu de uma reação a vaias sofridas no jogo anterior, quando tivera de esperar quatro horas no vestiário para poder deixar o estádio. Sócrates fez três gols na partida seguinte e, ao final, foi aos microfones declarar que achara injustiça aquela pressão ameaçadora. Chegara poucos meses antes ao clube e estava se adaptando. Com aquele gesto, criou novo patamar de relação com a torcida e ganhou credibilidade inigualável na história do Timão.

Afinal, a adaptação era antes de mais nada no estilo. Em Ribeirão Preto, onde jogava depois das aulas na universidade, sem treino quase nenhum, já se destacara com a habilidade do drible e do chute. Mas no Corinthians, por causa de sua extrema magreza e estatura, teve de refinar seu jogo para não ser abalroado por zagueiros-armários. Passou a se tornar um especialista do toque de primeira, que azeitava o ataque do time e surpreendia qualquer adversário. O passe de calcanhar, que adotava como se fosse um passe qualquer, tão funcional como os outros, nasceu dessa adaptação. Com sua visão de jogo, Sócrates encontrava corredores para lançamento ou tabela como um arquiteto do improvisado. E, mesmo sem ser um prodígio de preparo físico, corria para receber de volta o passe e concluir para o gol com uma calma inacreditável.

Era, em outras palavras, essa coisa ainda rara – ou agora mais rara – no futebol brasileiro, o ponta de lança que sabe armar e definir, eficiente em todos os fundamentos: chute forte, chute colocado, cabeceio, etc. Não se tratava apenas, como diz ele, modestamente, de ter uma capacidade de medir a pressão de um jogo e ministrar as doses de ânimo e paciência necessárias no time e na torcida, ridicularizando o marcador implacável ou abrindo um clássico com firulas provocantes. Mas também de comunicar com os pés os caminhos por entre a defesa adversária, como mosqueteiro na vanguarda.

Sócrates, apesar de toda essa identificação com a torcida corintiana, conseguiu escapar a outro mal do futebol, que não deixou de atingir até seu irmão Raí: foi bom na seleção tanto quanto no clube. Era uma das estrelas da melhor seleção que o Brasil teve depois de 1970. Com Oscar, Júnior, Éder e um meio-de-campo composto por Falcão, Cerezo, Zico e ele, protagonizou também a derrota mais dramática da seleção canarinho depois do Maracanã de 50. Mas, apesar de Romário e outros dizerem que essa foi uma geração "fracas-

sada", Sócrates se lembra do time de 82 pelo mesmo fator por que se lembra do Corinthians daquele ano: a alegria de entrar em campo e se entender musicalmente com seus companheiros de bola.

No fatídico jogo com a Itália, a famosa "tragédia de Sarriá", houve erros incríveis. Cerezo deu um passe errado na saída de bola, e Paolo Rossi não perdoou. Depois, Júnior deu condições para o mesmo Paolo Rossi tocar para dentro. Mas Sócrates acha que esses erros não têm explicação além da natureza do futebol. "O futebol é um jogo de erros", diz. Reviu a partida apenas uma vez, no início dos anos 90, e concluiu que a Itália era inferior, mas jogou muito bem.

Concede e confessa que Serginho era um estranho no esquema, porque o time se preparara para atuar com Reinaldo (que diz ter sido o maior centroavante da história brasileira) e depois Careca na posição. Até hoje Sócrates é cobrado por uma cabeçada defendida em cima da linha por Zoff nos minutos finais, mas quem a deu foi Oscar.

Sócrates se lembra da final da Copa de 94, diante da mesma Itália, em que Romário perdeu um gol na pequena área no final do jogo e, depois, bateu um pênalti em que, antes de entrar, a bola desviou na trave. Do herói ao vilão, um segundo pode ser suficiente. O próprio Sócrates, como Zico, viveu esse drama em 86, quando perderam pênaltis. Sócrates, como fazia, esperou o goleiro francês se mexer, mas ele ficou parado e atrapalhou Magrão. Não há por que se penitenciar. E, neste caso, Sócrates diz que o time não tinha a mesma força, porque "armado de última hora".

O período na Itália contou como experiência. O estilo de jogar precisou ser novamente adaptado; ou melhor, Sócrates voltou a atuar como no Botafogo de Ribeirão Preto, prendendo mais a bola, aplicando mais dribles. Mas aos 30 anos a saúde já não era a mesma, e seu futebol aparecia mais quando houvesse mais de um atacante à sua frente. Ficou na Fiorentina um ano e, saudoso do Brasil, voltou. Outros clubes, como Flamengo e Santos, também trazem momentos à memória, mas nada igual ao Corinthians. "Não existe torcida tão intensa como a corintiana. A do Flamengo é maior, mas mais espalhada. A Fiel é incomparável."

O líder da democracia corintiana acha que técnicos têm de saber escalar um time e, mais importante, adaptá-lo às circunstâncias do jogo. Sobre Leão, que era o goleiro do Timão no bicampeonato e o principal oponente da idéia de democracia corintiana, diz não saber se vai conseguir montar um "futebol bailarino" na atual seleção. Mas vê muita burocracia nos jogadores atuais.

Sócrates imagina para a seleção de 2002 um ataque composto por Ronaldinho, Djalminha e dois dos seguintes três: Romário, Rivaldo ou Ronaldo. Diz que faltam a Rivaldo o olhar periférico e o diálogo com a torcida, mas o vê como atacante, não como armador. Romário precisa estar em forma, mas, "jogando como está jogando" – guardando o esforço para os botes letais –, continuará quanto tempo quiser. E Ronaldo tem de estar recuperado. (Sobre a final da Copa de 98, acha que a convulsão pode ter sido um efeito colateral de algum antiinflamatório como o Voltaren).

Sócrates sabe do que fala. Viveu isso como jogador no Corinthians e na seleção. Tentou aplicá-lo como técnico. No último cargo, à frente do Cabofriense, terminou demitido pela prefeitura da cidade carioca por "excesso de competência". Dava treinamento aos jogadores que envolvia discussão de temas e indicação de leituras. No campo, mandava um grupo ficar brincando com bola no ataque e dizia ao meio-campista para lançar a eles de supetão. Com os resultados, os políticos vieram querer capitalizar o sucesso que era de Sócrates, que ia de nutricionista a técnico do time.

Mesmo assim, vê um amadurecimento do negócio futebol no Brasil e, nele, um lugar de destaque para si. Feliz em seu casamento, morando no bairro do Brooklin em São Paulo, está animado com os diversos projetos. Na próxima terça, reinaugura seu site (nos endereços www.socrates.esp.br ou www.socrates.coc.com.br), melhorado com multimídia e comentários próprios.

Do disco que acaba de produzir, vai oferecer no site canções suas como Festa Corintiana em formato mp3. Os versos dizem: "Já raiou a liberdade/ Negro e branco construindo uma nação/ Com as mãos entrelaçadas/ A fé na mais pura expressão." E a torcida nacional, sem ciúme algum, pode reagir: "Doutor, eu não me engano, seu coração é corintiano." (17/12/2000)

A psicologia do futebol e a arte da crônica

Erra-se muito no jogo de futebol. Mesmo os craques estão sujeitos a erros humilhantes, e você precisa aprender a sobrepor-se a eles tão logo começa a jogar. Essa é a grande diferença entre o futebol e os outros esportes: o coeficiente e a magnitude dos erros – o que significa que o futebol é um esporte em que o irracional e o imponderável pesam muito. É exatamente por isso que ele se presta à literatura como nenhum outro. No Brasil, terra pródiga em futebolistas e cronistas, estilistas como Mario Filho, Nelson Rodrigues, Rubem Braga e Armando Nogueira deixaram grandes textos sobre o esporte. Nos últimos anos o mercado editorial brasileiro tem redescoberto isso, e até ganhamos uma excelente biografia de Garrincha por Ruy Castro no final de 1995. Agora a editora L&PM lançou uma coletânea do uruguaio Eduardo Galeano – sim, o socialista moreno de *As Veias Abertas da América Latina* – sobre o ludopédio (*Futebol - Ao Sol e à Sombra*, L&PM). A existência de tais livros deveria ser suficiente para mudar a idéia dos que acham que o futebol não passa de ópio do povo.

A vida trágica de Garrincha, por sinal, tem a ver com esta idéia de que o futebol tem nuances dramáticas. Ele teve quatro anos de puro brilho, o que é muito pouco para um craque tão espetacular. Afora os problemas físicos (a perna torta torturando o joelho a cada jogo), Garrincha tinha uma irregularidade que só a psicologia pode tentar explicar. Os exemplos se multiplicam. Pense em Maradona, um jogador que rivaliza com Pelé na habilidade do trato com a bola, mas que nunca conseguiu ser tão constante e completo quanto o rei. No Brasil, bons jogadores como Raí ou Marcelinho Carioca jamais se desenvolveram plenamente por razões de insegurança emocional. Na Copa do Mundo de 1994, quando a vitória brasileira foi atribuída a Romário e seus dribles sinuosos e insidiosos, a garra tática e criatividade técnica de Bebeto foram igualmente importantes; ele preencheu o vazio que existia entre meio-campo e ataque, obra do agora "mestre" Zagalo. O segredo do futebol, óbvio, são as chuteiras ululantes, jogadores que não se deixam abater pelos erros próprios e alheios.

O número de erros no futebol deriva do número de variáveis que estão em jogo. São 22 jogadores distribuídos num vasto espaço, lidando com os pés e uma série de regras. Nenhum outro esporte tem equação equivalente. O lidar com os pés é a principal diferença: não há neles a consciência e a precisão que com as mãos se obtêm mais frequentemente. Não à toa pode-se dizer de um jogador como Maradona, em cuja chuteira a bola parece grudar, que ele usa os pés como se fossem mãos. O pé não prende a bola, e esta rola por um chão coberto de atritos em vez de planar livremente pelo ar. Todos os psicólogos sabem da ligação direta entre consciência e mãos (o esquecido Wilhelm Reich tem páginas interessantes sobre isso); entre o centro cerebral e os pés as discagens são apenas à distância. Daí a quantia de imprevistos e erros grosseiros – e a chatice – que pode existir mesmo numa partida, digamos, entre Milan e Ajax. E daí o valor do instinto, da intuição e do subconsciente no futebol.

Claro que há espaço para a consciência, mesmo a matemática. Se Garrincha era o "gênio intuitivo" por excelência, Pelé demonstrou o valor do autocontrole e a solidariedade. Como disse o poeta Décio Pignatari, o gênio de Pelé consistia não só em suas jogadas surpreendentes, mas também em saber onde ele estava e onde seus companheiros estariam no momento seguinte – tudo isso num átimo de percepção. Era um primor de cálculo. Basta como exemplo a rolada lateral que ele, quase insolente, deu para Carlos Alberto na final da Copa de 1970. Pelé, em suma, parecia ter olhos detrás da cabeça.

Mas ele provou também que a consciência quase onipresente não é inimiga dos lampejos, das fagulhas de criação. É este fato que aproxima o futebol da arte, e não a existência dos lampejos, das fagulhas de criação. É este fato que aproxima o futebol da arte, e não a existência dos lampejos e fagulhas. Um grande defeito dos que escrevem sobre futebol é acreditar numa espécie de divindade que "baixa" no jogador na hora do lance de brilho. Nelson Rodrigues (*À Sombra das Chuteiras Imortais* e *A Pátria de Chuteiras*, Companhia das Letras) e seu irmão Mário Filho (*O Sapo de Arubinha*, mesma editora), grandes escritores, vão um pouco para esse lado. A qualidade poética de seu texto, no entanto, é que os destaca entre os cronistas futebolísticos: eles pegam como ninguém o caráter épico e lírico do esporte. (O inglês Martin Amis escrevendo sobre tênis, perto de Nelson e Mario, não passa de um poetastro).

A psique do futebol por sua variedade e combatividade, se presta à crônica mais do que a qualquer outro gênero literário. A crônica é modesta, admite erros e se permite licenças poéticas; não impõe interpretações e análises. Mas, pelas mesmas características, pode cometer imprecisões e até exageros: é comum o cronista futebolístico ver mais coisas do que as que ocorreram no gramado.

E o que ocorre no gramado? Grosso modo, jogar futebol é como guiar um carro: no começo, você precisa aprender cada um dos passos (apertar a embreagem, engatar a marcha, soltar a embreagem, acelerar etc.) e pensar neles a todo instante; mais tarde, com o tempo e a prática, o processo se torna uma segunda natureza e você pensa bem menos nele. No futebol, também, você não "pensa" durante boa parte do tempo. Às vezes ocorre que você imagina uma jogada bem antes de a bola chegar até você e, quando ela chega, você a realiza sem se dar conta – e, pronto, gol de bicicleta.

Claro que, se você jamais deu uma bicicleta antes, não dará então. É preciso praticar: ninguém nasce sabendo fazer "embaixadas". Acontece que quanto mais você pratica, quanto mais consciência adquire (tática, inclusive), mais preparado está para os lampejos. Entre 1958 e 1970 Pelé se educou com uma experiência internacional única, mas os chapéus e dribles que dava aos 18 anos continuou dando aos 30, com o acréscimo do refinamento. Galeano parece entender isso, mas suas ênfases são equivocadas. Maradona mostra, sim, que a inventividade "também pode ser eficiente" – mas Pelé já o provara antes. Você pode citar aquele cruzamento de chaleira, perfeito, que Maradona deu certa vez, uma jogada jamais repetida por quem quer que seja: mas Maradona a fez porque não chuta com a direita e ele nunca foi visto fazendo gol de bicicleta; já Pelé, que chutava com ambas as pernas e ainda cabeceava insuperavelmente, fez vários.

A habilidade de ambos difere em estilo, e é um erro dizer que Maradona é mais habilidoso que Pelé. Um lance como aquele, também da Copa de 1970, em que Pelé mata no peito e antes de chutar troca de pé para encaixar melhor a bola entre o goleiro e a trave, acredite, é mais difícil de fazer (especialmente numa Copa do Mundo) do que a espantosa chaleira de Maradona. Quer prova mais consistente da relação entre conhecimento e criatividade do que essa jogada de Pelé? E quer prova maior do fascínio do futebol?

Pelé, como jogador, sabia ser humilde sem deixar de ser ousado. Era psicologicamente maduro, tanto que jamais pratica exibicionismos; jogava para o time e fazia o time jogar para ele. Era enciclopédico no conhecimento e surpreendente na criatividade. Errava, mas em muitos dos erros era também genial. Que até agora não tenha merecido um livro realmente bom é uma prova de que a arte da crônica ainda não percebeu toda a riqueza da psicologia do futebol. (19/1/1996)

O cronista necessário

A ficção brasileira não enfrentou o futebol, mas a crônica sempre bateu bola. José Lins do Rego, que certa vez notou que "escritor brasileiro não sabe bater escanteio", cobriu seu Flamengo com grandes lances literários. Nelson Rodrigues e Mario Filho foram os narradores líricos do despertar das multidões na era de ouro do ludopédio nacional. De Coelho Neto a Tostão, passando por Armando Nogueira, Ruy Carlos Ostermann e tantos outros, o Brasil se acostumou a ver dribles de letras. Agora é a vez de lembrar outro grande cronista e poeta, Paulo Mendes Campos, cujas poéticas crônicas esportivas foram reeditadas em *O Gol É Necessário* (Civilização Brasileira).

Com organização de Flávio Pinheiro, o livro recupera um cronista esportivo que rivaliza com os maiores. Campos não tinha o estilo sofisticadamente ardoroso de Nelson, nem conhecia futebol como Mario Filho, mas suas crônicas têm uma qualidade literária equivalente. Sem o compromisso do jornalista assíduo e especializado, ganha em liberdade.

Faz uma comparação, por exemplo, entre si mesmo e o Botafogo, time pelo qual torcia: "O Botafogo não se dá bem com os limites do sistema tático; tem que ser como eu, dramaticamente inventado na hora." Depois, classifica artistas e escritores de acordo com os times cariocas. Leonardo da Vinci, Balzac, Tolstoi e Beethoven são flamengo: épicos, intensos. Rafael, Flaubert, Baudelaire são fluminense: sintéticos, clássicos. Michelangelo, Bach, Dostoiévski, Rimbaud são botafogo: imprevisíveis, vivazes – como ele, Paulo Mendes Campos. "O Botafogo é paixão, é Brasil, é confusão; Campos Paulo Mendes é paixão, Brasil, confusão."

Campos junta como ninguém o mundano e o reflexivo, a partir do futebol: "O brinqueado essencial do homem é a bola." Tem, sobretudo, a grandeza de enxergar a natureza humana nos caminhos e descaminhos do gramado: "Defeitos e virtudes não são partes que se possam isolar em Garrincha, que escreve certo por linhas tortas. Suas pernas são os símbolos desconexos dessa ilogicidade criadora." Mas Campos também sabe rir do ludopês dos outros cronistas esportivos, dos exageros de Ary Barroso e do glossário que brota dos vestiários. Também faz poemas, como torcedor no Maracanã ou como admirador da seleção de 62, ou uma prosa na língua do "p", em *Pelé Passa para Pepe*. E, ainda, pode ser profético: "O futebol de hoje tem certa monotonia de repartição pública."

Seu compromisso, no entanto, é um só: consigo mesmo, com sua paixão infantil pelo futebol cultivada sem vergonha até a aposentadoria, sem vergonha de ter cheiro de capim: "É o aroma rasteiro da grama que me espacia." Então fica fácil entender por que o futebol preferiu a adoção da crônica à da ficção: como o futebol, a crônica pode ser sublime ou despretensiosa em curto espaço; infantil e épica; livre e precisa; falha e gloriosa, de um relance a outro. Recheando o comentário esportivo de memória subjetiva, Mendes Campos abriu um campo ainda seu, feito estrela solitária. (10/12/2000)

O drible antropofágico

É raro o futebol entrar na arena da academia e é mais raro ainda sair de lá com ginga e brilho. Em *Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938* (Nova Fronteira), o historiador e pesquisador da Unicamp Leonardo Affonso de Miranda Pereira rompe tal esquema e faz uma tese de doutorado interessante para qualquer tipo de leitor. Livros sobre futebol no Brasil costumam ser reuniões de crônicas, álbuns de fotos ou biografias narrativas. Pereira faz um estudo sério, mas com leveza e fluência, sobre um aspecto menosprezado do esporte nacional: os contornos sociais de sua afirmação.

Esporte nacional? Nem tanto, no período que Pereira estuda. O "football" foi promovido no Brasil pelos ingleses e rechaçado pela elite e pelos nacionalistas por seu aspecto vulgar e importado. Num capítulo especial, Pereira descreve a reação de escritores como Graciliano Ramos e Lima Barreto contra a modalidade que nada teria a ver com a cultura local. Quando o autor deixa a história, no ano da Copa de 38, o futebol já é o esporte mais cultuado do Brasil, e Getúlio Vargas anota em seu diário a comoção nacional pela derrota diante dos italianos. O que aconteceu nesse período é o que Pereira mostra: como aquele esporte "esnobe" se tornou preferência popular?

Uma das questões centrais nessa transformação cultural é a do racismo. No início, negros eram proibidos de jogar na maioria dos clubes; aos poucos, porém, o surgimento de grandes atletas negros e a carência de mão-de-obra (ou pé-de-obra), devido à adesão popular ao ludopédio, modificaram o panorama, abrindo espaço para uma nova auto-imagem da composição do povo brasileiro. O esporte antes reservado a "fidalgos" era agora propriedade de todos, apesar das muitas dificuldades enfrentadas para o ingresso dos negros nos clubes esportivos. Com o tempo, os jogadores deixam de ser vistos como diletantes e passam a ser profissionais, "trabalhadores da bola", com direitos como quaisquer outros.

Pereira toca também na questão espinhosa do moralismo darwinista da época, como a crença de São Paulo em que seu avanço "moral e material" se reproduziria nos torneios de futebol. Também trata dos ritos de masculinidade envolvidos no jogo, como o escritor Coelho Neto viveu pessoalmente (seu jeito afetado e reservado inspirava o coro habitual). Mas Coelho Neto exaltou as virtudes guerreiras do futebol, enquanto Lima Barreto - que o chamava de "bolapé" - ironizava essas pretensões regeneradoras e ufanistas. Foi a única vez que Coelho Neto bateu Lima Barreto: de fato, o futebol brasileiro valeu como contraposição ao complexo de inferioridade diante dos europeus.

Com o tempo, o futebol impôs sua força sobre a "identidade" brasileira, numa verdadeira operação antropofágica, em que o jogo dos saxões refinados foi convertido em emblema de uma democracia multi-racial, no que tinha de falso e triunfalista mas, sobretudo, no que ajudou à necessária etapa de afirmação da nacionalidade. Excessos que já deveriam estar findos, mas não estão. (10/12/2000)

PARTE II – COPA DE 1998

Textos extraídos das colunas *Sinopse* e *Corner*

Domingo passado, Brasil 2 x Bolívia 1, 46 minutos do segundo tempo. Ronaldo, autor do segundo gol brasileiro, ameaça dar combate a um defensor boliviano perto da área adversária. Zagalo, captado por um microfone beira-campo, grita para o melhor jogador do mundo: "Fica! Fica!" Ronaldinho não atende. Parte para cima do boliviano, tira-lhe a bola, dribla outro inimigo e toca para Denilson, que também dribla uma vez e toca para Zé Roberto, que chuta. Gol brasileiro. 3 x 1. Não é muito mais saboroso assim? (4/7/1997)

Faltam nove meses para a Copa do Mundo da França, mas a seleção brasileira continua jogando uma vez por mês, na maioria em ritmo de treino, e mais de cem atletas (!) já foram convocados ao todo. Não é preciso ser muito esperto para perceber que isso será nocivo. Ou será que já ganhamos? Mas temos pelo menos um grande problema a resolver, que é o armador que jogue pela direita. Marcelinho, Juninho e Giovanni são muito irregulares; Emerson ainda está cru para função tão importante; Edmundo, o pavio-curto, joga avançado demais para um time que tem dois experts em finalização; e nossos canhotos são muito tendenciosos. Acho que a solução poderia ser Raí. Ele está em ótima fase, adquiriu muita experiência no futebol do país-sede, é forte e tem sofisticação técnica – cabeceia e bate faltas muito bem. Assim, aí vai minha renovada sugestão de seleção (mas eu só mudei dois nomes): Velloso, Cafu, Gonçalves (Cleber às vezes falha feio), Aldair e Roberto Carlos; Dunga (todo time precisa de um xerifão de topete), Flávio Conceição, Raí e Denílson (Leonardo pode entrar no segundo tempo); Romário (todo time precisa de um irresponsável de gênio) e Ronaldo. Os reservas seriam: Zetti, Russo, Cleber, Ricardo Cruz e Zé Roberto (um craque; quanto mais vezes entrar, melhor); Leandro (xerife-reserva), Mauro Silva, Leonardo e Rivaldo; Edmundo e Anderson (tem mais experiência internacional do que Dodô). Em tempo: sou corinthiano. Mas fatos são fatos, devo reconhecê-los... (19/9/1997)

Os cronistas esportivos não dizem, então digo eu. Quem fez a diferença no jogo entre Brasil e Alemanha foi Ronaldo – não só pelo gol, mas também porque no segundo tempo veio ao meio-campo buscar a bola e levá-la a tabelas com Romário, já que Denílson e Rivaldo foram anulados pelo vigor germânico (e Zagalo, estupidamente, não experimentou Raí). Romário, porém, estava mal. E quem criou a situação para o passe preciso de Roberto Carlos foi o próprio Ronaldo, em mais um arranque genial. Basta enxergar. (3/4/1998)

O jogo da amarelinha

Tenho em minha casa um quadro do grande Antônio Lizárraga, uma ilustração feita para jornal, cujo tema é Garrincha. Ele fez um campo visto de cima, em toda sua correção geométrica, mas com um leve desvio de simetria em todo ele. Na metade superior direita do quadro, pintou um quadrilátero em ângulo oblíquo em relação às laterais do campo, mas alinhado com o gol. É Garrincha, com suas pernas tortas, rompendo os esquemas e obrigando o gol a reverenciá-lo. Bem, não é porque o quadro é meu: poucas vezes vi o futebol explicado de forma tão poética, tão sintética, em comparação com as retóricas verbais de nossos cronistas esportivos. Lizárraga, artista de rara sabedoria nesta terra de artistas ignorantes que é o Brasil, sabe que no futebol o erro pode ser acerto e vice-versa. É isso que distingue esse esporte dos outros, fazendo-o o mais popular do mundo. Você pode não gostar de futebol, mas não pode ignorar o que ele significa, ou desprezá-lo como alienante. O prazer de ver uma coisa difícil ser bem-feita não cabe em equações econômicas nem sociológicas.

Três são os recursos básicos do futebol: o chute, o passe e o drible. Por que Brasil e Alemanha são os países que se saem melhor no futebol? Se a equivalência com a Alemanha irrita você, lembre que a população deles é metade da nossa e que, mesmo assim, eles têm obtido tantos resultados quanto nós. Apesar de terem uma Copa a menos, chegaram muito mais vezes às etapas finais. Sei que no Brasil só levam em conta o topo do pódio – e José Roberto Torero escreveu ótimo artigo na *Folha* outro dia sobre como não gostamos de ser vice em nada –, mas o fato é que os alemães podem nos ensinar muita coisa sobre esse esporte que julgamos espelhar integralmente nossa alma. O mérito do "dream team" brasileiro de 1970, não por acaso, era o passe, o altruísmo praticado entre talentos magistrais, aquela espécie de altruísmo que só os verdadeiros individualistas sabem atingir. Brasileiros chutam muito bem e driblam melhor ainda, e é justamente por isso que vai ser melhor aquela equipe que estiver mais bem entrosada. Não é nosso caso no momento.

Lembro que Parreira foi criticado veementemente em 1994, mas ganhamos a Copa. Bem, sempre concordei com as críticas mas não com a veemência. Ele sabia duas coisas: que seu material humano era deficiente, logo precisaria de muita coesão para compensar; e que o futebol moderno é viril e veloz, algo diferente do estilo tradicional brasileiro, precioso e lento. Mas estava longe de ser o "estrategista" alegado por alguns ufanistas. O fato é que ele confiou demais em um só jogador, Romário, e a sorte – sim, sorte! – foi que Romário correspondeu. (Observação rápida: Bebeto foi responsável em 40% pela eficiência do ataque naquele torneio de baixa qualidade média. Naquela época ele acertava os passes.) E note que Romário perdeu um gol na área pequena durante a final, que uma Copa do Mundo nunca havia sido decidida nos pênaltis e que Parreira demorou em fazer substituições. Certamente não era parte de sua estratégia que justamente Baggio perdesse um pênalti... Ainda bem que o espírito de Paolo Rossi faltou a Baggio.

Futebol é isso, presença de espírito. Tudo se trata de acertar o "timing": você deve se deslocar para receber, deve se antecipar para não ser demonstrado, deve saber a hora certa de cortar o adversário ou enxergar suas pernas abertas para lhes enfiar a bola adentro. Veja como Denílson erra dribles – mas ele precisa errar bastante para acertar alguns. E aí entra o técnico: ele tem de conhecer seus jogadores para compensar seus defeitos e os erros que qualquer um comete, isto é, para extrair o melhor do conjunto ao extrair o melhor de cada um. Se você tem um driblador como Denílson, precisa ter um finalizador e um passa-

dor que se somem a ele. Telê Santana foi um grande técnico por causa disso. Zagalo não o é pela mesma razão, ainda que ganhemos o penta.

Por que perdemos em 1982? Bem, havia alguns problemas. Serginho, por exemplo, não era centroavante para ocasiões tão grandiosas. Fez apenas dois gols, ambos fáceis, e falhou várias vezes, embora alimentado pelo trio dourado Zico-Falcão-Sócrates. Mas o motivo maior foi ele, o Imponderável: como Telê poderia prever, nos dois gols italianos, o passe irresponsável de Cerezo e a colocação errada de Júnior? Técnico ajuda, mas não salva. Alguns muito ajudam quando não atrapalham, como Zagalo em 70.

Sem Romário, perdemos um finalizador importante, mesmo que Ronaldo seja um artilheiro nato. Ronaldo. Esse pode errar, pode ficar jogos diversos sem marcar, etc., mas ninguém vai me convencer de que ele não é um predestinado, um atleta com a vocação de pertencer à galeria de Leônidas, Garrincha, Pelé e Zico, à qual nem mesmo Romário pertence. Mas Ronaldo precisa receber a bola. Rivaldo e Giovanni – goleadores também – talvez possam acertar, mas toda previsão é necessária. Me refiro a Denílson e Roberto Carlos: é preciso permitir que esses dois tenham acesso a Ronaldo. Daí a importância de Leonardo atuar como segundo volante, mais pelo lado esquerdo, azeitando a comunicação entre esses dois alas. Do lado direito, Dunga é capaz de lançamentos precisos, além de combates rígidos. César Sampaio como armador não dá.

Mas eu estava falando de Romário. O mérito da questão sobre seu corte é médico, mas algo me diz para acreditar nele quando afirma que poderia se recuperar para o segundo jogo. Sua presença em campo deixa qualquer defensor ansioso. E ele vinha sendo uma boa opção para quando Ronaldo – com quem vinha começando a se entender às maravilhas – estava marcado demais, fato bastante comum. Eu jamais o tiraria dos 22, a não ser que sua contusão fosse realmente grave. Cada gol de Romário é um haicai, um pequeno poema podado em seu jardim particular, um curto-circuito em baixa voltagem. Mas sua incorreção política bateu com a correção de Zico, e perdemos um ídolo mundial. Brasileiro detesta ser vice, mas adora devorar seus heróis. Já escrevi antes: se é triste o país que precisa de heróis (Brecht), mais triste é aquele que não os reconhece...

Voltando ao tema inicial, Ronaldo é, sozinho, a mais perfeita encarnação de que o futebol europeu ("força") e o sul-americano ("arte") não estão nos antípodas do clichê. Ele aprendeu na Holanda a importância do passe, do deslocamento, da objetividade, do vigor físico. No Brasil ele já nasceu sabendo driblar e chutar como um dançarino. Resultado: primeiro a Espanha, depois o mundo ficaram boquiabertos diante de suas jogadas. Vi um especial sobre ele na ótima ESPN Brasil que mostrava imagens dele jogando salão aos 13 anos. É impressionante. A quantidade de recursos e a capacidade de aplicá-los fazem dele um astro, e seu ajuste entre criatividade e eficiência deveria ser um mote inspirador para o Brasil, sim. Idolatrias existem, meu caro; logo, vamos tratar de pensar nelas, de convertê-las em energia produtiva. Mas não. Num país que ainda acredita em Lula como alternativa política – isto é, que descarrega nele todo seu ressentimento com as dificuldades do mundo moderno – Ronaldo ainda vai ter de matar mais leões do que Espártaco. Por isso é mais idolatrado nos outros países do que em seu próprio. Ao mesmo tempo, deposita-se tanta esperança nele que, se o Brasil não vencer, vão lhe apontar o dedo acusador como apontaram contra Zico em 86. Imprima-se: o futebol rejeita a perfeição.

E só por essa quantidade de reflexões que pode provocar – apesar do deslumbremento, dos passionanismos ridículamente justificados ("futebol é paixão", etc.) – o futebol deveria ser mais considerado pelos bem-pensantes. Mas não deveria ser levado tão a sério. Tenho amigos que ficam deprimidos durante dias depois que seu time perde algum jogo

importante... Brasileiros têm a coragem de enfrentar as fortes emoções, mas rejeitam as idéias fortes. Nada deve canalizar tanto as expectativas – coletivas ou individuais. É por esse motivo que acho importante que as televisões façam uma cobertura mais sóbria e articulada, menos redundante e asinina, do que as habituais. Só que elas são comprometidas com esse emocionalismo, assim como os jornais. Quando vi a imensidão de pessoas enviadas por nossos veículos para a França, não pude conter o espanto.

Eu também gostaria que os comentaristas deixassem claro quando estão dando uma avaliação ou um palpite. Eles insistem em confundir as esferas. Por exemplo: meu palpite é que esta Copa pode começar a quebrar a hegemonia de times como Brasil, Alemanha, Itália, Argentina. O fato de que a Copa só tenha sido vencida por uma minoria demonstra que ela não é nada fácil. Logo, quanto mais amarrado taticamente o time estiver, melhor. E nenhum dos citados está bem, a despeito da tradição. Holanda e Espanha podem surpreender.

O título desta coluna é uma homenagem ao grande escritor e goleiro Júlio Cortázar, autor de um livro com esse nome. Como ainda não li nenhum trabalho em ficção – nem mesmo em não-ficção – que pegue o aspecto einsteiniano do espaço-tempo futebolístico, em que causas e efeitos se confundem e a única constante é a localização dos gols, tomo seu livro como exemplo das possibilidades metafóricas do futebol. Nenhum outro esporte se parece tanto com a vida: erra-se muito, o inferno são os outros (adversários e companheiros), quase nada do que planejamos acontece, inferno e paraíso se distanciam por um átimo de tempo, existe culpa e não existe culpa. O gozo é reservado a instantes, mas para isso estamos em campo.

O pecado da seleção, todos sabem, é não ter mantido um ritmo de preparação adequado. Zagalo chamou mais de cem jogadores e, em quatro anos, não conseguiu estruturar uma equipe. Saia pela rua e faça uma pesquisa: todos concordam em pelo menos um ponto: os jogadores titulares que mais levantam dúvidas quanto à sua capacidade técnica e/ou física – Taffarel, Cafu, Aldair, Dunga e Bebeto – são os remanescentes de 1994... Mas um ataque formado por Giovanni, Rivaldo, Ronaldo e Denílson é o sonho de qualquer técnico de qualquer país. Ainda mais se contar com lateral forte e rápido como Roberto Carlos. Em suma, se ganharmos o mérito é deles, se perdermos a culpa é de Zagalo e da CBF. Toc, toc, toc. (5/6/1998)

Rinaldo e Rovaldo, a luz no fundo da taça

Ronaldo falou, Ronaldo avisou: o Brasil é o maior inimigo do Brasil. Como o jogo contra a Escócia e a partida entre Marrocos e Noruega demonstraram, a chance de ir para as oitavas-de-final é clara como holofote. Mas Ronaldo disse: não adianta um querer aparecer mais do que outro. O que se viu no primeiro jogo foi que temos dois laterais em boa forma, um capitão com precisão nos lançamentos e algumas estrelas do drible & chute como Rivaldo, Denílson e o próprio Ronaldo. Trata-se de um ataque poderoso e, no entanto, falta-lhe justamente o “punch”, a pegada, a verticalidade. Está certo que a meia-direita continua um problema irresolvido – Giovanni se dá melhor mais à frente, Leonardo é canhoto – e que o conjunto da seleção está descosturado. Mas uma coisa é fundamental em qualquer time da história: uma dupla decisiva.

Mesmo nas Copas que os passionais de plantão dizem ter sido ganhas por um único jogador – Garrincha em 62 e Maradona em 86, por exemplo – havia sempre um finalizador entrosado com ele (Vavá e Valdano, respectivamente). Bebeto, que foi coadjuvante de brilho de Romário na última Copa, claramente não é o mesmo nesta. Denílson não tem a eficiência da “estrela solitária” – porém solidária – na assistência aos artilheiros. Logo, depois de observar o jogo de abertura, o que se pode querer é que Rivaldo e Ronaldo se entendam mais. Ronaldo vinha buscar a bola no meio-campo, mas quando se virava de frente não tinha com quem tabelar. Rivaldo às vezes prende demais a bola, quebrando sequências promissoras, talvez porque não use a perna direita.

Desse vínculo pode vir a agressividade que falta. Rinaldo e Rovaldo – eis a luz no fundo da taça. (12/6/1998)

Volta que o patriotismo dá

Fazer uma crítica técnica à cobertura da Copa do Mundo pela TV é fácil: a falta de criatividade das pautas, a patriotada desvairada, a repetição desmedida das informações, a superficialidade dos comentários, o excesso de pessoas que não entendem do assunto enviadas para lá. E a própria transmissão francesa tem sido desanimadora: perdem-se replays, ocorrem problemas de sinal, regula-se mal a luminosidade. (Na verdade, os males da organização já começam no campo, onde a reposição das bolas é tristemente precária.) Mas existem alguns parâmetros que poderiam ser respeitados, e nem mesmo o argumento mercadológico justifica abandoná-los.

Não por acaso Galvão Bueno é tão rejeitado em pesquisas: do padeiro ao colunista ele é tido como uma enciclopédia de asneiras de que nem mesmo Voltaire imaginaria um humano capaz. Galvão não galvaniza. Seu colega Cléber Machado, até por força do contraste, tem se destacado. Erra pouco, não dá opiniões o tempo inteiro, enxerga realmente os lances, deixa os comentaristas falarem nos momentos certos e pelo tempo necessário. Pelas expressões que usa e pela antecipação das jogadas que faz, percebe-se que já jogou bola, ao contrário do outro. E a Globo tem um • bom time: Falcão, Júnior, Pelé e, como curiosidade (embora ele oculte o "olhar de dentro"), Romário. Somado à audiência pré-garantida, isso lhe dá a liderança por larga margem. Assim, não seria custoso colocar rédeas em Bueno.

Na transmissão de Argentina 1 x Japão 0, no último sábado, por exemplo, ele estava inspirado. Fez grande festa com o gol de Batistuta, gritando "Aí não tem erro, aí não tem erro!". Depois Batistuta deu um pulo e cabeceou na trave, e Bueno não se fez de rogado e decretou: "Esse Batistuta é um fenômeno". Ora, todo mundo sabe que "fenômeno" é o apelido que os italianos deram a Ronaldo, o atacante que apenas em seu país é chamado de Ronaldinho, como se não tivesse 1m 83 de altura e não fosse um jogador maduro. Logo, a pergunta se faz necessária: é falta de originalidade, Galvão, ou má-fé mesmo?

Vamos aos fatos. No último Campeonato Italiano, aquele que as TVs brasileiras não transmitem sistematicamente (é preciso vê-lo na RAI), Ronaldo foi o vice-artilheiro, perdendo apenas para Bierhoff, o alemão que é estrela solitária na Udinese – ao passo que Ronaldo é bem menos acionado na Inter de Milão, que possui elenco mais valioso. (A propósito, pelo que se viu no primeiro jogo da Itália na Copa, Roberto Baggio poderá servir muito bem a Ronaldo no ataque da Inter, para onde vai na próxima temporada.) Batistuta ficou atrás de Ronaldo, apesar de já estar no futebol italiano há bem mais tempo. Que Ronaldo tenha sido vice-artilheiro em sua primeira temporada é um feito notável, tanto que foi o estrangeiro que mais marcou até hoje. E Ronaldo é capaz de um número muito maior de jogadas bonitas, como mostrou no jogo entre Brasil e Escócia, onde driblou três zagueiros, usando os dois pés, e quase fez o gol – o lance mais bonito do evento até ontem.

E o que Galvão diz? Diz que Ronaldo não foi muito bem no italiano, que está em má fase, que não marca há quatro jogos pela seleção brasileira (contando treinos e o embate ridículo contra aquele time de várzea de Andorra), etc. Especula sobre sua vida pessoal. Não dá crédito às declarações que ele dá, como a de que o estrelismo pode atrapalhar a seleção e a de que o meio-campo precisa entrar em sincronia com o ataque (duas opiniões definitivas). Julga-o apenas pela quantidade de gols que marca ou deixa de marcar, como se fosse apenas um finalizador à maneira de... Batistuta. É melhor a Globo pedir para Bueno se limitar a narrar nomes e lances e deixar os comentários para quem entende. A torcida agradece. (19/6/1998)

O futuro é agora apenas um “se”

Começa hoje a terceira rodada da primeira fase da Copa, e a projeção de cenários já se impõe. Seis equipes estão classificadas: Brasil, França, Nigéria, Argentina, Croácia e Romênia. As três maiores goleadas aplicadas até aqui foram contra adversários com um jogador a menos. Afora a Iugoslávia e a Nigéria, que estão surpreendendo, e a Espanha, que decepcionou bastante, o torneio tem corrido como se previa. Mesmo os empates de Itália e Alemanha não podem reduzir a potencial ameaça que elas representam.

Para o Brasil, que enfrenta hoje a Noruega às 16h, a futurologia é benfazeja. Já classificado em primeiro, deve enfrentar o Chile nas oitavas-de-final e, se ela vencer a Dinamarca, a Nigéria nas quartas. São equipes que não podem ser desprezadas, mas que fazem um jogo franco e leve, ao gosto brasileiro. Em seguida viria a Argentina, se esta vencer a Holanda (jogo que promete), e aí não há previsão clara. Seriam dois ataques velozes contra duas defesas lentas e, no meio, se os argentinos têm Verón e Ortega, os brasileiros têm Dunga e Rivaldo. Eles "mordem" mais e acertam mais passes, mas nós temos o brilho único de Ronaldo, além de dois laterais de maior qualidade.

E na final, quem seria o adversário? Bem, França, Inglaterra, Alemanha e Itália podem chegar lá. Mas se Rivaldo e Ronaldo, co-autores do primeiro gol contra Marrocos, se entrosarem mais; se Bebeto e Leonardo aparecerem para o jogo; se Cafu continuar bem e Roberto Carlos melhorar; se Dunga não exagerar nos chiliques; se Júnior Baiano e Aldair não cometerem nenhum erro crasso; e se Taffarel não for muito exigido – então há possibilidades palpáveis. Torcer, porém, é acreditar quando já não se trata de acreditar. (23/6/1998)

Duas propagandas e o futebol

Quem gosta de futebol, por mais que goste, não consegue ficar livre do sofrimento de ver todos os telejornais tomados pelo assunto – como se fatos importantes simplesmente deixassem de existir por causa da Copa do Mundo –, para não falar de jogos medíocres e todo o marketing em torno do evento. É uma overdose, um martelar contínuo, impiedoso e banal, piorado pelos patriotismos e outros moralismos (prós ou contra) que costumam marcar a época. Agora, se o bombardeio de imagens e bobagens era previsível, podem-se anotar as exceções à regra – produtos de qualidade em meio à maçaroca global. Me refiro a duas propagandas que se destacam nos "shows de intervalo": curiosamente, ambas com o craque brasileiro Ronaldo como protagonista.

O comercial da Parmalat dispensa comentários. Ronaldo aparece numa festa para jogar futebol com os bichinhos da marca italiana, é mandado para o gol e lá termina derrotado pelo grupo. A produção e a trucagem são muito eficientes (embora, para o olho atento, haja um errinho de continuidade na sequência final) e a música bem-feita; tudo foi escolhido para dar à propaganda o ar simpaticamente infantil que ela pedia. Sei que o anúncio que desencadeou essa série foi baseado em outro, mas neste caso a imitação foi convertida em inspiração. Vale lembrar que Ronaldo, por causa de sua careca e seus dentes, é sempre comparado com uma criança crescida, o que sua camisa para fora do calção e a habilidade de quem o dirigiu acentuam, sem apalhaçá-lo. Em consequência, a venda desses bonequinhos subiu vertiginosamente. Se Ronaldo já decuplica os investimentos de seus patrocinadores com seu talento em campo, como garoto-propaganda não se sai pior. Não que ele saiba atuar, mas quem espera isso de um garoto-propaganda? O "baixinho da Kaiser" está longe de ser um Marlon Brando... Estou falando de usar bem uma imagem e um contexto específicos. Não por acaso, a Nike – sua outra patrocinadora – mandou fazer pesquisa recente e descobriu que o atleta brasileiro é nada menos do que 30% mais famoso do que Michael Jordan, o Pelé do basquete, também patrocinado pela Nike.

E é da Nike a outra propaganda que mencionei. Ou melhor, são duas: a sequência do aeroporto e a da praia. Na primeira, Denílson, Romário e Ronaldo fazem malabarismos com a bola pelos corredores de um aeroporto. Na segunda, Ronaldo, Roberto Carlos, Luís Enrique e outros astros internacionais do futebol se divertem numa praia. Há uma edição que traz Ronaldo ao gol, levando "frangos" dignos de Taffarel, e outra em que ele põe a bola debaixo da camisa, sai correndo até à frente da trave e a chuta para dentro. Aqui também as músicas combinam, a produção é perfeita, etc., com o detalhe de que elas foram filmadas em película. Quem teve a oportunidade de ver as seqüências completas percebeu ainda mais a esperteza – no bom sentido da palavra – da Nike. Os jogadores erram, se atrapalham, riem, mesmo que tenham vontade de vencer. Quem já jogou futebol sabe que até os craques erram muito e que o melhor é quando, como se diz, todo mundo está disposto a "brincar sério". Duas pessoas e uma bola bastam.

Esses comerciais, enfim, são aulas de publicidade porque não tentam "persuadir" o espectador com argumentos esdrúxulos, carinhas bonitas ou ideologias veladas. Traduzem

o espírito moleque e moderno do bom futebol, especialmente o brasileiro, claro; e nem precisam pedir para ser lembradas. (24/6/1998)

Uma força para os deuses da bola

Depois que um jogo começa, adquire sua própria dinâmica. No futebol essa dinâmica é mais sujeita ao imponderável e ao contingente – daí seu fascínio. O planejamento é útil, mas o resultado só se mostra a longo prazo. No curto, há uma série improgrável de acontecimentos que podem mudar toda a história. Desse ponto de vista, o Brasil tem confirmado o que todo mundo sabia: que é um time sem projeto mas com diversos talentos, e não apenas um, dois ou três como os outros.

Há dois laterais rápidos e resistentes; dois desarmadores bem posicionados, que ajudam ofensivamente também; dois armadores criativos, ainda que irregulares; e um atacante brilhante, além de outro experiente e de um terceiro letal como arma para o segundo tempo. Mesmo que dois ou três falhem ou sumam durante uma partida, os outros quatro ou cinco funcionam – o que é suficiente para ameaçar qualquer adversário. Foi assim com o Chile anteontem: Cafu, Roberto Carlos, Dunga, César Sampaio e Leonardo estiveram muito bem. Ronaldo não jogou tanto quanto pode, mas marcou dois e aquietou os urubus. Bebeto e Rivaldo foram mal. Assim, e beneficiado pelos adversários fracos, o time está se ajustando.

Copas do Mundo costumam premiar os conjuntos e sua fibra; não há lugar para azarões. Por isso se vai desenhando uma semifinal tradicional, com dois estilos em oposição: de um lado, as equipes que jogam de modo mais entrópico ao querer "fazer bonito", como Brasil e França; do outro, as que estão mais bem armadas, como Argentina e Alemanha. Se os deuses decidirem, aquelas vencem; se os homens, estas. Por enquanto, os deuses têm colaborado. Afinal, quem diria que Sampaio iria tão bem? (29/6/1998)

Calem-se os profetas

Holanda e Brasil vão fazer hoje o que deveria ser a final da Copa do Mundo, pois se trata dos dois melhores times do torneio. Argentina, Itália e Alemanha sempre são fortes, mas não estavam muito bem, como é consenso. O evento também não admite azarões, daí a queda da Nigéria e outras equipes tão decantadas por uma crônica esportiva que ainda acredita num futebol-artesanato e lamenta que o Brasil, por exemplo, não seja o mesmo de 58 ou 70. Mas, como previsto, esta Copa que mais seleções reuniu (32) ameaça romper com a hegemonia contida no fato de que apenas seis países a venceram desde 1930, acrescentando-se ainda que Uruguai a conquistou em priscas eras e a Inglaterra só o fez em casa.

Calma, não estou dizendo que o Brasil não tem chances, ou que a tradição já não pese. Mas, a rigor, ninguém pode prever qual será o resultado de hoje, tampouco o de França e Croácia. Agora, os amantes do futebol esperam de Brasil e Holanda um espetáculo bonito e disputado, de alto nível técnico, e consideram que o vencedor dessa semifinal será também o da final, seja contra quem for.

O cenário aponta igualdade. A Holanda tem os irmãos De Boer, o polivalente Davids, Jonks e o brilhante Bergkamp, além da arma Overmars. O Brasil tem dois volantes em boa fase, os atacantes Rivaldo e Ronaldo (ganhadores do segundo e do primeiro tempos contra a Dinamarca, respectivamente), além de dois craques que ainda estão a dever, Roberto Carlos e a arma de cá, Denílson. Davids tem a vantagem sobre Dunga de ser mais jovem, mas nosso diferencial estaria no ataque. Rivaldo vem atuando bem, mas não procura tabelas com Ronaldo. Este, por sua vez, conhece bem o estilo holandês, porque foi na pátria de Mondrian que aprendeu a partir da linha de impedimento em alta velocidade para o gol. Só que não tem jogado como legítimo centroavante, sacrificando-se pelo esquema de Zagalo. E, no outro extremo, o rei do drible em corte, Bergkamp, terá pela frente um zagueiro que é levado por todos os dribles em corte, Júnior Baiano. Faça sua aposta, mas pegue leve. (7/7/1998)

Da prancheta ao gramado

Não deu nem para ficar triste. A seleção brasileira se mostrou tão apática na final da Copa do Mundo, ontem, que só restou lamentar que uma geração preciosa não tenha tido sua glória talvez prematura. O jogo já começou perdido na prancheta. O técnico Aimé Jacquet não fez a menor cerimônia: avisou em entrevista coletiva, para o mundo inteiro ouvir, que iria bloquear a subida dos nossos dois laterais, marcar intensamente Rivaldo e, com isso, isolar Ronaldo no ataque. Dito e feito.

O Brasil entrou em campo disposto a deixar os franceses virem para cima e, aí, no contra-ataque, fazer a ligação rápida com os homens de frente. Dito e não feito. A França não se afobou, fez dois gols a partir de escanteio, e o Brasil ficou mais uma vez sem agilidade vertical. Foi, em suma, uma final chocha, indigna das oitavas e quartas – um jogo insípido, apesar dos três gols. A lentidão da equipe ontem foi menos um estado de espírito do que um espírito de Estado; faltou ginga no comando.

Logo, não se devem procurar desculpas circunstanciais, como o joelho de Ronaldo ou a conjunção astrológica: toda a equipe jogou mal (só Cafu causou algum rebuliço) e nem mesmo a França estava bem; tampouco adianta dizer que o Brasil derrotou a si mesmo, ou que entrou "de salto alto". O fato é que Jacquet, obrigado a lidar com atacantes grosseiros, soube ganhar o jogo ali onde se ganha: no meio-campo. E o Brasil "zidanou". (13/7/1998)

PARTE III – VIAGEM EM TORNO DE RONALDO

A ginga do meteoro

Há várias razões para não gostar, ou não gostar tanto, de Ronaldo, que insistimos em chamar de Ronaldinho: 1. Toda unanimidade é burra e enjoa. 2. Ele é dentuço, diz “elegido” em vez de “eleito” e namora a Suzana Werner. 3. Ele é um dos jogadores mais bem pagos do mundo desde os 19 anos. 4. Ele não é o novo Pelé. Todas essas razões são perfeitamente razoáveis, mas só a última tem a ver com futebol. Mesmo assim, por que temos sempre de buscar quem é o novo Pelé? Quando ele aparecer, certamente o identificaremos de primeira. Agora, não adianta comparar Ronaldo com Pelé, pois este desempenhava duas (e às vezes três) funções ao mesmo tempo: armar e concluir. Apenas Zico, o ídolo de toda a nova geração de jogadores de futebol, conseguiu combiná-las, mas sem o brilho constante do atleta do século.

No entanto, o que é preciso dizer é que Ronaldo é um dos jogadores mais estupendos surgidos desde Pelé e que a esquizofrênica cultura brasileira tem sido bastante nociva para entender isso. Ele não tem a habilidade de Maradona – e quem teve tanta habilidade em uma só perna quanto Maradona? – nem é tão completo técnica e taticamente quanto Zico foi. Mas ele trouxe ao esporte uma combinação de recursos inovadora, que o qualifica destacadamente para o futebol jogado hoje, e merece todas as honras que vem conquistando, como ser duas vezes consecutivas escolhido o melhor jogador do mundo, pelo Barcelona em 1996 e pelo Inter de Milão em 1997. Assim sendo, reaja-se com um muxoxo indignado àqueles que dizem que Ronaldo “não passa de um finalizador”, como se fosse um Dadá Maravilha ou um Jairzinho, dotado apenas de velocidade, sorte e capacidade de definição. Para cada ídolo, há sempre um espírito de porco posando de iconoclasta, com os pés na lama da inveja. E mesmo os fãs mais ardorosos parecem desejar, inconscientemente, a queda de seu deus pagão, porque não há nada mais canonizador do que um fim trágico...

Quer exemplos? Em dezembro do ano passado, num amistoso entre Seleção da Europa e Seleção do Resto do Mundo, aperitivo para o sorteio das chaves da Copa de 1998, Ronaldo deu um show de bola. Fez dois gols magistrais e serviu aos companheiros nos outros três. Sim, era um amistoso, mas nem mesmo Ronaldo jogou tudo que sabe. Em seguida, porém, houve o torneio da Arábia, um evento desnecessário e estafante, que o Brasil venceu por ausência de adversários. Ronaldo estava mais preocupado em buscar a artilharia no campeonato italiano; foi o único atacante a jogar todos os jogos, que aconteciam de dois em dois dias; e toda a equipe estava desanimada. Como ficou três jogos sem marcar, essa espécie que detém os microfones das transmissões de futebol, tão evoluída quanto as planárias, começou a pedir sua cabeça. Zagalo aproveitou e fez o que sabe fazer – a mise-en-scène da condescendência. Manteve Ronaldo e, na final, sua estrela brilhou como sempre queremos, ofuscando as outras.

Aqui está a questão. Não existem jogadores perfeitos, mas todo mundo age o tempo todo como se a perfeição estivesse ali, a um milímetro de cada jogador, e por isso vemos denominados “craques” surgirem a cada ano para desaparecer no seguinte. Ronaldo erra pênalti, perde gol feito, fica três ou quatro jogos sem marcar (nunca mais do que isso, até agora), aliena-se durante um período da partida, às vezes é “fominha” demais e tropeça na bola? Sim, e continuará fazendo todas essas coisas, pelo simples fato de que todo e qualquer jogador faz essas coisas. Futebol não se resume a estatística: um jogador não deve ser avaliado meramente pelo número de erros e acertos, mesmo porque o que é um erro num

jogo de futebol muitas vezes pode tornar-se um acerto, assim como o acerto pode ser um erro. Futebol subverte as relações habituais de causa e efeito, e não raro o perna de pau poderá ser herói e vice-versa. Nossos formadores de opinião futebolística precisam chegar à era de Einstein.

O problema todo é que Ronaldo é muito visado e o zoom costuma distorcer o foco das imagens. Ele tem sua culpa: faz comerciais demais e, jovem como é (21 anos), tem naturais oscilações psíquicas. Mas, ah, quando ele apanha a bola, liga o turbo que tem nos calcanhares, coloca o centro de gravidade nos dentões e dispara – saia da frente, do lado ou de trás. Ao contrário dos velocistas habituais, ele mantém a bola grudada nos pés e não conserva a mesma aceleração ao longo de sua trajetória. Este é o segredo de seu futebol: ele faz ginga em alta velocidade; o jogo de cintura que os dribladores demonstram com a bola parada, ele demonstra com ela correndo. Varia o arranque de acordo com a situação presente e com a futura, antevendo a jogada. E, se diminui ou breca, tem um repertório de dribles fantástico, em grande parte tirado do futebol de salão. Além dos cortes secos ou avanços repentinos, ele dá o “elástico” (que, sem desgrudá-la do pé, empurra a bola para um lado e a inverte rapidamente para o outro) e aquele em que passa o pé direito sobre a bola mas deixa o pé esquerdo conduzi-la adiante, deixando o defensor sem ação.

Na maioria das vezes, por sinal, Ronaldo domina com um pé e sai com outro. Ao contrário de quase todos os jogadores, ele chuta com os dois pés, como Pelé, o que representa a agrura dos goleiros. E não só chuta: conduz e dribla com ambos também, ao contrário de Romário ou Edmundo. Seu vocabulário técnico tem mil variantes: ele domina a bola com a cabeça, faz passes de trivela, deixa a bola correr à sua frente, chuta forte, bate falta, etc., etc. Além disso, seu porte físico – que deve à boa consciência dos holandeses, inexistente no Brasil – permite que faça jogadas de alta velocidade e sinuosidade sem perder o equilíbrio. É por isso que pode driblar o goleiro na pequena área, atravessar um terço do campo em diagonal ou avançar entre cinco jogadores e sair do lado de lá, vitorioso, na cara do gol.

Não foi à toa que fez de Stoichkov, Guardiola, Dela Peña e Figo seus coadjuvantes de luxo, naquele campeonato espanhol em que o futebol é jogado em tão mais alto nível do que no italiano. Ele, pessoalmente, queria ficar lá, mas o dinheiro falou mais alto, e teve de ir para o Inter de Milão tornar-se líder do líder (no momento vice-líder). Mas quem o conhece desde os tempos pré-Barcelona – ele foi o destaque nas duas temporadas em que esteve no PSV da Holanda, em 1994 e 1995 – sabe que seu futebol se adapta a qualquer lugar; seja ou não o artilheiro, ele será sempre o centro dos lances e das atenções. Por tudo isso, na próxima Copa, em que o Brasil tem seu melhor elenco desde 1982, há todas as condições para que ele arrebente – desde que o time saiba quando jogar a bola para ele. O resto ele faz, nem que seja atrair três zagueiros para Romário concluir.

Tem defeitos? Sim, mas nada que não possa aprimorar – lembre-se, ele nem tem cinco anos de carreira profissional. Não cabeceia muito bem, por exemplo, e nem sempre demonstra aquela frieza letal que Romário demonstra diante do gol, numa economia de movimentos que os anos sofisticaram. Mas joga um futebol moderno, de atenção constante, em que sempre bordejando a linha do impedimento para dela explodir como um meteoro em direção à meta. E joga honesto e franco. Não protege a bola com o braço elevado nem fica esperando sofrer a falta – duas manias dos jogadores atuais. Seu prazer de jogar futebol se estampa naquele sorriso adolescente que solta depois de fazer o gol, que é muito mais do que o sorriso de um garoto suburbano que recebe milhões de dólares por mês. É o sorriso de quem se sabe falível e genial, ainda que os urubus travestidos de canarinhos não o dei-

xem em sossego. Enquanto o verde do gramado o animar mais do que o dos depósitos bancários da Nike e da Parmalat, ele continuará sendo o maior jogador do mundo. Apesar da unanimidade. (6/2/1998)

A convulsão e a salvação da mídia

No *Jornal Nacional* de sábado todo bloco era aberto com o bordão "Sou brasileiro/ com muito orgulho/ com muito amor". O penta era só uma questão de tempo. Pedro Bial exaltou nossa miscigenação, dizendo que aqui não existem brancos (são 54% da população, segundo o *Almanaque Abril*) e esquecendo que a seleção francesa era ainda mais diversificada etnicamente. Ecoou nas entrelinhas uma declaração recente do cantor Carlinhos Brown: "O brasileiro nasce com alguns pontos a mais no QI, por ser uma mistura de raças".

No domingo Galvão Bueno chegou a falar em "conspiração" a respeito da não-escalação de Ronaldo. Durante o jogo, o porta-voz, digo, o locutor se recusava a reconhecer a iniquidade brasileira. No *Fantástico*, mais tarde, o constrangimento era evidente, numa rede que enviou mais de 150 profissionais para a França para engrossar o coro patriótico. Foram sacadas matérias fracas de gaveta, e a Copa foi abordada em doses homeopáticas nem sequer um resumo de um evento tão grandioso e longo foi posto no ar. Os analistas táticos desapareceram, e ninguém veio conferir "guilhotina" ou "champagne" aos atletas.

Mas na segunda-feira tudo se resolveu: revelou-se a convulsão de Ronaldo horas antes do jogo e, pronto, o que se procurava surgiu - uma explicação única e suficiente para a derrota. Jogadores de caráter (não se leia Roberto Carlos) disseram que o episódio com o centroavante os abalou, mas que a partida foi perdida porque a França jogou melhor. A TV interpretou da seguinte maneira: a seleção não venceu porque o episódio com Ronaldo a abalou. E a explicação tinha uma vantagem: não implicava culpa. Alguma intervenção supra-humana entrou em nosso caminho rumo ao penta, perturbando justamente a performance daquele que a TV Globo voltou a chamar de "maior jogador do mundo". As providências satisfizeram ao mesmo tempo nosso fatalismo, nosso passionalismo e nosso escolasticismo. Fizemos o que pudemos; os astros é que não colaboraram.

Claro que o episódio ainda está longe de esclarecido. Foi convulsão mesmo? Apenas estresse causa convulsão? Ronaldo vinha tomando corticóide para as dores nos joelhos e tornozelo? Ele tem desritmia? Se tem, como é que todo o aparato que o cerca nunca havia detectado? Quem decidiu que ele jogaria, mesmo ele tendo se oferecido? E por que os outros jogadores, vendo o sacrifício feito pelo craque, não o tomaram como estímulo? Só uma coisa é clara: a convulsão de Ronaldo não explica nossa derrota.

Bem, todo mundo sabe que a mídia – pois os jornais escritos e os outros canais de TV não se diferenciaram da Globo – vive de induzir emoções, de inflamar ou assustar o espectador para depois confortá-lo, de acenar com prêmios divinos, bichos-papões e bodes expiatórios para depois os assegurar de sua auto-estima. Mas nesta Copa o exagero foi único. Comprometida com a catarse do penta, a mídia passou 24 horas esperando ver se explorava a "tragédia" – à maneira da de Senna ou Leandro – ou encontrava uma justificativa onipotente. Depois da convulsão, a normalidade tinha de ser retomada. E era preciso justificar tanto dinheiro gasto, tanta poesia de quinta categoria, tanta conivência alternada com infâmia, tanto oba-oba e o conseqüente desrespeito aos adversários. Mais uma vez, a mídia mostrou que não existe o fato, apenas a versão – a sua.

A Copa de 98, portanto, passa à história como aquela que só não vencemos porque nosso melhor jogador teve uma convulsão. (15/7/1998)

De glórias e infortúnios

Não sei se o mais grave foi o fato de Barbosa, o goleiro da Copa de 50, ter pagado meio século de incompreensão ou o de sua morte ter recebido esse tom de "bênção tardia" por parte de todo mundo. É preciso o sujeito morrer, depois de muito padecer, para ser valorizado. Barbosa só queria ser considerado um bom goleiro. Virou mártir. E mártires servem ao presente, não ao passado. Tiradentes, por exemplo, foi santificado pela República, mas o grande articulador da Inconfidência se chamava Claudio Manuel da Costa.

Também não vi associarem a morte de Barbosa e o desfalecimento de Ronaldo, uma semana depois. Ronaldo foi o bode expiatório da final da Copa de 98. Desde então o dizem decadente, sobretudo no aspecto técnico. Mas a tragédia sofrida por ele na semana passada fez, a exemplo da morte de Barbosa, com que as pessoas revissem as condenações passionais. Como sabiam os cristãos, a dor universaliza: não houve quem não sentisse compaixão – isto é, não compartilhasse o sofrimento – de Ronaldo. Na Itália estão comparando o baque àquele sentido quando Ayrton Senna morreu em Ímola. Não precisamos ir a tanto, mas a comoção foi evidente.

E essa comoção não vem apenas da mera reação instintiva de quem presencia uma cena de dor, protagonizada por uma figura "familiar", que está na mídia todo dia há tantos anos, simpática, tímida, com a fragilidade sugerida pela crise nervosa anterior à final de 98. Vem da adoração dos fãs, é claro, mas vem também da admiração dos colegas. Ronaldo é imitado em toda parte. Os outros jogadores tentam copiar seu repertório de recursos inovadores. Sua média de gols, de quase um por jogo até 1998 – e que, para um físico "bichado" num campeonato tão duro quanto o italiano, não caiu muito (para 0,8) –, é impressionante, mesmo porque ele não é um grande cabeceador. Ou seja, nos condoemos também porque sentimos, alguns de nós inconscientemente, que ficar mais oito meses sem ver Ronaldo em campo é nos abster de um prazer sem igual. Todos os apontados como seus concorrentes – Zidane, Rivaldo, Romário (este não precisa provar mais nada), Michael Owen (lembra?), Ronaldinho, etc, etc – não mantêm a regularidade de seu brilho, a de fazer muitos gols e gols muito bonitos. Qualquer pessoa, especialmente aquela que sabe um pouco, admira outra que sabe fazer bem uma coisa que poucos sabem.

Mas já estão dando Ronaldo como acabado. É engraçado como jornalista, quando precisa, passa a entender de coisas complexas e incertas, como medicina... Ficam especulando, "desconfiando", que ele usou anabolizante. Emitem juízos definitivos sobre o que é, na verdade, uma tendinite crônica que, pelo excesso de provocação, terminou causando ruptura. Talvez seu joelho não volte a ser 100%, porque o ligamento patelar não é facilmente repostado ao organismo. Mas, parando de tempos em tempos para restabelecê-lo (como Zico se ausentava dos gramados de vez em quando), pode-se chegar a um "modus vivendi" com o defeito formativo, por que não? Só o tempo dirá, mas daqui a dez anos um historiador da mídia terá uma grande narrativa para contar sobre a exploração de um ídolo pela máquina sensacionalista.

Parece que, no fundo, a tragédia é mais interessante do que o triunfo. Até hoje não vi um *Globo Repórter* sobre a carreira de Ronaldo. O único canal brasileiro que fez trabalho memorável foi a ESPN Brasil, que exibiu aquele documentário em que Tostão e todos nós ficamos maravilhados com o que Ronaldo fazia aos 13 anos numa quadra de futebol de salão. Esse tipo de jogador só se vê de quinze em quinze anos. Cruyff, por exemplo, é uma lenda, líder do carrossel holandês, etc. Mas Ronaldo é mais brilhante que ele, mesmo não

tendo tido (por enquanto) uma carreira tão vitoriosa e tão longa quanto a de Cruyff. O tempo amplifica as glórias.

Também me diverti com os que disseram que "a medicina esportiva está muito avançada" e, portanto, Ronaldo tem grandes chances de voltar a jogar. Ora, essa mesma medicina esportiva já o operou três vezes, sem solucionar o problema, e o escalou para uma final de Copa do Mundo depois de uma convulsão... Tudo pela ciência, inclusive – ou principalmente – não convertê-la em religião. Querem pôr a culpa em Ronaldo por aquilo que ele menos queria sofrer. Ele estava ciente dos riscos, mas quem os mede deveriam ser os médicos, não Ronaldo.

E há os que o tratam como se quase não tivesse tido carreira – "Ah, ele teria sido um dos maiores atacantes da história do futebol" –, como se Ronaldo não tivesse sido artilheiro recordista em quatro países diferentes, campeão holandês, campeão da Recopa pelo Barcelona, campeão da Uefa pela Inter de Milão, vice-campeão mundial pela seleção brasileira. Agora, olhe a falta que ele tem feito nos últimos jogos da canarinho. É indiscutível, inegável. Ele já é, mesmo que sua carreira tenha terminado, um dos maiores atacantes da história do futebol. Está, com justiça, na lista dos 20 maiores de todos os tempos elaborada pelas mais diversas revistas especializadas. Aqui no Brasil, porém, votam sempre na dupla Romário e Ronaldinho para o ataque titular da seleção brasileira. Ronaldo é "produto de marketing"; talvez aqueles gols que fez no Barcelona, 47 gols em 49 jogos, sejam efeitos especiais...

Ronaldo deve voltar em 2001. Na Copa de 2002 estará na seleção brasileira. Vão querer, de novo, que ele a ganhe "sozinho", como dizem que Garrincha, Maradona e Romário ganharam sozinhos as copas de 62, 86 e 94. Se o Brasil tivesse vencido a França em 98 com um gol de Ronaldo, diriam o mesmo dele agora. Como não venceu, foi "apenas" vice (quatro anos depois de o Brasil ter sido tetra), não dizem que ele foi o responsável por o Brasil ter chegado até a final. Quanto mais expectativa for criada em torno de sua volta, pior vai ser para ele. Mas fazer o quê? Assim manca a humanidade. (20/4/2000)

Ronaldo 100%

São 18h25 da quinta-feira. Doze pessoas jogam uma "pelada" num gramado carioca enquanto anoitece.

"Não dá para enxergar mais nada", grita Rodrigo Paiva em campo.

"Dá, sim!", rebate Ronaldo, 24 anos, chamado na Itália de "Il Fenomeno".

Paiva é assessor de imprensa e amigo de Ronaldo, mas no momento está em outro time. A equipe de Rodrigo vence por 13 a 11. Em mais quinze minutos de jogo, Ronaldo marcará três gols – chegando ao total de 10 – e seu time vencerá por 14 a 13.

Ronaldo continua fazendo o adversário não enxergá-lo. O repertório de dribles é imenso – ele faz em minutos aquilo que peladeiros e profissionais no mundo todo não conseguem em meses – e o arranque impressiona. Ronaldo pisa na bola e a empurra de lado. Passa os pés alternadamente por cima dela, como no lance da última contusão. Breca e executa um giro de 180 graus, com ela colada ao lado externo da chuteira. Ajeita e chuta com a perna esquerda. Gol.

É isso mesmo: Ronaldo está voltando e bem. A perna direita já tem mais força que a esquerda e realiza todos os movimentos possíveis numa partida de futebol. Ele confia em sua velocidade e habilidade. E, mesmo num despretenso bate-bola de 45 minutos com amigos, durante o qual fica "na banheira", à frente, sem marcar ninguém, mostra que sabe e pode fazer o que sempre fez. Numa das equipes está Claudio Galdino, preparador físico da Internazionale de Milão, que acompanha a recuperação de Ronaldo.

O que falta é maior condicionamento físico. Ronaldo precisa recuperar capacidade aeróbica e ritmo de jogo e fazer exercícios em alta intensidade, como piques de 30 metros, para jogar em campo inteiro. A previsão é que em dois meses ele esteja pronto para o retorno.

"Não quero programar nada", diz o atacante, em entrevista exclusiva depois do treinamento. Ronaldo volta à Itália em 12 de abril, exatamente um ano depois da ruptura do tendão patelar da perna direita.

Primeiro, passa pelos EUA para inaugurar, em Portland, o centro de futebol da Nike que levará seu nome e uma estátua sua (como o de basquete leva o de Michael Jordan e o de atletismo, o de Michael Johnson). Em Milão, volta a treinar com os companheiros da Inter. O problema é que o time vai estar na alta temporada, tentando a classificação para os torneios europeus (está em oitavo no campeonato nacional), em ritmo intenso de competição. Não seria melhor Ronaldo esperar a pré-temporada seguinte, em julho, para então retornar de vez?

Essa é a discussão que Ronaldo, Inter, técnicos, médicos e fisioterapeutas terão de travar agora. Ronaldo acha que não há problema em voltar em junho, para a fase final do italiano; gostaria também de jogar a Copa América pela seleção brasileira. "Se eu estiver bem, volto", diz. Mas reconhece que a decisão não pode ser tomada agora. Seja como for, só há um consenso: ele tem grandes chances de voltar com 100% de suas condições físicas.

"Minha opinião pessoal é que Ronaldo vai voltar melhor ainda." Quem diz isso é seu fisioterapeuta, Nilton Petrone, o Filé. "Ele está muito bem em todos os aspectos: físico, técnico e psicológico. É um jogador muito mais maduro agora." Petrone está exultante com os resultados dos testes físicos. Tecnicamente, como o soçaite do final da tarde demonstrou, Ronaldo também está ótimo. E psicologicamente tanto Petrone como Paiva se apressam em dizer: "Hoje ele tem a maturidade de um jogador de 30 anos. Ele já viveu tudo que poderia viver."

A carreira de Ronaldo ascendeu de modo tão rápido quanto uma de suas arrancadas em direção ao gol. Foi artilheiro no Cruzeiro aos 16 anos e convocado para a reserva da seleção de 1994 ("Eu era tratado como um ninguém", diz exagerando por brincadeira); artilheiro e campeão pelo PSV holandês em duas temporadas; chegou ao Barcelona aos 19 anos, bateu recordes que eram de Cruyff e Romário e foi eleito melhor do mundo; em 1997 foi para a Inter de Milão, fez o maior número de gols já feito por um estrangeiro em primeira temporada e eleito de novo o melhor do mundo; foi à Copa de 98 como a maior estrela do evento, marcou quatro gols, foi eleito o melhor do torneio e terminou como vice-campeão. Até então, mantinha média de quase um gol por jogo. E seus gols não eram meras finalizações dentro da área.

Mas havia uma pedra no joelho. Em 1996 foi operado pela primeira vez. Voltou para jogar a final do campeonato holandês (que ganhou); e seguiu para a Olimpíada, um torneio intensivo. Isso deu confiança e firmeza para que, ao desembarcar em Barcelona no ano seguinte, entrasse em seu auge. Com a condição física tinindo, fez gols e lances que atravessaram o mundo anunciando o novo gênio do ataque, o "ET", num dos apelidos dados pela torcida espanhola. Mas o descuido com o joelho começaria a minar o hardware de um jogador cujo estilo depende intrinsecamente de sua velocidade e mobilidade. Depois da primeira temporada em Milão, suas condições já estavam longe do ideal.

Mesmo assim, rendia muito. Só que, na Copa de 98, teria uma crise convulsiva – que Paiva e Petrone chamam de epilepsia, ainda que não comprovada – e a derrota para a França terminaria atribuída a ela. "Sempre vão arranjar desculpa", diz Ronaldo. Ele concorda que o fato de ter retornado do médico com atestado para jogar, mostrando-se disposto a entrar em campo, deveria estimular seus companheiros, em vez de desanimá-los, tal como declarou o lateral Roberto Carlos, por exemplo. Vendo o número 1 liberado e animado, a seleção deveria também se animar. "Pois é", lamenta Ronaldo. Mas enquanto isso, sem saber o que se passava no outro vestiário, o técnico francês Aimé Jacquet passava as orientações finais para a operação de pressão sobre a defesa brasileira e a anulação dos passes para Ronaldo e Rivaldo.

Ronaldo fez diversos exames depois da Copa para ver se tem algum problema de ordem neurológica, como a epilepsia. Não tem nada. Nega que o grupo estivesse brigado, para além das tensões normais de uma etapa final de Copa do Mundo. Depois do jogo contra a Holanda, no qual Ronaldo fez jus completo à fama, a seleção brasileira não tinha por que brigar. Ronaldo não acha, por exemplo, que Rivaldo às vezes se recusava a lhe passar a bola. "Ele tem essa característica de prender a bola, mesmo. Mas à medida que a Copa foi acontecendo ele foi melhorando." Não comenta a observação de que Bebeto não fez para Ronaldo em 98 as assistências que fizera para Romário em 94. Ronaldo é que fez assistências para Bebeto, vindo buscar a bola no meio-de-campo. Mas concorda que a seleção vivia então uma mudança geracional, mal trabalhada pelo esquema tático. E diz que com Romário a equipe poderia ter feito melhor apresentação na Copa como um todo, não especificamente na final.

O semblante de Ronaldo se acende quando é perguntado sobre um ataque para 2002 que tenha ele, seu xará Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo e Romário – o ataque dos "Rs". "Eu não queria ser zagueiro diante de um ataque desses", diz, rindo. Afirma que, se cada um ocupar uma faixa de campo, tudo funcionará perfeitamente: Ronaldinho mais pela direita, Rivaldo mais pela esquerda, Romário mais fixo na grande área, Ronaldo trançando entre eles. Ronaldo está de pleno acordo com a proposta de Leão de um time ofensivo.

Com quem mais gostou de jogar? "Gosto de jogadores de meio-campo que enxergam lá de trás o momento de lançar para o atacante", responde. Cita dois jogadores do Barcelona: Dela Peña e Guardiola. Elogia também Alex, do Palmeiras, por sua visão de jogo. Mas também gosta de jogadores de ataque que venham para a tabela. Entre eles, não esconde a admiração por Romário, com quem se deu muito bem nas poucas partidas que fizeram juntos pela seleção.

Romário não teve a mesma carreira meteórica de Ronaldo, embora seja também um meteoro com a bola quando parte gingando para cima da defesa. Mas montou um currículo irretocável, parecido em muitos pontos com o de Ronaldo: artilheiro no PSV e no Barcelona, melhor do mundo em 94, grandes atuações na seleção como nos clubes. Só que Romário ganhou uma Copa e hoje, aos 35 anos, continua o maior artilheiro em atividade no Brasil. Ronaldo sonha em um dia ter tido uma carreira assim? "É tudo que sonho", diz. "Eu quero fazer história como ele."

O fato é que Ronaldo representou uma novidade para o futebol mundial. Seu estilo combina a artimanha sul-americana com a articulação européia, o futebol-arte e o futebol-força, a imprevisibilidade do drible com a velocidade da tática. Para isso, além da compleição privilegiada, colabora seu tipo de habilidade. Velocistas costumam dar dribles longos, superando o adversário na corrida, mas Ronaldo pode surpreendê-lo com dribles curtos, aprendidos no futebol de salão, que os jogadores em geral dão a partir de posição parada. E o mais relevante: ele pode sair para qualquer um dos lados, porque não só domina e chuta com a perna esquerda, mas também conduz e dribla com ela. Raros jogadores fazem isso. Pelé fazia.

Ele é quase ambidestro, mas nem sempre foi assim. "Quando eu jogava futebol de salão no São Cristóvão, tinha medo de usar a esquerda. Foi o técnico que me disse para ficar treinando o chute de esquerda. Depois, na seleção juvenil, também me disseram para adquirir habilidade com a esquerda." Ronaldo, como todo jogador de destaque, treinou muito os chamados "fundamentos" – contando, claro, com um conjunto de aptidões inatas. Seu principal defeito, diz, é o cabeceio. "Não sei por que, acho que tem a ver com posicionamento. Principalmente quando a bola vem da esquerda, não consigo acertar." Não se acha um jogador individualista, porque "o atacante às vezes sente que é hora de decidir e essa é sua obrigação".

Ele diz ter consciência de que representa uma combinação entre o futebol sul-americano, mais criativo, e o europeu, mais organizado. "Sempre busquei isso no meu futebol." Diz também que seu estilo é muito dependente do preparo físico, mas não quer saber de pensar em eventual mudança nesse estilo, caso sua condição física não volte a ser 100%. "Eu vou voltar 100%", afirma. Não lhe passa pela cabeça jogar mais preso à área, por exemplo.

Alguns observaram que Ronaldo não deveria ter ido para o futebol italiano, mais retrancado e violento que o espanhol. Como os times espanhóis jogam de forma mais aberta, seu futebol apareceu lá como apareceu. Mas isto não explica por que ele jogou tão bem no brasileiro, no holandês e na primeira temporada do italiano. "Esse era o desafio. O campeonato italiano é o mais difícil do mundo." Mas então por que a Inter de Milão, há 15 anos sem títulos? "Porque ela fez uma excelente proposta, concreta, e estava montando um grande time, com contratações muito boas."

Também discorda dos que dizem que suas jogadas ficaram manjadas pelos zagueiros, em especial os disparos verticais com a bola grudada aos pés. "Todo mundo sabia o

que Garrincha ia fazer, e mesmo assim ele fazia", lembra. E completa: "Todo mundo sabe o que o Romário vai fazer, e ninguém o pára."

Um fato significativo sobre a carreira de Ronaldo é como ele passou a ser imitado pelos outros jogadores, não só no estilo de vida e na cabeça raspada, mas sobretudo nos dribles, arranques e rodopios. Tentaram arranjar vários substitutos para ele, de Fábio Júnior ao próprio Ronaldinho Gaúcho, de França a Amoroso, mas o lugar de Ronaldo na seleção continua lá, à sua espera, e ele espera que ao lado de Romário.

Rodrigo Paiva, que já trabalhou para Romário, diz que já jogou muita "pelada" com jogadores brasileiros, mas nenhum igual ao Ronaldo. "Já joguei com o Romário, o Ronaldinho Gaúcho, o Felipe. Mas o Ronaldo, você nunca sabe para que lado ele vai sair. Ele é muito imprevisível."

Mundo afora, os três principais concorrentes continuam sendo Rivaldo, Zidane e Figo. Acha que Rivaldo mereceu o título de 1999 e acha que o de 2000 deveria ter sido para Figo, com quem jogou naquele antológico Barcelona. Mas seu grande amigo é Zidane, pois existe um respeito mútuo pelo caráter e pelo talento. Ronaldo acha que, em forma, pode voltar a ser o número um. Mas sem obsessão: "Eu quero é voltar a jogar bem."

Do seu horizonte só um farol não desliga: a Copa de 2002. Ronaldo acha que França e Argentina são as favoritas, além do Brasil. "A França está perdendo alguns veteranos, como Blanc. A Argentina está muito forte. Mas, para mim, o Brasil é sempre um dos favoritos."

Depois de tanta história, do estrelato à convulsão, dos casamentos às cirurgias, dos prêmios às propagandas, dos títulos (Holanda, Recopa, Uefa, vários vice-campeonatos) aos boatos (prostituta italiana, adultério durante a Copa, etc., etc.), Ronaldo "não tem mais medo de nada", na opinião de Paiva e Petrone. Ironicamente, é muitas vezes tratado como uma promessa que ainda não se realizou, como um novato que poderia ter sido um grande jogador – não como um grande jogador que fez o que ele fez em meia dúzia de anos, conquistando fãs no mundo inteiro. Ainda que não volte "o mesmo", ele deixou marca inegável na história. "Infelizmente o povo tem memória curta, mas é assim mesmo. E ainda tenho muita carreira pela frente." Petrone completa: "O auge dos jogadores de futebol é aos 28 anos. Ele só tem 24!"

Diante dos milhões de desconfiados que duvidam que Ronaldo volte a jogar tão bem quanto antes, ele poderia gritar como gritou para Rodrigo Paiva:

"Dá, sim!" (25/3/2001)

Faltou cautela. No período do Barça

Qual é o problema do joelho do Ronaldo? Muitos falam em sobrecargas de esforços e musculação, que ele teria ganhado muita massa em pouco tempo. Outros dizem que é um problema congênito, uma fragilidade do tendão patelar (abaixo da patela, antiga "rótula"). Uns poucos chegaram a dizer na TV que ele usou anabolizantes. Estes, Ronaldo pôs na lista negra.

Enquanto dava entrevista ao *Estado*, Ronaldo aplicava gelo no joelho direito, onde se vê a cicatriz de quase 20 cm. Sua rotina diária é ir à clínica de Petrone de manhã, ao lado da Universidade Estácio de Sá, onde faz duas horas de exercícios e testes fisioterápicos; almoço, seguido de descanso; às 16h30 vai ao campo de treinamento FlaBarra, no Recreio dos Bandeirantes, faz alongamento e cooper e joga a "pelada" com amigos ou convidados.

Segundo Petrone, os testes de Ronaldo não deixam dúvida quanto à sua recuperação. "Ele já tem um padrão genético excelente", diz Petrone. "Sua força é excelente, sua velocidade também. A flexibilidade e a resistência são boas. E ele tem uma extraordinária coordenação motora, acima de tudo. Como atleta, não resta dúvida de que é um superdotado."

A contusão de Ronaldo é raríssima no futebol. Entre os atacantes, é absolutamente inédita. Ruptura completa do tendão patelar é exclusiva de esquiadores e jogadores de rugby, que lidam com mudanças de direção em alta velocidade. Ou seja: ironicamente, Ronaldo foi atingido naquele que é seu maior atributo físico. "Meu segredo são essas mudanças de ritmo e direção", diz ele, demonstrando autoconsciência rara entre os jogadores de futebol.

Petrone diz que o tendão de Ronaldo é perfeito, como tecido. Não tem instabilidade nenhuma: é como o de todos. "Foi tirado um pedaço do tendão dele e analisado microscopicamente. Não tem nada."

O fisioterapeuta nega também que o problema tenha sido sobrecarga, seja de jogos, seja de musculação. "Se fosse assim, o Roberto Carlos, que tem aquelas pernas extremamente grossas, teria ruptura de tendão também." A evolução do corpo de Ronaldo parece espantosa se o comparamos com a época do Cruzeiro, quando tinha 16 anos apenas e, portanto, ainda estava em formação. (Ronaldo tem 1m83 e está pesando 82 kg. Precisa perder mais um ou dois quilos, para baixar o teor de gordura de 11% para 9,8%.) A sobrecarga só existiu em relação à cautela que Ronaldo deveria ter tido depois da primeira cirurgia, principalmente no período do Barcelona. Petrone revela que o clube catalão não se importou com o joelho de Ronaldo. "Eles não o deixavam fazer um tratamento especial", diz Petrone. "Fui criticado de tudo quanto é modo. Mas bastariam 30, 40 minutos para que se tivesse evitado o que aconteceu no ano seguinte."

Sobre a recuperação da segunda cirurgia, Petrone diz apenas que "desta vez as coisas foram feitas direito". Há "detalhes" que não foram bem observados, especialmente em relação ao estilo de jogo de Ronaldo. "Ele foi tratado como um jogador normal", diz Rodrigo Paiva. Agora tudo está sendo feito gradualmente, com muitos testes, cinemáticas, garantias. Os aparelhos são mais modernos, permitindo maior grau de informação sobre o estado de sua musculatura. O que não significa que outra ruptura não venha a acontecer.

Mas, para Petrone, se tudo der certo com Ronaldo, "uma página da medicina esportiva terá sido virada". (25/3/2001)

Atacante merece a convocação

As especulações sobre o motivo de Luiz Felipe Scolari ter convocado Ronaldo para a seleção já dispararam. De Nike e Ambev até a carência por salvadores da pátria, muito foi evocado – e muito mais será nos jornais e mesas-redondas deste fim de semana. O que pouco será dito é que Ronaldo merece ser convocado. E não só por sua presença na equipe, pelo "apoio moral" que representa. Mas também porque nos poucos jogos que fez desde sua volta há um mês ele mostrou que, se o condicionamento não permite atuar por mais de 30 minutos, sua participação tem sido de alta qualidade.

A maledicência nacional comenta que ele não fez gol no jogo da quinta-feira passada contra o time romeno Brasov, pela Copa da Uefa, em que entrou aos 18 minutos do segundo tempo. Mas, apesar de o jogo não ter sido exibido pela TV, compactos como o que a italiana RAI fez mostraram que sua movimentação, rapidez e técnica estão afinadas. Ele entrou no jogo e logo pegou o ritmo e criou jogadas de ataque como qualquer reserva em boa forma faria. Só que um reserva dotado de excepcionais recursos. Não há rigorosamente nada que indique que ele não possa fazer o mesmo pela seleção contra o Chile. Em qualquer placar, sua entrada no segundo tempo só poderá contribuir.

Além disso, até a data do jogo (daqui a 15 dias) ele já terá participado de outros jogos da Inter de Milão, aprimorando o condicionamento. O técnico do clube, o argentino Hector Cúper, vinha resistindo a escalá-lo, mas agora já programa o crescimento gradual de sua participação. Quanto ao joelho, não há dúvida de que a recuperação é bem-sucedida; as poucas dores que Ronaldo sentiu foram musculares, naturalmente causadas pelos 16 meses de afastamento da prática intensa de uma partida disputada em campo profissional. Felipão também chamou Ronaldinho Gaúcho, ainda começando temporada no futebol francês, e Rivaldo, ainda convalescente de uma contusão. Infelizmente as estrelas do ataque brasileiro não estão em seu apogeu, mas é melhor 30 minutos de um Ronaldo semi-pronto do que 90 minutos de um Jardel nos tacos. (22/9/2001)

A prova do 9

Brasileiros gostam de culpar, mas odeiam pedir desculpa. É um festival de cara-de-paus. Pense nos economistas "geniais" que nos dez anos seguintes à abertura democrática quase fizeram o País desistir da democracia, com suas fórmulas milagrosas, com seus confiscos e maquiagens. Qual deles veio a público depois e disse "É, eu estava errado"? Não se trata de pedir desculpa, de autopenitência (argh), mas simplesmente de reconhecer a realidade. Isso vale também, e especialmente, para a imprensa. Quantos dos escândalos que lhe fizeram a fama de guardião da democracia não eram falsos ou menores? Mas raramente se viu uma correção desse nível, entre uma falha de ortografia e uma de data, nos espaços competentes. Não vou nem mencionar os elogios – muitas vezes travestidos de ressalvas positivas – a coronéis da política, cujo jogo baixo a sociedade repudia cada vez mais. Mas vou me deter no caso de um ídolo esportivo, Ronaldo, porque o que a mídia brasileira fez com ele superou todas as expectativas. Sem cometer grande erro ou crime, ele pagou preço igual.

Bom moço, Ronaldo não deve querer saber de ouvir mea-culpas alheios, mas certamente eles deveriam existir. Mesmo agora, depois de ser necessário marcar um golão no Campeonato Italiano para reconhecerem que sua técnica e seu joelho estão bem, que o Fenômeno continua – contra 99,9% dos prognósticos – a ser o Fenômeno, ainda se ouvem as mais ridículas justificativas. Ele continua a ser acusado da derrota brasileira para a França em 1998, numa final à qual o time jamais teria chegado sem ele. E continua a ser criticado por ter se mantido "na mídia" mesmo nos dois anos em que não pôde jogar, como se não tivesse seus compromissos profissionais, como se não fosse mais o ídolo que durante cinco anos encheu os olhos do mundo com seu futebol, como se devesse ficar fechado numa caverna afegã até poder chutar uma bola de novo.

A mídia não sabe o que é autocrítica, apesar de propagandear o contrário. Autocrítica não é só botar uma seção fixa para apontar eventuais erros, mas é manter uma política de rediscussão interna que se reflita em jornais mais bem escritos, menos sensacionalistas e levianos, menos estultificados pelo "furo" que, claro, tem de ser uma má notícia... (Basta ver os prêmios da categoria: só o denunciismo vence.) Se eu fosse listar todas as mentiras, meias-verdades e boatarias que assacaram contra Ronaldo desde a Copa de 98, encheria diversas colunas. Capas de revistas o associaram a uma rede de prostituição italiana. Colunistas "engraçadinhos", essa espécie em expansão, o patrulharam por ir a festas e gravar comerciais. Jornais ditos investigativos juraram que a Nike ia cancelar o contrato com ele se Felipão não o convocasse. Cadernos de esporte com pretensões científicas estamparam gráficos que comparavam sua média de gols no Cruzeiro, PSV e Barcelona com a do período pós-Copa, em que era evidente que seu joelho tinha sido sacrificado.

Nem se fale nas explicações sobre a convulsão e nos "especialistas" que foram às mesas-redondas com maquetes em mão para mostrar o que tinha acontecido com seu joelho e por que Ronaldo não tinha nem 50% de chances de voltar... Disseram que o cirurgião francês, Gérard Saillant, um dos papas do tratamento de tendão patelar de esquiadores e jogadores de rugby, era um zé-ninguém. Disseram que a Nike tinha forçado Zagallo a escalar Ronaldo na final e que a crise epilética do jogador não era mais que medo. Pois bem. Todos vocês têm agora a chance de ir a público e reconhecer: Ronaldo voltou a ser o mesmo; uma página da medicina esportiva foi virada (pois seu caso é especialíssimo); ele mostrou mais coragem e caráter que duzentos Edmundos, tanto naquela Copa como em todos estes anos de recuperação que a imprensa chamou de "calvário". E, por favor, reconheçam

sobretudo que, com defeitos, com altos e baixos, como todo jogador, ele é um centroavante extraordinário, cujo lugar na seleção brasileira e na seleção mundial ficou vago nestes dois anos – embora tenham querido substituí-lo por tanta gente, como Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo e outros cujo nome nem é melhor lembrar, de tão superestimados.

Mas não acredito que vocês farão isso. Sei, claro, que aos poucos todo o mundo vai começar a dar capas e mais capas para o "triunfo" ou "ressurreição" de Ronaldo, que ele novamente será exaltado a tal ponto que, se parecer menos que um Deus dos gramados, logo será achincalhado de novo e assim por diante, na oscilação histérica que é o pão diário da mídia. Esta coluna, por sinal, é fechada às quintas, e ontem, sábado, ele deve ter jogado contra o Chievo e não sei se marcou gol, se jogou bem ou se se machucou de novo. A prova dos nove – a prova do 9 – é dada jogo a jogo, assim como acho que ele às vezes erra a mão em seus lances de marketing. O que reclamo, além de maior honestidade jornalística, é que as visões tenham equilíbrio e que este equilíbrio não seja incapacidade de admiração.

Quando Felipão o convocou, em outubro, foi criticado por apostar em alguém que ainda não estava 100%; mas Ronaldo 80% já era um reserva excelente, e era melhor convocar e depois da contusão cortá-lo do que não convocar. Mesmo no jogo contra o Brescia, que, depois de cinco meses de volta gradual, foi tido como sua volta definitiva, houve espíritos-de-porco que disseram que seu gol mostrou que ele não está em forma, porque normalmente driblaria o goleiro... Mas contra fatos não há boatos: vocês podem não reconhecer, mas a torcida do mundo é para que Ronaldo continue calando-os com seu futebol. (16/12/01)

PARTE IV - INTERMEZZO DRAMÁTICO (1998-2002)

Textos extraídos da coluna *Sinopse*

O que aconteceu entre Leonardo e Luxemburgo? Ambos disseram que não houve briga, e Leonardo até mesmo reconheceu que tomou a decisão de abandonar o grupo tarde demais, muito em cima de uma competição importante. Mas deixou claro que discorda da "filosofia" implantada pelo técnico. Só não disse por quê. É sabido que um dos principais problemas que impediram a seleção de jogar melhor na Copa 98 – não de ganhá-la – foi o entrechoque de estrelismos. Atletas como Roberto Carlos, Denilson e Edmundo não disfarçaram sua inveja do miliardário e melhor do mundo Ronaldo, o centro das atenções. Rivaldo exagerou no individualismo em campo. Bebeto não fez nenhuma assistência para o centroavante, ao contrário do que fizera em 94. Dunga ameaçou largar a liderança vocal do grupo, descolando grande apoio da mídia. E quem foi o único jogador a atenuar os ânimos e apoiar Ronaldo? Não por acaso, o mais bem preparado culturalmente: Leonardo.

É certo também que a equipe não era coesa por ser de transição. Com exceção de Cafu, jogadores de 94 como Taffarel, Aldair, Dunga e Bebeto não estavam à altura da nova, talentosíssima e vaidosíssima geração, sobretudo Ronaldo, Rivaldo e Roberto Carlos, entre os dez melhores do mundo. Com o desastre aéreo chamado Júnior Baiano, e um Leonardo canhotíssimo jogando na direita, não haveria tática que desse jeito. E o técnico, Zagalo, estava longe de ser um agregador. Mas e Luxemburgo? Taffarel, Aldair e agora Leonardo pediram baixa; Romário e Edmundo falaram mais do que deviam e foram cortados. Até aí, mais ou menos tudo bem: a nova geração assumiu de vez o poder, alicerçada na experiência solitária de Cafu, atual capitão. Mas será suficiente? O que Odvan tem para ser o zagueiro titular da seleção? Ele não é novo nem craque. E Roberto Carlos? Se até o sensato Leonardo saiu, o que faz o mais "estrela" de todos ali? Sua posição é a mais bem servida do futebol brasileiro no momento: Serginho, Felipe, Júnior, Silvinho, etc. E a meia-direita? Continua o maior defeito depois da zaga: bons jogadores como Marcelinho, Giovanni e Juninho não têm estrutura emocional ou regularidade técnica para desempenhá-la bem; e muito menos Zé Roberto, outro canhoto deslocado. E os volantes Vampeta e Emerson estão longe de ser o Davids e o Verón brasileiros, apesar de mais modernos que Dunga e César Sampaio. Luxemburgo não tem poucos problemas.

De qualquer forma, a seleção que vai disputar a Copa América, exceto no primeiro jogo, novamente é, no papel, a melhor do mundo: Dida, Cafu, Odvan, Antonio Carlos e Roberto Carlos; Vampeta, Emerson, Zé Roberto e Rivaldo; Ronaldo e Amoroso. Mas um bom time no papel, todos sabemos, é insuficiente. É preciso treiná-lo – e o calendário brasileiro não deixa. É preciso agregá-lo – e disto Luxemburgo está mais ciente do que ninguém. A questão é se vai conseguir com sua psicologia barata (ineficiente em quem tem um pouco mais de miolos, como Leonardo), com sua obsessão disciplinar (que o fez cortar um dos maiores atacantes do Brasil no momento, Edílson, e arriscar um talento nascente, o Ronaldinho do Grêmio – que será titular no primeiro jogo) e com seu egocentrismo intenso (que o faz dar tanto ouvido a comentaristas de TV, toscos e moralistas quase sempre). Façam suas apostas, senhores. (25/6/1999)

Dois anos da derrota do Brasil para a França, data pouco lembrada, que eu tenha visto. Mas seria bom que alguém visse Ronaldo aí, inativo, e se desse conta de que ele realmente jogou "bichado" durante a Copa. Isto é, deveria ter sido poupado em alguns jogos e não foi. Mesmo assim, foi o melhor do Brasil no torneio todo: sem ele a seleção jamais teria chegado à final. Que o diga Luxemburgo, que sente sua falta mais do que ninguém... (16/7/2000)

Wanderley Luxemburgo lembra muito Fernando Henrique Cardoso: ambos são vaidosos e odeiam críticas; têm nome e pose de príncipes suburbanos; falam em nome da "modernidade" e do "profissionalismo"; e ambos comandam uma trupe que, apesar do layout e dos salários, vivem traindo essa modernidade e esse profissionalismo. Isso porque ambos, ainda, confundem modernidade e profissionalismo com tecnocracia e oportunismo. Com uma vantagem: por enquanto, ninguém sabe se Candinho cometeu falcatuas.

Dentro de seu universo, Luxemburgo está cada vez mais parecido é com Zagalo, que convocava mais de cem jogadores por ano e não conseguia criar um padrão variável de jogo. Uma das razões por que Wanderley foi escolhido para a seleção foi sua crítica ao meio-campo do time de 98, desprovido de atletas que soubessem tanto defender como atacar. Pois seu time sofre a mesma coisa.

É claro que Wanderley pode reclamar, com razão, de que isso não se encontra no futebol brasileiro, como pode reclamar da ausência de Ronaldo no ataque e da falta de uma boa zaga. Além disso, Cafu e Roberto Carlos já estiveram bem melhores e, na última Copa, suas velozes subidas ao ataque compensavam em parte a rigidez dos meio-campistas.

Mas não se trata apenas de trocar jogadores. Ao contrário da maioria dos comentaristas, não estou seguro de que retirar Cafu, Roberto Carlos ou Rivaldo seja bom, porque eles dão experiência ao time. Evanilson ainda não convence; Athirson promete, mas Serginho também prometia; e Alex e Sávio não têm o poder de decisão que Rivaldo tem. Mas, assim como Zagalo tinha de ter levado Mauro Galvão e Muller para o lugar de Aldair e Bebeto em 98 – atendendo à vontade do povo –, Wanderley pode estar seguro de que Zé Roberto (pelo menos naquele lugar), Flavio Conceição e França não podem ser titulares.

Trata-se, sobretudo, de treinar taticamente o time. Pense no segundo gol que o Paraguai marcou, terça-feira: o goleiro Chilavert foi até quase o meio-campo para fazer o lançamento, sem marcação. Jogador brasileiro é taticamente burro, e por isso exceções luminosas como Muller e, agora, Alex, Ronaldinho e Marcelinho (do São Paulo) são fundamentais. Mas cabe a Wanderley fazer render um time a partir de 22 atletas como, digamos: Dida (Rogério), Cafu (Evanilson), Antonio Carlos (Edmilson), Roque Júnior (Fabio Luciano) e Roberto Carlos (Athirson ou Júnior); Emerson (Cesar Sampaio), Vampeta (Vagner), Ronaldinho (Marcelinho) e Rivaldo (Alex); Amoroso (Edilson) e Sávio (França). Um bom time, que qualquer técnico gostaria de ter em mãos.

Não adianta Wanderley esperar que caia do céu um Davids ou Verón, que Gamarra se naturalize brasileiro ou que Ronaldo se recupere para que – como na era Zagalo – todas as expectativas derramem sobre ele. No futebol, como na política, não há carisma sem resultado e vice-versa. Wanderley precisa abandonar a cosmética e fazer força para influir na prática. Tal e qual... Fernando. (23/7/2000)

Nada como a pressão da crítica e da torcida... Quem jogou bem contra a Argentina foi quem estava ausente contra o Paraguai: Vampeta, Alex, Ronaldinho e Antonio Carlos. E nem precisou de um "líder"! Antonio Carlos é um zagueiro esperto e que sabe sair jogando. Ronaldinho e Alex, cada vez melhor, conhecem os atalhos do campo e os encontram com leveza. Vampeta teve seu dia de Verón e, embora nem sempre jogue tão bem assim, é ainda o único volante brasileiro que sabe atacar verticalmente. Roque Júnior e Zé Roberto ainda não estão à altura da função, e o time precisa de mais treino tático e de um atacante de área. Mas enfim o meio-campo começa a ter articulação, sanando uma deficiência aflitiva do esquema de Luxemburgo. Dito e feito. (30/7/2000)

Que a seleção brasileira não tem esquema tático, já estamos cansados de saber. Mas, se é mal escalada, tudo fica mais difícil. O que faltou ao time no jogo contra o Chile não foi sorte ou, meramente, o Ronaldinho ou o Vampeta, que tinham jogado e bem contra a Argentina. Isso é desculpa de técnico narcisista e locutor ufanista. Wanderley Luxemburgo errou ao optar por Marcos Assunção no lugar de Vampeta, quando poderia ter chamado, entre outros, Vagner. Errou também ao posicionar Ricardinho, escalando três meias-esquerdas na mesma equipe (depois quatro, com Djalminha). E errou, sobretudo, em aproveitar o pouco tempo de treino para tentar neutralizar as conhecidas qualidades do Chile, sobretudo Salas, em grande noite.

Luxemburgo precisa parar de trabalhar com o time que tem em mente para 2002, algo como: Dida, Cafu, Antonio Carlos, Roque Júnior (ou Edmilson) e Roberto Carlos; Emerson, Vampeta, Ronaldinho e Alex; Ronaldo e Rivaldo. Precisa aprender a trabalhar com o (melhor) que tem, jogo a jogo. E, por fim, precisa aprender a chegar para um Rivaldo e dizer: "Olhaqui, meu chapa, ou você passa a bola ou te mando pro banco". (20/8/2000)

Romário marcou três contra a Bolívia, um de pênalti, dois na cara do gol, em jogo contra a Bolívia e tarde de Vampeta. Mas foi o suficiente para arrancar de Tostão aquilo que Romário merece: o título de "maior centroavante brasileiro de todos os tempos". (Dizem que Leônidas, o Diamante Negro, inventor da bicicleta, foi excelente, mas não podemos checar.)

Maior jogador do mundo dentro da área, Romário tem uma das mais preciosas qualidades que Pelé tinha, entre outras: o senso de "timing", esse mesmo que falta ao cinema nacional. Ele joga com os tempos; a bola é usada apenas no átimo final, naquele momento que o objetivo – o gol, sempre – está ao alcance. Escrevi certa vez que cada gol de Romário é um haikai, dois ou três lances que criam uma imagem memorável, num primor de economia e precisão.

Isso não quer dizer que ele não seja versátil. Cabeceia bem, é veloz, chuta com os dois pés, sabe lançar e bater falta. Mas ninguém foi tão letal quanto esse baixinho petulante, um quase Maradona da área. Ronaldo é o único que poderia tentar desafiá-lo. Tem mais porte que Romário; é capaz de fazer os mesmos dribles desconcertantes só que em alta velocidade; não só chuta como dribla com os dois pés (Pelé, *idem*); e por isso bateu os recordes do ídolo em Barcelona. Mas ainda não tem a mesma frieza diante do goleiro, a mesma

malemolência enganosa que se converte em golpe de esgrima. Touché, Romário. (10/9/2000)

Wanderley Luxemburgo, como técnico de futebol brasileiro, levou a sério a afirmativa de que a sonegação é um esporte nacional. Que confesse ter cometido esse crime, no montante de quase R\$ 2 milhões, e mesmo assim represente o País mundo afora, abre um debate importante. Nem tudo que reluz é ouro olímpico. (10/9/2000)

O que faltou à seleção brasileira? Faltou "espírito olímpico", força de vontade, sorte? Faltou um técnico em bom estado emocional, um líder em campo, o apoio da imprensa? Faltou humildade, ficar na Vila Olímpica, não menosprezar os adversários sem "tradição", não ganhar salários tão altos? Faltou amor à camisa e à pátria? Faltou o sabor brincalhão do estilo tropical?

Não, nada disso. Essas são queixas dos que acham que o esporte é a única garantia de "auto-estima nacional" (sic) e dos que dão importância demais ao que não passa de um jogo de bola.

O que faltou, antes e depois de tudo, foi um centroavante. Ronaldinho e Alex são jogadores que não aparecem em campo se não têm alguém a quem lançar ou com quem tabelar. Foram superestimados? O craque brasileiro é sempre superestimado, porque o passionismo da torcida no mínimo dobra sua faculdade de resolver um jogo. Ronaldinho foi especialmente incensado desde que deu um chapéu em Dunga no campeonato gaúcho e fez um gol antológico contra a Venezuela. Além disso, caiu do céu para o futebol brasileiro, em que meia-direita talentoso é mais raro que ouro olímpico.

Mas o bom centroavante é justamente aquele que sabe quando atravessar a "linha burra" sem ficar em impedimento e que tem frieza na hora de finalizar diante do goleiro. Romário e Ronaldo são mestres nisso. Camarões ganhou.

Naturalmente, Luxemburgo pode usar a desculpa de que o material humano não era exatamente de primeira, com jogadores como Baiano, Marcos Paulo e Lucas. Mas por isso mesmo poderia ter levado dois ou três jogadores acima de 23 anos. E há a velha alegação de que o futebol brasileiro nunca foi bem em Olimpíada, talvez porque a juventude acuse um de seus maiores problemas, a falta de versatilidade tática. Mas o fato é que ele não foi bem – foi mal mesmo.

Técnico por técnico, com todos os problemas apresentados, não sei se Luxemburgo é pior do que as alternativas. Ele tomou o lugar de Zagalo exatamente por conhecer a carência de versatilidade tática do futebol canarinho. E terminou agindo tal qual o antecessor, convocando uma infinidade de jogadores, não determinando um padrão, enterrando-se na teimosia. Os fiascos levaram ao desgaste e não há mais como ele permanecer.

Não é apenas por isso, no entanto, que ele deve sair. Alguém que confessa ter sonegado quase R\$ 2 milhões aos cofres públicos não tem autoridade moral para representar o país. Se sonegar essa quantia "é normal", como dizem, quem poderá culpar o cidadão que sonega R\$ 2 mil? (1/10/2000)

Não deixe de ler a entrevista de Ronaldo à Playboy deste mês. Ele tem bom senso muito maior do que 90% dos comentaristas de futebol. A certa altura, perguntado sobre sua Ferrari, nota que nos países da Europa um sujeito é admirado por ter "chegado lá" e podido comprar algo tão caro, mas que no Brasil ele é acusado de não ter consciência social. Preferem que ele finja que não tem dinheiro para comprar um carro desses... (1/10/2000)

Ainda no capítulo expiação, vem aí a CPI do futebol. Ninguém duvida de que o esporte brasileiro esteja precisando de uma operação mãos limpas. Mas alguns riscos já surgem no nascedouro, como a divisão dela em duas. Além disso, o fuzilamento midiático de Luxemburgo tem de ser municiado por provas concretas, além das que já existem; e de nada adianta aproveitar os holofotes para fazer com Ronaldo o que fizeram com João Moreira Salles, só porque o jogador teria gastado alguns milhares de dólares na fronteira para-guaia. Justiça, sim, mas com as devidas doses e nuances. CPI não é UTI. (8/10/2000)

Preconceito Futebol Clube

Fernando Henrique está certo, o Brasil é um país "culturalmente integrador e socialmente injusto". Sei que ele usa "culturalmente" no sentido antropológico, de comportamento habitual. Mas, como José Bonifácio notou já em meados do século 19, essa integração é tanto mais perigosa por ser enganosa. Veja a questão do preconceito: a sociedade brasileira é das mais machistas e racistas do Ocidente. Só que essa atmosfera simbólica, de que vivemos numa "democracia racial", faz parecer que não.

Antigamente a miscigenação era incentivada porque iria branquear a população; hoje ela é exaltada porque a teria desbranqueado. Qual o erro? O erro é colocar a questão racial como definidora. Agora, para combater o preconceito, o primeiro passo é reconhecer sua existência. O segundo é distribuir educação e justiça para todos, não apenas cédulas eleitorais. A lenta, insatisfatória evolução que tem havido é fruto da própria evolução do capitalismo democrático no País. A mudança definitiva da mentalidade envolve outros fatores.

Uma ilustração perfeita desses fatores foi a sessão da CPI do futebol na Câmara, terça-feira passada, em que os jornalistas depuseram. A imprensa no dia seguinte se queixou da ausência de provas, como se coubesse a eles produzi-las. Mas o que Flavio Prado, José Trajano, Tostão e, sobretudo, Juca Kfoury (essa rara figura do moralizador não-moralista, irônico, desprendido) fizeram foi dar um norte à investigação, o qual se chama Confederação Brasileira de Futebol, a instituição que deveria organizar, regulamentar e fiscalizar o futebol nacional e que não o faz. Autoridades federais também deveriam ser cobradas, por permitirem a sonegação e as negociatas que permitem. O resto é holofote para a mídia, como as sabatinas de Luxemburgo e dos jogadores, que dificilmente revelarão cont(r)atos escusos.

O que ficou claro foi o clubismo, a ação entre amigos que domina o futebol brasileiro, o nepotismo perdulário da CBF, a falta de transparência a serviço da ingerência. Não por acaso a Lei Pelé foi estripada, o contrato com a Nike foi ocultado, e a Copa João Havelange (simbolicamente intitulada) está como está. A modernização completa e honesta do futebol não serve aos coronéis do esporte, também chamados de cartolas, talvez por causa das mágicas inesperadas que são capazes de tirar do obscuro...

Fernando Henrique deveria deixar Gilberto Freyre e Florestan Fernandes um pouco de lado e voltar a Sérgio Buarque de Holanda, que em seu *Raízes do Brasil* nota que "a ideologia impessoal do liberalismo" não entrou direito na cultura brasileira, em que tudo é levado para o pessoal, o familiar, o cordial, o "integrado", mesmo naquelas patotas que se dizem vanguardas. Aqui, a única coisa objetiva, que não tem dono, é o preconceito, que não parece ser de ninguém, mesmo sendo uma realidade onipresente. (12/11/2000)

Leão vai ter de matar um leão por jogo, em 2001. O time disponível sofre de falta de entrosamento e excesso de vedetismo. Deram crédito ao técnico, que afinal está começando, não teve tempo de treinar, etc. Mas ele cometeu erros na escalação e na substituição. A equipe titular tinha individualistas demais: Rivaldo, Juninho, Edmundo, Júnior. Leão prendeu erradamente Vampeta e depois o tirou. Insistiu em França, que ainda precisa comer muito feijão. Mesmo a zaga, elogiada pelos comentaristas, na verdade não foi testada, porque a Colômbia não jogou nem o pouco que sabe.

O que mais chateia é verificar como o jogador brasileiro teima em ser incompleto. A maioria tem parca consciência tática. Muitos não dominam nem sequer fundamentos: Rivaldo não tem pé direito; Juninho (Paulista) sabe driblar, mas passa mal; Cafu corre num corredor; e assim por diante. É por isso que Leão não pode prescindir de jogadores como Ronaldinho.

Por falar nisso, andei tendo um sonho. Em 98 tivemos a infelicidade de não ver Ronaldo e Romário juntos em campo. Em 2002 podemos ter a sorte de ver "o ataque dos Rs": Ronaldinho, Rivaldo, Ronaldo e Romário. Mas há um punhado de "ses": se Ronaldinho e Rivaldo estiverem em bom momento (ambos são irregulares); se Romário estiver com saúde (suficiente para se mover na grande área); se Ronaldo estiver recuperado do joelho. Talvez seja apenas um sonho. (19/11/2000)

Casagrande e senzala

Casagrande marcou um golaço na transmissão do jogo entre Vasco e São Caetano no sábado retrasado, pela TV Globo, ao enfrentar o titubeio de jogadores e de seus companheiros de vídeo e dizer, com justiça, que o reinício da partida era absurdo, antes de mais nada pelo desrespeito às vítimas. Como não bastasse o protesto rápido e fundamentado contra o acinte do coronel Eu-rico Miranda, ele esteve à altura da ocasião para deixar nu o capachismo dos jogadores, que terminaram dando aquele show vergonhoso ao carregar a taça do título. Casagrande observou que, se ninguém der a cara para bater, os jogadores continuarão a ser fantoches de dirigentes, mesmo quando se trata de um ídolo como Romário que, segundo toda a imprensa, manda e desmanda no clube... Jogadores são trabalhadores, e como tal têm deveres e direitos (como exigir um calendário que não os consuma, a exemplo do que fizeram os jogadores de basquete da NBA); e muitos se tornam ídolos, que têm de assumir a responsabilidade de falar ao público, como Casagrande sempre assumiu.

A chamada "democracia corintiana" de 1982 e 83, de que Casagrande participou ao lado de Sócrates, Vladimir, Zenon e Biro-Biro (apesar do renitente individualismo de Leão, lá no gol), foi caricaturizada como uma rebeldia meio juvenil, que dava aos jogadores direitos de fumar e beber, o que hoje, em época politicamente correta, soa detestável na boca de um atleta. Mas o que eles queriam acima de tudo, como lembrei em entrevista recente que fiz com Sócrates, era atribuir ao jogador a autonomia que deve ter como profissional, cidadão e ídolo, como protagonista que é desse amplo e rentável mercado do futebol, especialmente o brasileiro.

Os políticos e oportunistas que mandam nessa máfia justificam a submissão dos jogadores por seu despreparo, exploram sua mão-de-obra, reprimem sua liberdade com a exigência de concentração e a proibição de camisetas escritas e poses nuas. Como o policial que tinha medo da revolta da massa caso o jogo não continuasse (desmentido majestosamente pelos fatos), o argumento da "elite" é sempre escudado pelo medo de atribuir responsabilidade ao indivíduo. Jogadores são tratados como membros de uma senzala, com o paliativo de serem hiper-remunerados, de serem tratados com "carinho" pela Casa-Grande. Falta um Gilberto Freire para descrever o patriarcado do ludopédio canarinho.

Afinal, são os jogadores que fazem o espetáculo e que são chamados de mercenários e ameaçados de linchamento pelas torcidas, além de ludibriados pelo esquema internacional de compra e venda de passes, marcado por sonegações, lavagens e maracutaias diversas. Que surjam indivíduos capazes de articular e se articular contra a desorganização arrogante e cruel dos donos da bola, como Casagrande, é a única solução. Ele, por sinal, já foi criticado por ter cortado o cabelo e a irreverência para se enquadrar no padrão global, mas o fato de fazer o que faz em tal circunstância, conseguindo ainda se afirmar como um dos melhores comentaristas de futebol da TV (sabendo encontrar um "modus vivendi" com as besteiras ufanistas de Galvão Bueno, as quais corrige sempre que pode), o torna ainda mais louvável. A rebeldia mais eficaz é a que encontra uma brecha dentro do sistema, e não fora dele. (7/1/2001)

Ronaldo está há 2 anos e meio respondendo às mesmas perguntas e dando as mesmas respostas. O que é engraçado ver é como as pessoas torcem por duas hipóteses: 1) a Nike obrigou a CBF a escalá-lo; 2) sua convulsão teve origem no medo. Ambas as hipóte-

ses salvariam a pátria: a primeira por apontar um inimigo externo; a segunda por definir um bode expiatório. Mas a realidade é bem mais complexa do que os sonhos de salvação viralata. A medicina, por exemplo, não é uma ciência exata; se os exames clínicos nada apontaram, só resta a especulação – e nada garante que ele não poderia ter tido a mesma crise convulsiva em pleno mês de férias. O contrato entre CBF e Nike? Tem exageros e talvez pudesse ser mais bem remunerado. Daí a ver nele ingerência da multinacional na soberania tupiniquim é demais. Ronaldo está pagando o preço de 500 anos de história. Afinal, ganha uma fortuna vitalícia... (14/1/2001)

Aumenta a grita contra a Lei do Passe, o retalho que sobrou da Lei Pelé. Dizem que a alforria dos jogadores é injusta com os clubes que investiram neles. Bem, a solução sugerida por Sócrates é sensata: que se façam contratos com jogadores em formação para que esta formação seja de certo modo ressarcida ao clube quando da venda. E a venda de craques ao exterior, onde futebol rende dinheiro de verdade, ocorre mesmo com a existência do passe, justamente porque os clubes brasileiros preferem se locupletar com essas vendas a investir em organizar o futebol como negócio honesto, profissional e competitivo.

Nem é preciso reservar "cotas de exibição" aos atletas locais. Talentos surgem continuamente e muitos querem ficar no Brasil (ou voltar a ele), por causa da língua e dos costumes, inclusive a paixão nacional pelo esporte. A maioria espera mesmo é uma oportunidade como a de Ademar, que aproveitou o momento visível e fez contrato de três anos na Alemanha, período em que poderá fazer o pé-de-meia.

Pelé está sendo criticado por ensaiar aproximação com Ricardo Teixeira, presidente da CBF, aquela entidade que se diz "privada" e, pois, livre de compromissos públicos como o respeito a jogadores e torcedores ou o pagamento dos impostos devidos. Duvido que Pelé queira trair sua proposta de um futebol brasileiro mais moderno e transparente. Mas ele não pode fingir que isto não começa pela moralização da própria CBF. Aguardemos a nova fase do campeonato. (18/2/2001)

A última convocação de Leão dá a impressão de que ele tem em mente o seguinte time para 2002: Rogério, Cafu, Edmilson, Lúcio e Roberto Carlos; Emerson, Vampeta, Juninho e Rivaldo; Ronaldinho e Romário. A zaga pode ter Edmilson ou Antonio Carlos, quem estiver melhor na época; a presença de Emerson é importante para compensar os defeitos dessa zaga. Na frente, a busca por um homem de área está equivocada: Chris não tem cacife. Ronaldo, se tiver voltado bem, será opção; eventualmente Ronaldinho pode recuar um pouco e ocupar o lugar de Juninho. Juninho, na verdade, cria um problema: exagera no individualismo, assim como Rivaldo. Mas a equação está bem armada. (25/2/2001)

Leão já tem seu time base. Pode-se discordar de algumas escolhas, principalmente entre os reservas (Robert, por exemplo, não é comparável a Sávio e Djalminha), mas ok. O problema é quando sai do papel. Como Zagalo e Luxemburgo, Leão tem falhado em dar conjunto à equipe. Sim, ele prega um time mais ofensivo, que é sua vantagem sobre os an-

tecessores. Mas, na prática, tem agido igual, se não pior: não sabe "ler" uma partida e, por isso, erra mais ainda que os antecessores na hora de substituir. Chega de "testes", Leão. A hora é de montar uma equipe, no lugar de um plantel; uma galáxia, em vez de uma constelação. (18/3/2001)

Quem escutou Juninho (Pernambucano) outro dia, no programa de Juca Kfoury na rádio CBN, sentiu como a Lei Pelé é importante. O fim do passe, que libertou Juninho dos Euricos Mirandas da vida, obriga o futebol brasileiro a entrar em nova era. O grande problema é que, com Pelé ou sem Pelé, a CBF definitivamente não sabe o que é essa nova era. (18/3/2001)

Leio na revista *Placar*, agora semanal, a votação de leitores e técnicos sobre qual deve ser a seleção brasileira. Não deu diferente da imaginada por Leão. No consenso, os 22 jogadores poderiam ser: Rogério (Dida), Cafu (Belletti), Lúcio (Antonio Carlos), Roque Júnior (Edmilson) e César (Júnior); Vampeta (Juninho Pernambucano), Emerson (Ricardinho, do Cruzeiro), Juninho Paulista (Alex) e Rivaldo (Djalminha); Romário (Luizão) e Ronaldo (Ronaldo Gaúcho).

Acho apenas que César não tem currículo suficiente, numa posição onde podem entrar ainda Roberto Carlos (minha opção), Felipe, Serginho, Athirson ou Silvinho. Volto a dizer que Juninho Paulista e Rivaldo talvez não devam jogar juntos, porque ambos prendem demais a bola; prefiro Ronaldinho Gaúcho recuado ou, como sugeriu Tostão, Marcelinho (Carioca). Luizão infelizmente se contundiu; se não voltar bem, as opções são Anderson, Amoroso (a minha) ou Jardel. Mas, como os leitores *Placar*, estou torcendo mesmo é para que Romário e Ronaldo estejam em forma.

O fundamental, portanto, é definir um esquema tático que compense as dificuldades, que são as mesmas qualquer que seja o time titular e que já eram essas na Copa de 98: a zaga, que se posiciona mal, e a ligação com o ataque, que tem de ser mais objetiva. Apesar da má fase, esse time, se bem distribuído e treinado, será melhor que o de 98. (15/4/2001)

Era de esperar que Luxemburgo fizesse o Corinthians recuperar a qualidade. O time é bom; mesmo na seqüência de derrotas fazia bons jogos. E Luxemburgo conhece o grupo e tem ascendência sobre ele. Seu melhor trunfo, além do conhecimento de táticas, é a psicologia barata, mas eficaz, que depende do tempo de convívio. Na seleção ele não tinha esse tempo de convívio e cometeu, entre muitos outros, o pecado da soberba, pois não sabe ouvir vozes mais experientes como a de Tostão. Se um grande jogador como Rivaldo já sofre para se adaptar às exigências da seleção, imagine o técnico. (15/4/2001)

Volto a repetir: chega de testes, Leão. Siga a base e faça dela um time, não uma equipe peladeira. Deixar de fora jogadores como Cafu, Roberto Carlos, Ronaldinho, Alex e

Rivaldo, optando por Alessandro, Leomar, Washington e sei lá mais quem, com desculpas populistas, é ofender o bom senso mundial. (29/4/2001)

Luiz Felipe Scolari é orgulhoso e autoritário, à moda gaúcha. Conhece futebol e sabe identificar craques, mas tem inclinação a proteger os jogadores que se encaixam em sua visão do futebol como uma "batalha campal". Sabe preparar jogadas ensaiadas e posicionar o time na defesa, mas confia demais em dois ou três recursos de ataque. Pode, enfim, dar certo porque é disciplinador – e dar errado pelo mesmo motivo. De qualquer forma, é mesmo um dos melhores técnicos do Brasil. E a convocação foi muito boa. Não entendi a ausência de Rogério e Vampeta (afora os dois que estão no ostracismo jurídico, Ronaldinho Gaúcho e Juninho Pernambucano), mas a equipe é boa, assim como a aparente idéia de liberar mais os alas e Rivaldo, que poderão jogar como nos clubes. (17/6/2001)

Quase três anos depois da final da Copa de 98, os pauteiros não esquecem o assunto. O *Fantástico*, domingo passado, anunciou com estardalhaço o "possível motivo" para a crise convulsiva de Ronaldo: efeito colateral do Voltaren. Não há nada de novo nessa hipótese, que Sócrates, por exemplo, sugere desde então. Mas o povo não tem memória, não é mesmo? (1/7/2001)

Até a Sandy sabia que o time brasileiro não daria certo com Roque Júnior e Emerson na armação e o hiato resultante entre eles e os dois individualistas Rivaldo e Juninho. E mesmo com tanto jogador de destruição a cobertura dos laterais foi falha, como o lance do pênalti demonstrou.

Agora, o tiroteio expiatório está ridículo: "É a desorganização da CBF", dizem uns; é o Rivaldo, dizem outros; é o Romário; a ausência do Ronaldo (se estivesse jogando, seria a presença); a falta de amor à camisa; o dinheiro; o marketing; as mulheres; o FHC; o gol não marcado; a decadência do futebol – ufa! Mas jogo ainda se joga em campo, partida a partida. O Corinthians, por exemplo, sem André e sem Luizão já era um time comum; diante de um Grêmio marcando a saída de bola, então... Mas um ou dois motivos simples não bastam.

Sobre Rivaldo, acho que ele é um craque irregular, com estupendos recursos e graves limitações. O fato de ele não se dar bem com a camisa amarela – embora nem sempre, ao contrário do que dizem – se deve não só ao posicionamento, mas sobretudo ao status. É certo que ele se sai melhor no Barcelona porque ali joga nas imediações da meia-lua, como ponto focal do time, apenas com Kluivert à sua frente e diante de defesa fracas, abertas. (No retrancado futebol italiano, por exemplo, não se daria tão bem.) Mas, numa seleção em que Romário ou Ronaldo – ou Romário e Ronaldo – estejam à frente, como devem estar, ele jamais será protagonista. Reveja os jogos da Copa de 98: só depois que ele começou a passar a bola para Ronaldo é que o time deslanchou.

Um dos segredos da seleção de 70 é que todos aqueles craques, muitos deles deslocados da posição, alguns temperamentais, todos eles – Clodoaldo, Gerson, Rivelino, Tos-

tão, Jairzinho, Carlos Alberto – sabiam quem era o protagonista. Mesmo porque esse protagonista não era egoísta. (8/7/2001)

Qual é o esquema, se 4-3-3, 4-4-2 ou 3-5-2, não importa tanto; o que importa é achar aquele que dá melhor rendimento coletivo aos talentos disponíveis. A vantagem dos três zagueiros é liberar os laterais; a desvantagem, o nível dos zagueiros brasileiros. Felipão está certo em passar a ter um volante mais de contenção, como Emerson, e outro mais de armação, como Juninho Pernambucano. Seu maior trunfo é a capacidade de agregar os jogadores com a animação, não com o jargão. E como é bom ver Denílson passando a bola na hora certa e se movimentando para além da faixa lateral esquerda. (22/7/2001)

O fundo do poço? Quatro derrotas seguidas, o que não ocorria desde 1921. Depois, o vexame diante de Honduras. E o temor de não se classificar para a Copa de 2002 aumentando. A CBF tem culpa? Tem, e muita, por não saber montar um calendário e não ter uma política para a formação de jogadores, entre muitos outros motivos. Faltam talentos? Faltam, especialmente os organizadores de meia-cancha, os "pensadores" de um time – como foram Zizinho, Didi, Pelé, Zico. Falta caráter? Dispensa-se exemplo.

Mas o jogo em si podia ter sido outro se Felipão não insistisse em entrar com dois volantes quebradores de canela, Eduardo Costa e Emerson, à frente de três zagueiros medianos. O time melhorou quando os dois Juninhos entraram, mas se desmantelou porque ficou com dois zagueiros perdidos. Como já escrevi, Felipão é preocupado demais em posicionar a defesa e aposta muito em apenas uma ou duas alternativas de ataque – no caso, os dribles de Denílson, que mais uma vez ficou dando rodopios colado à lateral esquerda do campo.

É essa incapacidade de fugir ao dilema entre futebol defensivo e ofensivo o mal do futebol brasileiro hoje. Mesmo Carlos Alberto Parreira sofria disso, ele que foi chamado de "estrategista" pela conquista da Copa de 94, como se tivesse antecipado na prancheta o pênalti perdido por Baggio. Mas não é defeito exclusivo dos técnicos. A maioria dos comentaristas e jogadores pensa assim. Enquanto isso, a França exhibe Zidane e a Argentina, Verón, atletas que orquestram a passagem para o ataque com rapidez e versatilidade.

Daí os extraordinários erros de passe da seleção brasileira, típicos de quem não sabe onde os companheiros estão. E como neste país católico a seleção só pode ser magistral ou não será nada – como se viu pela necessidade de ouvir dos jogadores a confissão de se sentirem "envergonhados" –, uma seqüência de passes ruins e um ou dois gols do adversário (qualquer que seja) desmantelam a estrutura emocional & tática do time. O problema do futebol brasileiro não está só nos pés, mas também na cabeça. E não só na dos especialistas. Se um país inteiro ficou discutindo qual a melhor camisa para a seleção, azul ou amarela, a equipe não perdeu deus sozinha para Honduras. (29/7/2001)

Apelando ao Supremo

É tal o sofrimento do brasileiro ante os fiascos de sua seleção e o medo de que ela não se classifique para a próxima Copa, que decidi fazer como aquele autor de livros de auto-ajuda e entrevistar Deus.

Estado - Deus, dizem que o Sr. é brasileiro. Como dizem também que todo brasileiro é um técnico de futebol, eu gostaria de saber o que o Sr. faria com a seleção brasileira.

Deus - Meu filho, não existe brasileiro que entre aqui nos céus e não faça a mesma pergunta. E isso desde o tempo em que Pelé jogava!

Estado - Imagino, Altíssimo. Mas o Sr. sabe como é, as coisas estão feias no País e o povo quer ao menos ter orgulho de sua seleção.

Deus - Mas e o samba, a MPB?

Estado - Sumiu, meu Deus. Primeiro veio o sertanejo, depois o pagode, depois o funk, agora estão procurando uma nova moda – ou pelo menos uma moda antiga que volte.

Deus - E a natureza? Fiz um bom trabalho por lá, eu me lembro.

Estado - Só queimada, derramamento de óleo, seca, poluição...

Deus - A publicidade? A literatura? As mulheres?

Estado - Ninguém acredita mais nessas coisas, Senhor. Não dá nem para saber se a mulher é de verdade ou se é de silicone.

Deus - Mas o País está melhorando, não?

Estado - Em qual quesito, Senhor?

Deus - Deixa pra lá. Vamos falar da seleção. Os jogadores mais bem pagos do mundo não são brasileiros

Estado - Sim, Senhor. Mas eles não treinam juntos, o povo diz que são mercenários, estamos no terceiro técnico desde a última Copa, e o nosso melhor jogador ainda não voltou a jogar. Enfim, uma confusão.

Deus - E por que ninguém faz nada, por que não formam um conselho? Até meu filho precisou de conselheiros.

Estado - É que a CBF não funciona, todo mundo acha que lá só tem pilantra.

Deus - Eu vou mandar benzer a camisa da seleção. Deve ser o coisa-ruim.

Estado - Qual camisa?

Deus - Como assim?

Estado - A amarela ou a azul? Tem muita gente que acha que o problema da seleção é a cor da camisa.

Deus - Então é grave, muito grave... Mas não desistam! Façam alguma coisa! Por que não chamam o Pelé e pedem ajuda para ele? Esse sim é divino.

Estado - Ele também fez acordo com a CBF, ó Onipotente.

Deus - Então eu desisto. Vocês que são brasileiros que se entendam. Eu sou brasileiro, sim, mas sou também indiano, holandês, sul-africano, canadense – sou até argentino, embora eles não admitam concorrência. (5/8/2001)

O oba-oba é, para dizer o mínimo, precipitado. Sempre achei improvável a desclassificação, mas a vitória de 2 a 0 sobre o Paraguai foi tratada como "épica" e "redentora" não só para a seleção, mas para a própria brasilidade. Calma. O time ainda está desestruturado e continua a viver de dois ou três momentos de brilho individual. Rivaldo não jogou bem,

Denílson continua a ser melhor para 9 minutos do que para 90, a zaga e os volantes não sabem sair com a bola. Felipão aos poucos realiza o objetivo de liberar mais os alas e, no final, Rivaldo. Mas não poderá prescindir de jogadores como Antonio Carlos, Vampeta, Emerson, os Juninhos e um homem de área como Elber. (19/8/2001)

E Ronaldo está voltando. Apesar da imprensa venal, que fabrica e devora ídolos ao sabor de seus preconceitos, ele já dá provas de que pode voltar a jogar muito bem, depois de uma fase de dois ou três meses de recuperação do ritmo e condicionamento. No gol contra o Enymba, na semana passada, apesar de ser um amistoso-exibição, ele escapou de um zagueiro contundente com a agilidade de esquiador que sempre o caracterizou.

Depois, embarcou na redenção chorosa que a TV Globo – a mesma que atribuiu tão grotescamente a perda da Copa de 98 à sua crise convulsiva – preparou no *Domingão do Faustão*. Mas isto não invalida seus méritos futebolísticos e não põe em dúvida sua boa índole. Os "formadores de opinião" não entendem que Ronaldo, como qualquer atleta de sua grandeza, rende dinheiro mesmo quando parado – e muito mais para quem o patrocina do que para ele próprio. Este é o mundo atual. Ou se aprende a conviver criticamente com ele, ou se fica resmungando cinicamente sobre os males do marketing até perder a capacidade de admirar os talentos. (26/8/2001)

Como era de esperar de um técnico que acha que falta é mais importante que drible, a seleção brasileira ficou na defesa, sem saída de bola e sem eficiência na armação. A virada da Argentina – sem Verón e Batistuta – era uma questão de tempo. Insistir em Cris, Mauro Silva e Eduardo Costa é pedir para fazer feio. Curiosamente, os dois gols do adversário foram em cima dos laterais, mas isso porque o Brasil jogou em esquema novo: 7-2-1. (9/9/2001)

O esquema de três zagueiros ainda não convence: contra times que jogam atrás, como o Chile no domingo passado, ele pode funcionar; mas, contra os que fazem pressão no ataque, fica sem saída de bola. De qualquer forma, Scolari não vai mudar o esquema, mas começa finalmente a escutar os poucos comentaristas e os muitos torcedores que querem a seleção mais ou menos assim: Marcos; Cafu, Juan, Lúcio, mais um zagueiro (prefiro Antonio Carlos a Edmilson e Cris) e Roberto Carlos; Emerson, Vampeta e Rivaldo; Ronaldo e outro atacante (Romário, se em forma, Denílson ou Edílson). Acho que Serginho é o reserva de Roberto Carlos, não Júnior, e que o substituto de Ronaldo até o retorno completo pode ser Luizão. Ronaldinho e Alex, que dão bons passes e lançamentos, não podem ficar de fora dos 22.

Felizmente Felipão ouve os bons comentaristas, como Tostão, porque a maioria é risível: basta qualquer jogador ter uma boa atuação nesse sofrível campeonato brasileiro – Kaká, Robert, Evair, Lopes etc. – e já é "sugerido" para a seleção... Sobre Ronaldo, tomaram a distensão muscular dele como prova de que seu retorno ainda é incerto. Não: o joelho

e a técnica já estão recuperados (o que não significa, toc toc toc, que nada vá acontecer). Quem não aposta nele é ruim do pé ou doente da cabeça. (14/10/2001)

Luiz Felipe Scolari provocou furdúncio, como diria Jorge Amado, ao declarar que o futebol de 58 a 70 era lento, mais fácil de jogar, etc. Pelos motivos errados, está certo. Basta ver os videoteipes. Gerson hoje não teria todo aquele tempo para observar os atacantes e decidir para qual iria lançá-lo. Mas a velocidade e a força do futebol atual não são desculpas para a falta de categoria e inteligência dos jogadores. É raríssimo ver alguém acertar um passe mais longo, imagine um lançamento de 40 metros como os do Gerson...

A "crise" do futebol brasileiro, especialmente dentro de campo (fora dele, todos sabemos quem são os culpados e queremos que sejam punidos rapidamente), vem justamente de não ter assimilado bem essa mudança de padrão, embora jogadores como Ronaldo, duas vezes melhor do mundo, tenham se destacado justamente por sua capacidade de unir força e arte. Na média, nossos treinadores têm parca consciência disso, e os clubes vêm formando atletas cada vez mais incompletos, "especializados", com ganância, digo, ânsia de resultados imediatos... Como disse Zico, o domínio e o passe hoje são fundamentos ainda mais importantes. Enquanto isso, os cronistas exaltam o drible como característica exclusiva do futebol brasileiro. (21/10/2001)

A altitude claramente afetou o resultado do jogo, mas, tal como os jogadores decentemente disseram, não pode ser desculpa para a derrota. O que aconteceu foi uma vitória de quem tinha estratégia sobre quem não tinha. A Bolívia já entrou em campo decidida a apertar a saída de bola, chutar bastante a gol e lançar "chuveirinhos" às costas dos zagueiros. Sobre estes, continua valendo a formulação: o problema não é o esquema de três zagueiros; o problema são os três zagueiros. Scolari também poderia ter deixado o personalismo de lado e convocado Romário (para não falar de Rogério, o goleiro mais completo), ainda mais depois que Luisão se contundiu, porque o time claramente sente falta de um homem de área para triangular com Rivaldo e Edílson. Se classificar, a seleção vai ter de trabalhar muito no primeiro semestre para acertar o que não acertou até agora, contando também com a volta de Ronaldo. Ainda tem jeito, mas, como diz Fiori Gigliotti, "o tempo passa": faltam cinco minutos. (11/11/2001)

O Brasil foi campeão em 1994 e vice em 98, teve quatro eleições para melhor jogador do mundo na década (Romário, Ronaldo duas vezes, Rivaldo) e seus atletas continuam a brilhar nos melhores campeonatos do mundo. Por que então uma crise em tais proporções, fora e dentro de campo, a ponto de ter a pior campanha da história em Eliminatórias? Para uns, é a desorganização e a corrupção do futebol. Para outros, é a perda da identidade brasileira, o abandono do estilo alegre, ofensivo, "moleque". Para outros ainda, são os dois fatores, causados sobretudo pelo avassalador marketing esportivo.

Todos têm razão, mas insuficiente. O futebol brasileiro nunca primou por organização e honestidade. A perda de identidade não explica por que os jogadores brasileiros ainda

continuam valorizados mundo afora. E o marketing está no esporte não é de hoje, e o que é necessário é aprender a conviver com ele. Há outros motivos importantes que são esquecidos nessa discussão, ainda que tenham a ver com os citados. Mas que podem ser resumidos numa questão que aparece quando se reflete sobre um fato básico: a tal crise do futebol brasileiro se acentuou tremendamente depois da final da Copa de 98.

No pós-convulsão de Ronaldo, a maioria das mentes – de atletas, técnicos, comentaristas, repórteres, políticos e torcedores – entrou em convulsão também. Disparou-se um ataque nervoso de longa duração e muitas faces. Na expiação do vice-campeonato, descarregou-se o pior lado da paixão pelo futebol e da idolatria em geral. Um vice-campeonato, obtido com brilho apesar da derrota final para um time com esquema tático superior, não era bastante para satisfazer a voracidade ufanista, a obsessão cristã por ídolos infalíveis, a incapacidade de reconhecer a realidade e seus limites. O trauma, claro, foi proporcional à expectativa depositada no que não passa de uma partida de futebol, com 22 sujeitos correndo atrás de uma bola para enfiá-la em traves.

Quando jornais e técnicos entram na discussão estéril sobre jogar na defesa ou no ataque, quando mesas-redondas martelam a idéia de tomar um time nacional como base da seleção, quando os narradores e torcedores dizem que o drible é o fundamento máximo do estilo tropical, quando um escritor diz que Eurico Miranda é "mal necessário" para seu time, quando os jogadores se mostram mais uma vez incapazes de se unir a não ser para a roda de pagode, quando a CPI do Senado Federal chega ao cúmulo de interrogar o centroavante sobre seu posicionamento na cobrança de escanteio – quando tudo isso ocorre, a culpa não é só da má fase do Rivaldo ou falcatura de Ricardo Teixeira.

Que se mude a CBF, com um Zico ou um Raí em seu comando. Que se critiquem os jogadores e que se critiquem os críticos. Que se revalorizem os armadores de meio-campo, etc. Mas que não se esqueça da questão central: apesar de seu sucesso nos anos 90, o futebol brasileiro não acompanhou as mudanças do futebol mundial como esporte, negócio e espetáculo. Não sabe formar jogadores como atletas completos, capazes de unir força e arte, e muito menos como cidadãos, capazes de não se perder em estrelismo e cobiça. (Basta ver a relação paternal que os treinadores têm com seus jogadores: sem exceção, tratam a todos como filhos, e, como eles gostam, se cria um círculo vicioso infernal. Daí o quase-fiasco das Eliminatórias, pela primeira vez realizadas ao ritmo de um jogo por mês. Papai Felipão não pôde criar ascendência sobre o grupo.)

O futebol brasileiro vive na pré-modernidade, dividido em feudos passionais, incapaz de traçar projetos flexíveis e sensatos. Por não ser tão importante quanto o torcedor pensa ser, deveria ser levado mais a sério. (25/11/2001)

Reveja a fita de Brasil e Holanda na semifinal da Copa de 98. A seleção jogou muito. Ronaldo, Rivaldo e Roberto Carlos fizeram grandes lances, enfrentando a marcação quase perfeita de Frank de Boer, Stam e Davids, e o gol brasileiro é uma síntese do caminho que deveria ter sido mais perseguido, Rivaldo lançando para Ronaldo. Kluivert subiu cinco vezes sozinho para cabecear, graças a Júnior Baiano, e terminou acertando na sexta vez. Mas o Brasil mereceu a vitória que veio pelos pênaltis. Já o time francês não era melhor: era mais bem montado.

Leitores me perguntam sobre a Copa de 2002, à qual devo ir. Acho que o time é equivalente ou melhor que o de 98. Pense nos 23 mais votados pelos leitores do portal do

Estado (www.estadao.com.br): Marcos, Rogério e Dida; Cafu e Belletti; Juan, Lúcio, Roque Jr, Antonio Carlos e Edmilson; Roberto Carlos e Serginho; Emerson, Vampeta, Juninho (PE) e César Sampaio; Juninho, Rivaldo e Ronaldinho; Ronaldo, Romário, Denílson e Edílson. Ronaldo, note-se, já é o atacante mais votado, o que mostra que o cidadão bem informado não raro é mais sensato que o comentarista profissional. (Vi na TV Juca Kfourir, Sócrates e Kajuru dizendo que Ronaldo está “jogando com uma perna e meia” e que “dificilmente ficará pronto para a Copa”. Quoque tu, Juca?)

O time de Scolari não deve ser muito diferente, ainda que ele não venha chamando Rogério, Antonio Carlos e Romário por besteira e eu esteja respeitando o esquema de três zagueiros. Compare-se. Marcos ou Rogério não são nem melhores nem piores que Taffarel. Cafu e Roberto Carlos estão mais maduros. A zaga era tão irregular quanto essa. Emerson e Vampeta têm poder de destruição (alto) e criação (médio) como o de Dunga e César Sampaio. E finalmente temos bons meias-atacantes destros, porque em 98 Leonardo foi sacrificado na posição. (Por falar nisso, já vi a propaganda da Nike com Ronaldinho Gaúcho? Um primor de coreografia e edição.) O risco é que o avanço pelo meio continue travado.

Mas o maior problema é que em 98, assim como em 94, as outras seleções não estavam tão competitivas quanto estão agora. Argentina e Itália contam com novos craques e bons esquemas. A própria França melhorou. Espanha, Portugal e Inglaterra darão mais trabalho. Que pelo menos desta vez, caso percamos, saibamos reconhecer a superioridade alheia. (13/01/2002)

Woody Allen comentando que seu gosto por esportes é cultural, isto é, está na admiração do talento – o mero prazer de ver uma coisa feita de forma rara – e no interesse pelos valores humanos postos literalmente em jogo. Há tempos, a propósito, estou para comentar a idéia argentina de extinguir a camisa 10 em homenagem a Maradona, cuja despedida patético-dramática vi pela TV no final do ano. Os defensores dizem que é uma justa e inofensiva homenagem ao gênio da bola e lembram que na NBA isso é habitual. Mas o futebol tem uma história de numeração diferente da do basquete (vide o problema que a seleção argentina terá na Copa de 2002, que obriga a inscrição numerada de 1 a 23); e, justamente por ser inofensiva, a homenagem poderia ter sido outra. O excesso da homenagem é mais catarse que exaltação – bem ao gosto argentino atual. (20/01/2002)

No dia seguinte ao fechamento desta coluna na semana passada, em que comentei as homenagens argentinas a Maradona, o Vasco anunciou a intenção de extinguir a camisa 11 de Romário depois de sua aposentadoria. O que é catarse para eles, que não têm a menor dúvida de que Maradona foi maior que Pelé, é para tais brasileiros uma velhacaria, uma "ixperieza", que espero não abra precedente (só para ficar no Vasco, Roberto Dinamite está sofrendo grande injustiça). Os argentinos diriam que são os "macaquitos"... Mas felizmente a maioria dos brasileiros se declarou contra, nas pesquisas que vi na TV. Um grande estudo de casos – a semelhança dos populismos, a diferença das intenções – poderia ser feito, se os correspondentes da imprensa estivessem interessados em algo mais que traduzir boletins internacionais. Enquanto isso, na hiper-oscilação característica da mentalidade local, Felpão ignora Romário. (27/01/2002)

Ronaldo preocupando. O principal é que ele não sente dores no joelho e já demonstrou que a técnica continua fenomenal. Se estivesse jogando "com uma perna e meia", como afirmam, deve ser mais brilhante do que supúnhamos, para ter marcado aqueles três gols em dezembro... Mas obviamente paga o preço do afastamento, em consequência de um desequilíbrio muscular previsível para quem volta depois de dois anos, talvez acentuado pela instabilidade psicológica. (Minha hipótese sobre 98? Nenhuma. Só vejo alguma plausibilidade na de que um medicamento tipo Voltaren tenha tido como efeito colateral a crise nervosa. E sabemos muito pouco sobre "somatização" para afirmar qualquer coisa com certeza.) Agora, os urubus que perdoem, mas a volta dele é fundamental – e todos continuaremos torcendo por ela. (03/02/2002)

O futebol é um campo onde se vê claramente a sobreposição do personalismo à racionalidade. Podem dizer que futebol é paixão, mas cabe ao torcedor ser apaixonado; não cabe aos atletas, técnicos, dirigentes e comentaristas distorcer a razão em nome disso. Veja o caso Romário. Ele certamente consta da minha lista de 23 para a Copa, mas não se pode achar que ele será o salvador da pátria, como muitos acreditam que ele foi em 94. Meu sonho ainda é materializável: ver o "ataque dos Rs", com ele (que tem sabido usar o mínimo de esforço necessário para praticar sua arte de finalizador), Ronaldo (um centroavante com mais recursos, que em algumas semanas pode estar de volta), Rivaldo (irregular, mas capaz de lances geniais) e Ronaldinho Gaúcho (reencontrando seu futebol na França). Luizão, Edílson, Denílson, França, etc. são todos reservas desse quarteto. Ponto final. (03/03/02)

Scolari deve estar com o seguinte time em mente: Marcos; Lúcio, Roque Júnior e Edmílson; Cafu, Émerson, Gilberto Silva e Roberto Carlos; Rivaldo, Ronaldinho e Ronaldo. Deve ter dúvida sobre Marcos (acho Rogério melhor) e Gilberto Silva (ainda há as opções Kleber, Vampeta e Juninho Pernambucano) e esperar que o "ataque dos Rs" funcione logo e o dispense de, no desespero, ter de chamar Romário (que não se encaixaria nesse esquema tático e dificilmente aceitaria a reserva).

Ronaldo ainda é incógnita, porque pode sofrer novo estiramento, mas fez muito bem em prolongar sua estadia no Brasil e dar prioridade à seleção, afinal foi o argentino Hector Cúper, técnico da Inter (equipe na qual já houve 22 lesões musculares em seis meses), quem errou ao deixá-lo jogar três partidas inteiras em dez dias. Se não der, não deu. Mas a maioria das pessoas se equivoca quando diz que Ronaldo não está voltando.

Contando com tais sortes, esse é, no papel, um time muito bom. O problema é dar conjunto em pouco tempo. Mas, assim como não acreditava em vitória na Copa de 98 (e alguns meses antes, em viagem pela França, elogiei a seleção local e ouvi em resposta "pufs!" cétricos), não acredito agora. Torço apenas por mais um bom desempenho. Quem não se ilude não se frustra. (17/03/02)

Como previsto, Felipão não convocou Romário. Vai ficar na dependência de Ronaldo e Luizão entrarem em forma, porque tem em mente um centroavante forte e veloz acompanhado de "assistentes" como Ronaldinho, Edílson ou Denílson. Mas, ao contrário do que se diz, não acho que tenhamos tantos atacantes disponíveis no futebol brasileiro: Washington, França e todos os outros já provaram que não estão à altura. Se Ronaldo e Luizão não forem bem nos dois amistosos, vai ficar difícil não convocar Romário. Alea jacta est. (24/03/02)

Ronaldo deu três chutes a gol, fez duas assistências, deu dribles e arrancadas e foi o melhor em campo no primeiro tempo. Não marcou, mas deixou a confiança em 70% das pessoas de que estará na Copa, bastando readquirir o fôlego nos próximos 60 dias (e salvo qualquer acidente de trabalho). Scolari mostrou, no País dos complacentes, que às vezes teimosia é qualidade: desde a convocação, todos os comentaristas – com exceção de poucos, como Soninha – desaprovaram a inclusão de Ronaldo. Agora, mais uma vez, podem vir a público e dizer que se equivocaram, pois Ronaldo está de volta e bem. Já é mais do que hora de abandonar essa má vontade vira-lata. O *Estado*, por exemplo, deu em legenda que Ronaldo "até (sic) jogou bem", e a *Folha* cravou: "Ronaldo surpreende, Ronaldinho brilha, Luizão mata". Mas Ronaldo 80% já é melhor do que quase todos os outros jogadores em atividade. E vai ficar 100%.

Defendi Romário entre os 23 para a Copa se o esquema não fosse o de três zagueiros e se ele aceitasse a reserva. Mas Scolari insiste no esquema, e a probabilidade de Romário aceitar a reserva é tão grande quanto a de José Serra desistir da Presidência... O jogo contra a Iugoslávia expôs de novo os problemas da seleção: sobretudo, não dá para jogar com três zagueiros e dois volantes desarmadores; Vampeta é mais criativo que Emerson, com quem deveria fazer dupla. Mas o ataque titular não poderia ser mais auto-evidente, o meu "ataque dos Rs": Ronaldinho, Rivaldo e Ronaldo – de botar medo em qualquer defesa. A torcida vaiou os jogadores, como se eles fossem culpados de não terem jogado juntos até agora? Torcidas jamais primaram pela razão. (31/03/02)

Cada brasileiro tem a lista daqueles que levaria no lugar de alguns que Scolari pretende levar. Eu, por exemplo, prefiro Serginho a Júnior na reserva da lateral esquerda; acho que Vampeta e Juninho Pernambucano mereciam nova chance, pois Gilberto Silva só dá passe de lado; e levaria Romário, já que a condição atlética de Ronaldo e Luizão ainda precisa ser comprovada. Mais importante, abandonaria o esquema 3-5-2, antes de mais nada porque ele não foi assimilado pelo grupo. E me preocupo bastante com a Escolinha do Professor Scolari, com essa sua mentalidade que prega a disciplina e, no entanto, não pratica o "fair play". Já pensou se ele decide numa partida de Copa do Mundo chutar bolas para dentro do campo antes do apito final?

Mesmo assim, estamos para ver uma seleção canarinho que vá para uma Copa sem estar "desacreditada". O brasileiro dá importância demais ao futebol e sofre com a derrota

do seu time como se fosse uma tragédia pessoal. Está sempre à espera de salvadores da pátria e, caso eles falhem, logo os transforma em expiadores da culpa. Como lembrou Ronaldo, ninguém na França diz que Zidane ganhou a Copa de 98 "sozinho". No Brasil, no entanto, Romário é exaltado não só por sua arte de finalizador, mas também por seu jeito de malandro. Como a família Sarney ou seu padrinho Eurico Miranda, se julga dono de privilégios que os cidadãos mortais não alcançam. Isso não faz dele pior ou melhor jogador. Mas explica boa parte do barulho que se faz em sua defesa. (14/04/02)

O jogo contra Portugal só ratificou os trunfos e os problemas da seleção de Scolari. Não resta dúvida de que o ataque titular é o dos Rs: Ronaldinho, Rivaldo e Ronaldo. Mas a defesa ainda bate cabeça e o meio-campo carece de criatividade. Não se pode depender apenas de Ronaldinho – como se ele fosse o "1" que Zagalo queria – para armar as ofensivas. Falta um meia que saiba também construir. Rivaldo tem de soltar a bola mais rápido às vezes, os alas precisam aparecer mais, etc., etc. Mesmo assim, é um time promissor. Ronaldo? Bem, além dele mesmo, que tem tudo para estar 100% até antes de 3 de junho, só sei de um articulista que desde março de 2001 acreditava em uma volta bem-sucedida como está sendo... E jornalisticamente, colegas, seu retorno – mesmo sem o (difícil) pentacampeonato – é uma história e tanto. (21/04/02)

Esqueci Edílson na minha lista de 23 para a Copa, mas seria no lugar de Djalminha, por ter mais poder de decisão, não só por questão de disciplina. Preferi Serginho a Júnior e Alex a Kaká, mas concordo que é quase trocar seis por meia dúzia. E Juninho Pernambucano me parece mais regular que Vampeta; no entanto, Felipão parece ter percebido enfim que seu problema é o segundo volante, ainda mais porque ele insiste no esquema de três zagueiros sem líbero. Vampeta pelo menos sabe lançar para a frente.

O importante é que o amor ao futebol seja dissociado dos nacionalismos e passionatismos. (26/05/02)

O Brasil está sempre dependendo de algum estrangeiro que venha e o intérprete. Alex Bellos, correspondente dos jornais ingleses *Guardian* e *Observer* no Rio de Janeiro, fez um dos livros que estavam faltando sobre o futebol brasileiro. Li em inglês, *Futebol - The Brazilian Way of Life* (Bloomsbury). É cheio de informações e observações interessantes que mostram como o esporte projeta a imagem do brasileiro e também suas deficiências como cultura e sociedade. Um exemplo: Bellos nota como nunca se diz que um goleiro é um craque; quando ele dá show, é chamado de "santo". Muito simbólico...

Outro bom livro sobre futebol, mas sobre o futebol mundial e suas transformações até ser o que é hoje, o esporte mais popular e globalizado, é *Sociologia do Futebol*, do também inglês Richard Giulianotti, que prefaciei para a editora Nova Alexandria. Giulianotti vê uma "complexidade cultural crescente" no esporte, quando a maioria vê seu nivelamento técnico e sua perda mercantilista. A corrente Copa mostra seu acerto. (23/06/02)

PARTE V - O PENTA (DIÁRIO DA COPA DE 2002)

O tRRRunfo da seleção

A única conclusão que dá para tirar de amistosos contra timecos é que não há conclusão a tirar. Brasil vs Malásia me fez lembrar de quando jogávamos contra crianças mais novas, "dentes de leite", que por estarem enfrentando os mais velhos entravam empolgadas e depois iam caindo na real e se fechando atrás. É o tipo de jogo em que dribladores velozes como Denílson e Edílson aparecem mais, o que não significa que por isso adquiram mais chance de serem titulares. Não se deve tomar decisão nenhuma a partir de uma quase pela-da como essa. Lembra Andorra em 1998? Ninguém diria que aquela seleção brasileira fosse bater uma Holanda na semifinal.

Amistosos assim tendem a acentuar os defeitos e atenuar as qualidades. E o que se viu, no máximo, é que a seleção de Luiz Felipe Scolari continua com os mesmos problemas: falta um segundo volante que apoie com eficiência; os três zagueiros são trombadores, nenhum confiável na saída de bola; os jogadores ainda se procuram em campo, o que a carência de toques de primeira comprova. Se a idéia de Felipão é ter pequenas variantes na escalação que se adaptem a cada adversário, ele deveria ter trabalhado ainda mais em ter um padrão do qual pudesse partir. Não tem.

Mas é véspera de Copa e vamos destacar as qualidades em que a seleção deve apostar. Nada do ufanismo que se vê na TV, com seus compromissos populistas. Trata-se de chamar atenção para um fator que pode ser fundamental. A meu ver, o grande trunfo dessa seleção é não ter uma estrela única. O ataque dos Rs será tanto mais decisivo quanto mais dividirem as responsabilidades. Rivaldo é hoje um jogador melhor, até menos individualista, do que era em 98. Ronaldinho é melhor que o Bebeto de 98 – assim como o Bebeto de 94 era melhor que o de 98 – e ocupa o lado direito do ataque, mal ocupado por um Leonardo deslocado na última Copa. O trio tem de tocar mais a bola entre si, com Ronaldinho e Rivaldo abrindo para ajudar os laterais e depois afunilando. Ronaldo fica várias vezes à espera de um lançamento que não vem, o que termina deixando-o impedido. Principalmente Rivaldo tem de levantar mais a cabeça. Seu maior inimigo é o estrelismo.

O ganho, antes de tudo, é psicológico. Pelo menos um dos três poderá brilhar bastante a cada jogo. E Felipão tem ainda um banco cheio de potenciais. Quando os ingredientes são bons, o chef não precisa inventar muito: basta usar as doses certas nas horas certas. (26/5/2002)

Viciado em craque

Você acha que a Copa é um espetáculo de comunhão entre os países ou uma guerra mundial sublimada? Eu acho que é uma superposição das duas coisas. Os nacionalismos certamente se acirram. É curioso ver, por exemplo, como as transmissões da Globo já passaram de um tom preocupado para um esperançoso, e outro dia vi uma reportagem que terminava chamando a seleção canarinho de "abençoada". Vencer a vizinha rival Argentina ou se vingar da França são ímpetos dominantes. Mas a Copa também consegue encenar uma aproximação mundial, o multilateralismo que a política e a economia ainda não conseguiram atingir. Além de torcer por "nosso" time, queremos ver grandes jogos, queremos ver um time solidário como a Holanda de 74 ou um gênio solitário como Maradona em 86 - queremos, enfim, que a História mostre estar acontecendo em passes e dribles, que nos faça testemunha de gols dignos da Posteridade.

Sou viciado em craque. Como é impossível acompanhar todos os campeonatos nacionais, costumo assistir àquele em que alguém brilha acima dos outros na maioria dos jogos. Cheguei a virar freguês do campeonato holandês nos anos em que Ronaldo jogou pelo PSV (1994 e 95). Via o campeonato argentino por causa de Maradona. Torcia pelo Barcelona de Romário. Etc, etc. Acho que atualmente as pessoas estão exclusivamente interessadas em resultados, em finalizações eficientes. Mas se um "rolinho" de Riquelme no meio das pernas de um adversário do Boca Juniors rodou mundo pela Internet, como prodígio de graça e invenção, há esperança.

É essa paixão que pode fazer da Copa mais que o confronto de ufanismos, até mesmo mais que uma síntese da trajetória do futebol. Um craque pode criar um momento-monumento, uma elegia à capacidade humana de vencer a mesmice. A outra vez em que vi uma Copa praticamente completa pela TV, em 1986, entregue à cama por uma fratura no tornozelo, não sai da minha memória na forma de flashes eletivos. Por isso rogo às transmissões que não sejam mesquinhas em replays e que parem de mostrar os gols apenas no chute final, sem os lances que o originaram. Uma invasão sinuosa de Veron na meia-lua, um drible em corte de Figo, um cruzamento curvilíneo de Beckham, um chute por cobertura de Totti – cada um desses possíveis instantâneos tem de ser reprisado ad aeternum. Mas é claro: no caso de uma folha-seca de Ronaldinho, um chapéu de Rivaldo ou um "elástico" de Ronaldo, que seja em câmera lenta... (27/5/2002)

Um mundial que promete

Se você comparar a seleção atual com a de 98, verá avanços e retrocessos, com alguma vantagem para os primeiros. A de 98 era uma seleção no meio de uma transição de gerações; isso pode ser bom, mas naquele caso não foi, porque Bebeto, Aldair e Dunga não renderam o que haviam rendido em 94. A seleção de 2002 é mais homogênea nesse sentido. Rivaldo, Roberto Carlos e quem sabe até Ronaldo são jogadores mais maduros hoje. Cafu mantém seu próprio padrão, Ronaldinho Gaúcho preenche uma lacuna na meia-direita, o banco tem mais opções equivalentes e os zagueiros são tão desconfiáveis quanto os da última Copa. Parece haver uma perda na dupla de volantes, porque Emerson só tem de Dunga a força na marcação e não há ninguém ali com a regularidade de César Sampaio. E há o esquema tático indefinido; não que o de 98 fosse muito consistente, mas pelo menos o grupo estava acostumado a atuar junto.

O problema, grave, é que os adversários hoje estão consideravelmente melhores do que em 98. A Holanda nem sequer se classificou, mas França, Argentina, Itália e algumas outras oferecem ainda mais perigo. A França tem atacantes melhores, Trezeguet e/ou Henry, e um conjunto que é mais ou menos o mesmo há quatro anos, vencedor da Eurocopa em 2000. A Argentina, Verón, Ortega, Batistuta, Crespo, González, etc. A Itália, Totti, Vieri, Del Piero, Inzaghi. A Inglaterra está melhor, Espanha e Portugal também. Eis, portanto, uma boa notícia para os que gostam de futebol: a Copa promete. E eis uma má notícia para o Brasil, ainda que a primeira fase lhe seja teoricamente fácil.

Mas é bom lembrar que as outras boas seleções também têm problemas, apesar das aparências de solidez. Se Felipão tem dúvida entre Rivaldo e Denílson, a Argentina tem entre Batistuta e Crespo, a Itália entre Del Piero e Inzaghi, etc. Todas tiveram tropeços em amistosos recentes, e algumas têm problemas de contusão (Beckham, Zidane). Seja como for, não há nada a fazer senão montar um time de verdade, e isto o Brasil ainda não tem. Não sei se Denílson deve ser titular, ao menos em todos os jogos, porque ocupa uma faixa restrita de campo e é ainda mais "fominha" que Rivaldo. Ele tem uma capacidade de resolver problemas em pequenos espaços que é contagiante, ainda que às vezes ele mesmo tenha criado esses problemas sem necessidade. E, no atual momento, o que a seleção menos precisa é de problemas desnecessários. (28/5/2002)

Gente inocente

Vejo Zagalo no programa *Gente Inocente* da TV Globo dizendo que, se não fosse "o problema com o Ronaldinho", o Brasil teria batido a França na final da Copa de 98. Ele repete essa ladainha impunemente há quatro anos. Como tem a simpatia da imprensa e da opinião pública, considerado "o único tetracampeão da história" (o que, além do crime semântico, supervaloriza seu trabalho como conselheiro de Parreira em 94), figura folclórica que acredita em numerologia e outras mandingas, ninguém o contesta. Mas o fato é que ele levou um golpe tático de Aimé Jacquet, o técnico francês de então, que se cansou de avisar que surpreenderia os brasileiros na bola parada e nas costas dos laterais.

Brasileiro é assim, tem sempre uma desculpinha para sacar do bolso. Veja Rubens Barrichello, que em 9 de cada 10 abandonos de prova repete a justificativa do "problema hidráulico". Mas é preciso haver a platéia crédula, o auditório sempre pronto a engolir (...) uma explicação única e autopiedosa. O comportamento de Zagalo – ou Zagallo, como ele quer – naquela coletiva determinou toda a reação posterior da mídia. Quando um repórter perguntou por que tinha escalado Ronaldo se ele tinha tido algo tão grave antes do jogo, ficou vermelho e perdeu as estribeiras. Afinal, não podia explicar como alguém que "quase morreu" tinha sido capaz de jogar 90 minutos de uma final de Copa do Mundo, inclusive sendo o único a criar oportunidades de gol. Dali em diante, Ronaldo se tornou bode expiatório. Foi parar até no Congresso Nacional, onde deu a célebre resposta: "Não ganhamos porque perdemos". Mesmo que o time tenha ido mais longe do que o mais otimista dos críticos acreditava, ser vice era uma vergonha a expurgar – não uma responsabilidade a assumir ou, melhor, um feito a comemorar.

Se eu pudesse pedir algo a Scolari, que também tem lá suas crendices, seria isso: que não arranje desculpinhas. Que reconheça a superioridade do adversário naquele dia, sobretudo quando ela é flagrante em todos os momentos de um jogo. Que não atribua a derrota em campo a fatores extrafutebolísticos. Que não trate, enfim, o povo brasileiro como gente inocente, ainda que ele seja em tantas ocasiões. (29/5/2002)

Músculos e cifrões

A média de estatura da seleção brasileira é 1m80. A informação, que normalmente aparece nessas estatísticas que só servem para decorar a página dos jornais, passa quase despercebida pelos comentaristas. Mas tem um significado muito interessante. Por mais que neguem, o futebol certamente "evoluiu" num quesito: capacidade atlética. Os jogadores estão mais e mais velozes, altos e fortes. Isso tem modificado bastante o futebol, a tal ponto que, mesmo revendo jogos de uma Copa tão recente quanto a de 1982, percebemos a diferença de ritmo: os jogadores tinham mais tempo para pensar com a bola nos pés, antes de levar uma trombada. Hoje em dia é mais difícil um jogador franzino se dar bem; pode saber proteger a bola, como Ricardinho, ou ter boa altura e ser um driblador veloz, como Denílson (1m78), mas terá de se acostumar a sofrer várias faltas durante o jogo.

Dizem que os cifrões estão mudando bastante o futebol, mas a melhora do preparo atlético tem mudado mais o jogo dentro dos gramados. Se é bom ou ruim? Não importa. É uma transformação real, que é ilusão negar.

No Brasil sempre se vê com maus olhos quando um jogador vai para a Europa e recebe reforço muscular. O fortalecimento de Ronaldo na Holanda e na Espanha, que o lançou para o mundo como modelo de conjugação da arte com o vigor, sempre foi associado ao uso de anabolizantes e à causa de suas contusões. Mas e o do Ronaldinho? Me parece evidente que lhe fez um bem danado o trabalho de musculação e fôlego, permitindo que peite os zagueiros e escape das faltas com explosão. Não à toa o ataque dos Rs, Rivaldo, Ronaldo e Ronaldinho, que ganha fama mundo afora, tem respectivamente 1m86, 1m83 e 1m80. E as condições físicas do baixinho Roberto Carlos e de Cafu certamente ajudaram a projetá-los como dois dos melhores laterais do mundo.

Por falar nisso, Juninho – 1m68, 58 quilos – deve ser titular contra a Turquia. Além de segurar muito a bola, ele cai demais, embora use da velocidade para escapar dos zagueiros e embora as faltas possam ser armas letais. Mas que falta massa, falta. (30/5/2002)

Pompa e irreverência

A Copa do Mundo começa hoje sem Zidane, mas tudo indica que ele só não joga na primeira fase. Eis um bom distintivo daquilo que se chama espírito esportivo: há os que vêem o esporte como disputa a todo custo e ficam satisfeitos quando o adversário não pode contar com um Zidane; e há os que vêem o esporte como competição em nome do prazer e sentem profundamente a ausência de um craque como ele. Em qualquer pelada, em qualquer canto do mundo, é possível ver essa divisão espiritual. Para alguns temperamentos, o "fair play" não faz sentido, ou só faz sentido para o adversário... Muita gente sacaneia o adversário ou avacalha o jogo quando vê que está perdendo. Para outros, jogar deve ser um prazer em si mesmo, independentemente do resultado. Não raro são os que disfarçam seus defeitos ou colaboram pouco com o time.

A esportividade está a meio caminho: a disputa aumenta o prazer, mas nunca o deve substituir. O gosto está, como disse Romário, em "brincar a sério". Toda vez em que a seleção brasileira conseguiu combinar essas características, se deu bem. O adolescente Pelé em 1958, petulante a ponto de dar chapéu dentro da área adversária, deu o toque jovial que era preciso. Garrincha, em 1962, era a invenção quase despudorada que, no entanto, obteve toda a eficiência. A equipe de 1970 tinha humor e prazer na própria maneira de se entrelaçar em campo, para não falar dos lances individuais, dignos de "moleques maduros". A quase burocrática seleção de 1994 tinha a leveza sinuosa de Bebeto e Romário lá na frente, numa temporada em que as outras grandes seleções estavam mal.

O time atual parece ter um cotidiano de união e descontração, mas ainda não levou isso para dentro do campo. Scolari, apesar de seu paternalismo ser em parte responsável por esse clima, nem sempre praticou o "fair play" em sua carreira, mandando seus jogadores cuspirem nos adversários e chutando bola para dentro do campo antes do apito final. Mesmo assim, acho que os ventos da Copa podem soprar no ouvido de todo o grupo que essa camisa amarela pede pompa – e pede também irreverência. (31/05• /2002)

Panache

Um dos termos que a França exportou para o mundo é "panache", que nada mais é que penacho, topete, no sentido de ousadia, atrevimento. O que não sei é se o que aconteceu ontem foi a falta ou o excesso de panache dos franceses, que chegaram à Copa como (perdão pelo trocadilho) francos favoritos. Ou terá sido o excesso de panache dos senegaleses, devidamente assimilado dos ex-colonizadores? O fato é que, mudando de metáfora, a França entrou com saltos altos e sem Zidane, o que até seria uma contradição em termos.

Não que Zidane seja um "salvador da pátria" ao estilo que o brasileiro gosta de imaginar, mas o time sem ele perde o estilo, a chegada, a classe a serviço da eficiência. Basta compará-lo com o petulante Djorkaeff, sobrecarregado e sobremarcado na armação, mas a quem falta o "timing" elegante que Zidane, como Platini no passado, esbanja. O estilo de Djorkaeff está para o de Zidane como o de um Sartre para o de um Voltaire: muita frescura, pouco frescor. Então uma conclusão plausível é que o problema da França, ontem, foi menos a quantidade de panache e mais a sua qualidade. Devidamente mordidos na cauda agora, talvez "les bleus" devam apenas ajustar o tamanho do topete e seguir. Com Zidane, é claro.

O estreante Senegal entrou com a empolgação que só os estreantes podem ter, devidamente sustentada por três ou quatro jogadores de muito bom nível, como o topetudo platinado Diouf. No mundo inteiro, especialmente no Brasil - em júbilo matinal com a derrota daqueles que nos venceram na final de 98 -, ouviram-se depois as costumeiras exclamações a respeito da "evolução" do futebol africano, etc. e tal. Ouviu-se também o chavão: "Futebol não tem lógica." Mas a vitória de Senegal seguiu uma lógica: seleções da África têm sido azarões nas últimas copas, especialmente nas fases iniciais. Mas, justiça seja feita, ainda estão longe de ameaçar a hegemonia de Europa e América do Sul. O vigor físico e os brilhos pontuais - além da disciplina tática demonstrada ontem - ainda não sobrepuseram de vez o afobamento com a bola, os erros às vezes primários. A vitória de ontem foi casual. Senegaleses e simpatizantes que me perdoem. Ou culpem meu panache. (1/6/2002)

Lei do passe

A enquete da TV Globo no primeiro tempo era se a seleção alemã, sem um grande ídolo, era a pior de todos os tempos. No intervalo, numa rádio, escuto alguém dar o prognóstico de que a Alemanha ia "se desinteressar do jogo" no segundo tempo. E a Alemanha, que não aparecia entre as favoritas (França, Argentina, Brasil e Itália), venceu a Arábia Saudita por nada menos que 8 a 0. Mesmo assim, comentaristas em vários canais e estações insistiam na ausência de "qualidade técnica" no time alemão. A vitória teria sido causada apenas pela supremacia da força germânica e pela ingenuidade tática dos árabes.

Mas o fato é que, depois de enfrentar uma troca traumática de gerações (depois da de Völler, o atual técnico, e Mattheus, que parou de jogar aos 40 anos), a Alemanha conseguiu armar um time que tem um ótimo goleiro (Kahn), um lateral esquerdo (Ziege) e dois meias (Schneider e Ballack) muito habilidosos e três opções de atacantes eficientes (Klose, Jancker e Bierhoff). Völler estruturou o time com a clássica disciplina alemã, que sabiamente aposta na altura de seus jogadores (como a Dinamarca contra o Uruguai ontem). Não chega a ser brilhante, mas esporte não é apenas show.

Se técnica fosse somente dar dribles cheios de jogo de cintura, como os de um Denílson, o futebol seria bem menos interessante. Pois o que o faz interessante é a variedade de recursos. Cabeceios e cobranças de falta também exigem muita técnica, exibida ontem pelos alemães. Eles também sabem dominar muito bem a bola e esperar o momento certo de servir ao companheiro.

E aqui entra uma qualidade em que os brasileiros, por exemplo, são deficientes: o passe. Como notou Zico, o passe é mais e mais importante porque o futebol está mais veloz e forte. Juninho, Rivaldo e mesmo Ronaldinho, os três responsáveis pela criação no jogo de amanhã contra a Turquia, às vezes demoram demais para soltar a bola ou a soltam com imperfeição. Têm o recurso, só que se esquecem dele às vezes. Mas, como o direito trabalhista, é bom praticá-lo sempre. (2/6/2002)

Crepúsculo de um teimoso?

Se essa Copa já parece servir para alguma coisa, é para tirar de Luiz Felipe Scolari a fama de cabeça-dura. Certo, ele teimou em não levar Romário e não levou. Mas, depois de muito titubear, chamou um ataque promissor e de estilo diferente do que dizia preferir (com um "garçom" veloz à la Euller e um goleador-cabeceador à la Jardel). Desistiu de nomes inacreditáveis como Cris e datados como Mauro Silva. Acordou para a inexperiência de Polga e, mais importante, para o erro de ter dois volantes em esquema com três zagueiros. Começou a entender que em determinados jogos a melhor defesa é o ataque, apostou em Juninho e agora convocou Ricardinho para o lugar de Emerson.

Estou escrevendo antes do jogo contra a Turquia, então não sei se um resultado ruim ou medíocre pode ter interrompido o despertar de Felipão. Mas a impressão que tenho é que, se a Copa demorasse mais um mês para começar, ele terminaria estreando com um 4-4-2 tradicional... Talvez até tivesse lembrado do Juninho Pernambucano, porque o corte do Emerson evidenciou a situação precária dos volantes. Vampeta não é tão bom assim na marcação e às vezes perde bolas decisivas; Gilberto Silva e Kleberson, sobretudo o primeiro, são tímidos na armação e também não se comparam com Emerson no poder destruidor. Para mim, as combinações Emerson-Vampeta e Emerson-Pernambucano eram as menos ruins. Ou então Scolari está jogando para a platéia, cuja maioria está maliciosamente satisfeita com a saída de Emerson? Acho que não. Ricardinho é a volta do Djalminha, sem o mau caráter do Djalminha.

Há quem goste do tratamento de choque e preferisse, por exemplo, o Brasil fora da Copa, porque aí se arrumaria a casa de vez. São também os que defendem a tese de que um início dificultoso de Copa seria bom para eletrizar o grupo. Mas Scolari é prova viva de que bons resultados aos poucos desfazem os preconceitos. Logo, espero que o Brasil tenha tido a sorte de Alemanha, Argentina e Espanha, que exibiram equipes coesas e determinadas e, especialmente no caso argentino, com um "corralito" cheio de sacadas em dólares. (3/6/2002)

Finos e desafios

O gol da Turquia contra o Brasil demonstrou os defeitos que o time mantém. Lúcio dá um passe descalibrado para Juninho, que tenta prender a bola e a perde, permitindo ao adversário explorar as costas da zaga. O gol do Brasil contra a Turquia demonstrou as qualidades que o time tem. Edmilson sai com a bola para a frente e dá para Juninho, que passa para Rivaldo lançar para Ronaldo concluir com um fino karatê. Os três zagueiros são toscos e ainda há um buraco de ligação entre defesa e ataque. Mas o ataque dos Rs, mesmo quando um deles não está no melhor dia (Ronaldinho), pode criar o imprevisível. É auspicioso que Rivaldo tenha feito para Ronaldo um lançamento muito semelhante ao que fez contra a Holanda em 1998, só que desta vez já no primeiro jogo. Quando mais o trio tocar entre si, melhor será a música. No entanto, é preciso que alguém tome a iniciativa de abrir espaços lá atrás.

Sim, a equipe desafinou bastante. Juninho e Ronaldinho dividiram gramado em certos momentos; Gilberto Silva foi bem na destruição, mas é claro que não vai dar os gritos que Emerson dava; a zaga continua perdida. A receita para ganhar do Brasil não é difícil: apertar a saída de bola e congestionar o meio. A Turquia tentou, mas não tinha condições técnicas e táticas de fazer isso com eficiência. O problema é que as grandes seleções, especialmente a Argentina e a Itália, têm essas condições: ótimas defesas, aplicação tática, rapidez no contra-ataque. Assim como Verón e Batistuta anteontem, Totti e Vieri fizeram dupla perigosa ontem. Imagine-os contra nossos trombadores da retaguarda.

Sobre o segundo gol brasileiro, é muito triste ouvir opiniões como "Roubado é melhor" e "Numa Copa vale tudo". Não vale não.

P.S. - Ah sim, Ronaldo. Mais uma vez calou os críticos. Durante todo o mês ouvimos que Ronaldinho Gaúcho é que seria a estrela solitária da seleção nesta Copa. Durante toda a semana lemos que Ronaldo não estava treinando bem. O Jornal do Brasil até pôs na manchete do domingo: "Ronaldinho (ele, Ronaldo) preocupa Felipão para a estréia"... Mesmo que ele se machuque ou não faça mais nenhum gol, o de ontem já foi uma vitória. (4/6/2002)

Socorro cultural

É tentador fazer interpretações culturais do futebol, especialmente em período de Copa. Vendo as seleções atuarem, podemos tentar caracterizá-las: a elegância arrogante dos franceses, o fleuma curvilíneo dos ingleses, o defensivismo passional dos italianos, a petulância dramática dos argentinos, o ardor imprudente dos espanhóis, a frieza solidária dos dinamarqueses, etc. Os jogos de ontem, por exemplo, pareceram resumir confrontos de identidade nacional. A irregular seleção portuguesa, apesar de craques como Figo e Rui Costa, pareceu indolente diante da ativa equipe americana, embora esta não tivesse molejo para sustentar o ritmo até o final. E a disciplinada mas limitada Alemanha terminou entregando o empate no último minuto para a desesperada mas fogosa Irlanda.

No entanto, ainda que se lance mão de adjetivos ambíguos, não se vai muito além da rotulagem, do reducionismo cultural. Alguém notou, recentemente, que o time do Uruguai não reflete o estado atual de sua sociedade, uma das mais estáveis da América Latina - mesmo que seu pessimismo futebolístico não deixe de ser um sinal importante. E os grandes craques, aqueles que definem jogos, normalmente são tanto a expressão mais clara quanto a mais contraditória do estilo de cada país. Maradona é o maior jogador argentino de todos os tempos porque uniu à picardia nacional um senso de objetividade raro por ali. No caso do Brasil, Pelé se tornou sua referência maior por combinar o lampejo individual e o altruísmo tático. Como a seleção atual demonstra, o segundo item é difícil de encontrar por aqui.

Mas a cultura, se não for tratada à base de estigmas e preconceitos, sempre pode socorrer a análise. Considere as atitudes de Luizão e Rivaldo no último jogo: ambas foram chamadas de "malandragem", de acordo com um velho mito da terra de Macunaíma. Mas a "malandragem" de Luizão não infringiu nada, porque seu objetivo foi levar a situação da falta até um desfecho na grande área - e aí o erro foi do juiz. Já a "malandragem" de Rivaldo não passou de simulação anti-ética, além do mais desnecessária. Uma é a esperteza, sobre a qual não temos hegemonia universal. A outra é o famigerado jeitinho. Que nosso desempenho com a bola fique acima desse desempenho com os valores. (5/6/2002)

Acima de escolas

O jogo entre Argentina e Inglaterra poderia ter sido melhor, pois os dois times têm nível técnico de primeira; mesmo assim, não deixou de ser bastante ilustrativo das diferenças de "escolas" futebolísticas. Os ingleses se organizam bem taticamente e apostam em dois ou três caminhos habituais para chegar ao gol. Os argentinos são ótimos no drible e buscam fazer pressão sobre o adversário em seu campo de defesa. O que aconteceu ontem, ironicamente, foi que a estratégia da Inglaterra deu certo no primeiro tempo e contou com o talento do único driblador do time, Owen, que sofreu o pênalti convertido por Beckham. Jogadores competentes como Scholes, Hargreaves e o goleiro Seaman fizeram sua parte. E a Argentina foi incapaz de chegar com eficiência ao gol inglês, mesmo com o imprudentíssimo recuo do adversário no segundo tempo. Não acertou quase nenhum drible e viu atuações irreconhecíveis de Verón, Batistuta, Sorín, Zanetti e os outros.

Verón é em todos os sentidos o "volante" do time, que fica voando de lado a lado e pilotando os avanços. Ontem errou passes primários, enquanto o resto da equipe ficava parada. Já os ingleses, fundamentados em bons passes e lançamentos, se deslocavam mais, especialmente Beckham. Além de onipresente, o galã inglês tem um jeito de chutar – inclinando o corpo e passando uma doce navalha na bola – que até faz parecer que ele joga melhor do que joga.

Enquanto isso, Scolari ziguezagueia entre a escalação de um ataque que é a própria essência do ardil sul-americano e a pregação de uma defesa tosca e um esquema que mais parece a federação nacional, em que cada região defende seus interesses e o pacto entre elas é precário. Que o Brasil hoje se inspire nessas lições de ontem, não apenas para vencer a China, mas para ir acertando o conjunto. Que acerte os dribles que a Argentina não acertou e, sobretudo, que se movimente muito e troque passes objetivos como fez a Inglaterra. Que possa, enfim, estar acima dessas diferenças escolásticas, pois é o que fazem os grandes craques e os grandes times. (7/6/2002)

Torcer & Distorcer

Por que não se pode ver um jogo sem torcer? Quer seja um Olaria vs Íbis, quer um Gana vs Sri Lanka, o espectador se senta diante da TV disposto a torcer ou por um ou por outro. Como se futebol não tivesse graça sem o desejo incontrolável de que um dos dois vença. Ontem muitos brasileiros torceram contra a França, por exemplo. Motivo óbvio: querem que o time que nos bateu na final de 1998 saia o mais rápido possível da Copa, mesmo que por obra de outro carrasco nosso, o Uruguai, que lançou sombra no Maracanã em 1950. Eu prefiro torcer apenas pelos meus times, e apenas diretamente. Ou então que a seleção dê o troco por conta própria, porque aí sim pode sair jogo bom.

É claro que o direito de torcer é sagrado, mas o de distorcer é profano. Especialmente os narradores e comentaristas deveriam manter sobriedade, deixar a torcida em registro discreto. Caso contrário, não se enxerga nem o óbvio. No jogo de ontem, a TV Globo quis desde o primeiro minuto convencer o espectador de que a França carimbaria sua volta. Chamou-o de "jogo da morte", o que no final dos 90 minutos ele acabou não sendo, pois a definição dos classificados ficou para a terceira rodada. Viu sempre um Uruguai mais seguro e mais ofensivo. Deu menos destaque às catimbas do time sul-americano, que praticamente estragaram o primeiro tempo, do que à prepotência dos franceses. No segundo tempo, atuando com um jogador a menos, a França quase chegou lá em algumas ocasiões, mas as ocasiões em que o Uruguai quase chegou lá receberam mais atenção. E não viu que a França é uma seleção normal, não extraordinária, mas que tem mais conjunto; com onze em campo, teria vencido; com Zidane, então, o Uruguai dificilmente seria ameaça (para não falar das ausências de Djorkaeff e Pires). Sentiu-se também a velha quedinha pelo mais fraco.

Torcer demais não ajuda. De Brasil e China, por exemplo, espera-se nada menos que uma goleada, quem sabe os 8 a 0 que a Alemanha fez na Arábia Saudita. Se for 4 a 1, digamos, o Brasil será reduzido a pouco mais que um Íbis. (8/6/2002)

Técnico água fria

Quem ganhou o jogo de ontem foi a camisa amarela. Os chineses cantaram seu hino abraçados, entraram correndo e marcando, deixaram o Brasil preocupado até os 15 minutos. Aí cometeram uma falta em Ronaldinho. O goleiro gigante se posicionou mal e o chute de Roberto Carlos passou feito cometa. Então a China se lembrou de que do lado oposto havia uma constelação de astros do futebol mundial, contra a qual pouco poderia fazer. A cada 15 minutos, seria um gol, graças às atuações dos laterais e de Rivaldo. Até Scolari começar a mexer no time.

Foi divertido ver Falcão dizer que Ronaldo estava "tecnicamente mal" e, alguns minutos depois, ele partir em velocidade, tabelar com Ronaldinho, driblar o zagueiro e sofrer o pênalti. Pênalti que mereceria ter batido, não Ronaldinho, paradoxalmente sacado do time no intervalo a seguir. Já aos 10 minutos do segundo tempo Ronaldo fez o seu, à la Romário. Pouco depois, numa tabela com Ricardinho, quase fez outro. Estava provado: o problema era seu isolamento. Juninho, Rivaldo e sobretudo Denílson demoram demais para soltar a bola e para correr para a tabela, já que Ronaldo era marcado por dois zagueiros grandalhões. Mas Scolari tirou Ronaldo para pôr Edílson e inacreditavelmente mandou Rivaldo ir ser o homem de área. Se não fosse pelo técnico, chegaríamos aos 6 a 0.

Então é hora de ousar. Nunca pensei em Ricardinho como titular, mas sua arte de cadenciador vem muito a calhar nesse elenco. Ele não é segundo volante, como querem os comentaristas, e sim um meia-esquerda típico. Por que então não tentar um 4-4-2 contra Costa Rica? Marcos; Cafu, Lúcio, Roque Jr. e Roberto Carlos; Gilberto Silva, Vampeta, Ronaldinho e Ricardinho; Rivaldo e Ronaldo. Já é evidente que o Brasil saiu muito beneficiado pela chave que pegou. Ontem foi a vez de a Itália tomar uma blitz da Croácia no segundo tempo e perder. Argentina e França correm risco de sair já, mas também podem se fortalecer com o "batismo de fogo". O Brasil ainda está em fase preparatória. Sem uma pitada de coragem, não vai estar na temperatura de campeão. (9/6/2002)

Oração a Nossa Senhora do Caravaggio

Tenho um furo. Um integrante da delegação brasileira me passou a oração que Luiz Felipe Scolari rezou todo dia antes da Copa e continua rezando para sua santa de devoção. Num pequeno papel escrito a mão, ela começa assim:

Nossa Senhora do Caravaggio
Dai-me primeiro um time sem contusões
Ronaldo e Rivaldo em forma
E livrai-me de ter de convocar Romário
Reservai-me uma chave medíocre e juízes benévolos
Para meu grupo esquecer as Eliminatórias
Perdoai as nossas malandragens
E fazei que França e Argentina caiam em desgraça.

Até aqui pode-se ver que a santa de Felipão é forte. Mas a sua fé vai além:

Ó mãe bendita, olhai por meus jogadores
Tirai de nosso caminho o Japão
E jogai a Rússia aos nossos pés
Reforçai a saúde de Cafu e Roberto Carlos
Não deixei que os zagueiros se percam
E evitai que eu também rogue a São Marcos
Tornai cordeiros os alemães, ingleses e demais pecadores
Agora e na hora da final. Amém.

Minha fonte não soube dizer o que Felipão prometeu à santa caso seus pedidos sejam todos atendidos. Talvez nunca mais dizer palavrões ou exigir agressões, talvez ficar sem churrasco por um ano. Mas certamente não foi pouca coisa. (10/6/2002)

Bolões e precipitações

Dar palpite em futebol causa mais insegurança que a saída de bola da zaga brasileira. Nesta Copa, especialmente, o que se tem visto é uma verdadeira desmoralização dos bolões. Difícil saber de alguém que esteja tendo razoável número de acertos. No entanto, pior que o palpite – que, afinal, se confessa palpite e pode se basear em propensões reais – são as conclusões precipitadas.

Exemplo: o próprio Brasil. Vemos que já surge um clima na delegação e na TV de que os comentaristas "torcem contra o Brasil", pois o time está ganhando os jogos e melhorando pouco a pouco. Em mim a carapuça não veste: se alguém defendeu uma seleção muito parecida com a atual, em especial o ataque dos Rs (expressão já useira e vezeira na cobertura), e chamou a atenção para sua equivalência em relação ao elenco de 98 (ou até mesmo sua superioridade, dado o bom astral do grupo), esse alguém sou eu. Mas não bastam duas vitórias contra equipes fracas para dizer que a seleção brasileira já é mais favorita do que qualquer outra.

O jogo de Portugal contra Polônia, ontem, foi outro exemplo. Depois da operação-surpresa que o time português tomou dos EUA, logo vieram as avaliações conclusivas de que tinha sido superestimado, assim como a França tinha sido "endeusada" (embora sem o demiurgo Zidane). Mas Pauleta, Figo, Rui Costa e companhia mostraram um futebol vibrante e solidário e golearam os poloneses. Espanha e Inglaterra também surpreenderam positivamente. Mas a verdade é que ainda é muito cedo para ver com alguma clareza quem realmente vai formar o quarteto final.

O que é preciso dizer é que cada jogo cria sua própria história; o futebol trabalha com probabilidades, com curvas estatísticas, etc. e tal, mas só depois da bola rolando é que um desenho vai se configurar, um resultado virá da soma de acidentes, erros e realizações. Vi anteontem, a propósito, uma reportagem sobre a memorável seleção de 82, que tinha Zico, Sócrates, Falcão, Júnior e Éder e só fazia gols bonitos. E Zico disse: "Começamos a perder o jogo para a Itália quando eles marcaram um gol aos cinco minutos". O mesmo vale para a final de 98: os dois gols seguidos de cabeça de Zidane é que foram a verdadeira convulsão do Brasil. O resto é especulação – antes e depois do jogo. (11/6/2002)

Sangue, suor e tropeços

Orgulho é como drible: em demasia, causa prejuízo a si próprio. Os franceses certamente sentiram o golpe da derrota para Senegal e dali não conseguiram se reerguer. Talvez o que mais tenha doído é o fato de que perder para Senegal, cujo elenco joga quase todo na própria França, era um pouco perder para si mesmo. Em certos momentos dos jogos contra Uruguai e Dinamarca os gauleses ainda mostraram um pouco da bravura coletiva que os puseram no topo do ranking da Fifa. Só que foram momentos escassos, inclusive com Zidane em campo, ou melhor, com a metade dele em campo. Não que a Dinamarca não tenha mostrado a inteligência tática que a caracteriza, ao congestionar o meio e impedir as armações. Mas os franceses tocavam de lado, espantosamente seguros de que saberiam aproveitar as horas certas, enquanto Trézeguet tropeçava na própria confiança. Perder para si mesmo é sempre mais doloroso.

O Uruguai não chegou à Copa qualificado para nada, mas no segundo tempo contra Senegal encarnou o velho espírito sangüíneo hispano-americano, que prefere sempre o caminho que julga mais heróico. Mas heroísmo sem habilidade pouco serve, e os gols que o time perdeu foram inacreditáveis.

Alemanha vs Camarões foi outro jogo com muita emoção e pouco brilho. O segundo gol alemão é sua estratégia número 1, mas o primeiro gol exemplifica melhor a diferença apresentada e, ao contrário do que se diz, é uma diferença técnica sim. Klose dominou a bola no meio de quatro adversários e não se desesperou; protegeu-a, esperou a passagem de Bode e lhe fez assistência redonda. Um camaronense tentaria resolver a situação sozinho.

Enquanto isso, o Brasil vai tentando adivinhar a estratégia, se estratégia for, de Felpão. Acho que ele está preocupado com o isolamento de Ronaldo e aposta na velocidade e cintura de Edílson para sanar o problema. Mas Rivaldo rende menos muito longe da área, e os dois que atuarão pela direita, Juninho e o próprio Edílson, não têm o senso de passe que Ricardinho tem. Seja como for, são craques, e craques sabem subverter os esquemas dentro de campo. Desde que não entrem esperando a vitória fácil. (12/6/2002)

Chuva ácida

Testemunhamos uma triste simetria nas derrotas de França e Argentina. Não, não me refiro ao fato de que as duas eram as seleções favoritas para esta Copa – mesmo porque essa simetria, para muitos, especialmente para muitos brasileiros, nada tem de triste... A triste simetria está no estilo de jogo. Assistindo à França contra Dinamarca, às vezes meus olhos piscavam e eu titubeava: "Ei, mas é a Inglaterra que está jogando?" Uma explicação, neste caso, seria razoável: diversos jogadores franceses atuam no campeonato inglês. Mas ao ver Argentina vs Suécia, ontem, não pude achar motivo tão simples para aquele futebol de toques graduais, avanços pelas laterais e alçamento de bolas para a grande área. Só Verón joga na Inglaterra, e ele nem mesmo começou o jogo. Que abuso dos "chuveirinhos" era aquele?

Antes de mais nada, era ineficaz. Tanto Dinamarca como Suécia têm defensores bastante altos; mesmo quando eles falharam, no caso dos suecos, a bola caiu na cabeça de Sorín em vez da de Batistuta, cabeceador emérito. Não por acaso o gol argentino veio num pênalti sofrido por Ortega num raro lance de drible objetivo, de bola correndo no chão. E este é o grande mal: com exceção de alguns craques que não se limitam a um tipo de jogada, como Zidane, França e Argentina abandonaram demais seu estilo tradicional. Alguém poderá dizer – muitos já dizem – que é o problema da "globalização" do futebol, pois os jogadores são mais e mais exportados e com isso as identidades nacionais se perdem, etc. e tal. É fato, só que há muito mais coisas entre o homem e a bola do que supõe a sociologia. A mudança das aptidões físicas dos atletas também tem a ver, como prova o fato de que o artilheiro desta Copa (o alemão Klose) fez cinco gols de cabeça.

Mas o futebol brasileiro é o melhor contra-exemplo. Tem alguns dos craques mais "globalizados" e, apesar das incontáveis páginas gastas desde 1998 sobre sua "decadência", nossa seleção tem maior variedade de recursos técnicos, incluindo o do cruzamento para cabeceio. Se souber usá-los todos, vai longe, mesmo diante das bem montadas Inglaterra e Alemanha. E, ainda que não chegue à final, não precisará sentir o gosto ácido sentido por seus rivais: o gosto de ter agitado seu estilo com "chuveirinhos" para inglês ver. (13/6/2002)

O copo está enchendo

Pode-se continuar a apontar os erros, mas o fato é que o Brasil encerrou a primeira fase evoluindo de jogo em jogo. A marcação foi flácida como sempre, o que Felipão tranquilamente reconhece. A discussão sobre o esquema tático já virou doutrinária: os defensores do 4-4-2 falam em equilíbrio maior, mas o técnico acha que o fato de os laterais não defenderem bem justifica o 3-5-2; de qualquer forma, não levamos dois volantes 100% confiáveis, assim como não temos três zagueiros 100% confiáveis. E a discussão sobre se agora o Brasil é o "grande favorito" – impressão acentuada pelo desempenho medíocre da Itália ontem, na base do chutão para Vieri – fica para as pesquisas populistas e as casas leiloeiras. O que importa é que o copo não está cheio, mas enchendo.

Uma qualidade mais uma vez demonstrada ontem foi que o banco de reservas é rico. Júnior foi muito bem no lugar de Roberto Carlos. A entrada de Edílson no lugar de Ronaldinho cumpriu seu objetivo logo aos 10 minutos, o de utilizar os flancos para municiar Ronaldo (embora o gol tenha sido injustamente considerado gol contra). E Ricardinho reordenou o time no segundo tempo, depois de início caótico. Não surpreenderá se Felipão optar por ele em vez de Juninho no próximo jogo: Juninho, como Rivaldo, não sabe marcar; Ricardinho também não marca muito, mas sabe jogar sem a bola, o que supre a deficiência vista na equipe pelo técnico da China. Se pegarmos uma Inglaterra ou os grandalhões escandinavos, vamos precisar dessa sabedoria.

O que também se provou de novo é a importância de Ronaldo. Ele não só tem feito um gol por jogo, mas lances bonitos e passes açucarados. Embora no *Bate-Bola* da TV Globo eles tenham eleito Rivaldo, Cafu e Júnior como os melhores em cada uma das três partidas, Ronaldo foi o único que jogou bem em todas. Só depois que fizer um gol atravessando metade do campo e driblando três adversários é que vão lhe dar o devido crédito... Mas, do jeito como vai, pode ser de novo o melhor do mundo ainda em 2002. (14/6/2002)

Palpite em pó

O teste de qualidade de um comentarista esportivo não é o número de previsões acertadas. Sua função nem mesmo é fazê-las, mas analisar o que foi feito nas partidas. Infelizmente, muitos passam a falar mais do que se passa fora do campo – negócio, idolatria, fofoca, CBF – e a chutar resultados para exhibir suposto conhecimento. Ainda assim, são mais patéticos os palpiteiros que aparecem depois dos resultados para deitar alguma verdade. Terminada a primeira fase da Copa, por exemplo, é comum ouvir que os que previam boas performances de Argentina, França e até Portugal queimaram a língua. Bem, essas previsões eram fundamentadas em desempenhos anteriores e valores individuais. E o mais interessante é ver por que não se confirmaram.

A explicação corrente tem sido a de que essas equipes entraram de salto alto e o quebraram na grama. Erraram o ponto que diferencia a autoconfiança da presunção, a ousadia do já-ganhou. A França, destacadamente, não tinha dúvida de que seria bicampeã. A Argentina não é de hoje que enfrenta esse problema. E Portugal tinha "o melhor do mundo", Figo, e "a melhor seleção desde 66", quando Eusébio e cia. despacharam o Brasil de Pelé. Ontem Figo foi anulado por um grandalhão coreano, e sua seleção perdeu gols às pencas.

Eis então Senegal, Coréia e EUA nas oitavas-de-final. Mas é pior para o futebol, pois se trata menos de avanço dos fracos do que crise dos fortes. Pois há razões concretas em cada jogo para que um time com mais talentos perca para o outro, além da petulância. Para começar, a má fase física ou técnica de um craque, como Zidane, Verón e Figo. Segundo, a própria natureza da competição. Copa é torneio intensivo: a fase classificatória tem apenas três jogos e depois vem o mata-mata. Num torneio extensivo, Senegal poderia bater a França uma vez, mas dificilmente ficaria acima na tabela por muito tempo. Talvez por isso esta Copa, com 32 equipes em ambiente novo para o planeta futebolístico, tenha sido pródiga em zebras.

Em Copas, uma bola na trave pode custar a eliminação. Um chute mais descalibrado de qualquer perna-de-pau belga pode resvalar na canela de um Lúcio e, pronto, converter favoritismo em pó. (15/6/2002)

O meio também é um meio

O torcedor é, antes de tudo, um fraco. Os otimistas pensam sobre a seleção: "A defesa é ruim, mas o ataque é bom. Se tomarmos dois gols mas fizermos cinco, tá beleza." Já os pessimistas pensam: "O ataque é bom, mas a defesa é ruim. Contra Inglaterra ou Alemanha não vamos fazer cinco gols." Se o Brasil ganhar a Copa, os primeiros dirão: "Felipão fez bem em manter o esquema de três zagueiros. Três medianos valem por dois bons." Se for desclassificado, os segundos dirão: "Todo mundo sabia que essa zaga não ia dar certo." Mas o torcedor é assim. Quem não pode ser assim, além dos analistas, é Felipão. E ele pode desconversar, mas sabe que o problema é um pouco menos simplista do que isso.

O que falta à seleção é ser mais orgânica, é cada jogador pegar na bola e saber onde os companheiros estarão, é ter uma movimentação tática que se adapte a cada momento. Nos 11 gols que o time fez na primeira fase, quase todos vieram de jogadas pelas laterais. As exceções são o pênalti inexistente sofrido por Luizão contra a Turquia, a falta convertida por Roberto Carlos contra a China e o pênalti sofrido por Ronaldo também contra a China. E só este, na verdade, foi um lance construído pela faixa mais central, numa tabela com Ronaldinho. O fôlego dos laterais (Cafu, Roberto Carlos, Júnior), a precisão dos "assistentes" (Ronaldinho, Edílson) e a velocidade e habilidade dos goleadores (Ronaldo, Rivaldo) têm garantido os resultados. Mas esse excelente ataque precisa recorrer mais a tabelas e chutes pelo meio. Do lado da defesa, ela também tem sido prejudicada pela indefinição do esquema (quem pode sair com a bola, quando e como?) e pela proteção solitária de Gilberto Silva (que nem mesmo é um Emerson). Os adversários todos já sabem que o caminho é explorar as costas dos laterais e marcar firme a saída de bola brasileira.

E se o Brasil passar pela esperta Bélgica, amanhã, pegará a coesa Inglaterra na sexta. A esperteza é favorável, porque deixa espaço para a criatividade individual. A coesão, não. A Inglaterra tem gente boa na defesa, no meio e no ataque; não tem tantas opções de avanço, mas domina bem as que tem. O maior risco, portanto, é essa mentalidade nacional de que coesão e criatividade não possam andar juntas. Podem e deveriam. (16/6/2002)

De caprichos e canastrices

Confesso que ao final da primeira fase pensei em escrever uma lamentação pelo nível da Copa, inferior ao que eu imaginava. Achei que o Mundial prometia, porque muitas das grandes seleções estavam melhores do que em 98; e justamente estas (Argentina, França, Itália) decepcionaram, sem terem sido substituídas por revelações à altura. Também ia reclamar da bola, aparentemente muito leve, tanto que quase não se tem visto gol de chute à distância. Mas os jogos de ontem começaram a "salvar" a reputação desta Copa, pelo menos equiparando-a com as duas anteriores, embora isto não seja grande mérito.

Suécia vs Senegal é o tipo de confronto que articulistas tupiniquins gostam de usar como prova de que os nórdicos são "frios" e têm escassa vocação para o futebol, em contraposição com os "quentes" sul-americanos e africanos. Mas o que se viu ontem não se encaixou em nada disso. Os suecos fizeram uma partida apaixonada, foram lutadores até o final e quase bateram os senegaleses. Na prorrogação, Svensson, dentro da área, pisou na bola, deu belo giro sobre ela e chutou para o gol. A bola bateu na trave. Se não fosse pelos caprichos da física, hoje todo o mundo estaria escrevendo sobre a "surpreendente" habilidade dos suecos. Mas estamos todos escrevendo sobre o futebol-arte dos senegaleses, de dribladores fantasistas como Dioup e Camara.

Irlanda vs Espanha não foi tão bom do ponto de vista técnico, embora craques como Raúl e Duff sempre proporcionem momentos de brilho. A Irlanda também quase derrubou os espanhóis, mas acabou fazendo papel feio nos pênaltis. Mas veio de Falcão a pior canastrice da partida: o comentarista da TV Globo comparou a atuação dos "latinos" com a dos irlandeses, que "normalmente jogam de maneira fria". Os irlandeses? Enquanto isso, a transmissão coreana reprisava o gol da pátria de James Joyce dividindo a tela com um torcedor emocionado às lágrimas com o feito.

E o Brasil, apesar dos adversários, também está melhor na Copa do que em 99% das previsões. Que hoje contra a Bélgica mostre tudo que o futebol requer, para além dos rótulos culturais: ginga, tática e objetividade. Ah, sim, e a bola – dita "a mais perfeitamente redonda" – pode ser leve, mas tem aerodinâmica impressionante. É só acertar o pé. (17/6/2002)

Fossa dos gigantes. Ou: a redenção do Ahn.

Foram fazer a Copa no outro lado do Mundo e ela quase vira o planeta futebol de cabeça para baixo. Dos oito semifinalistas, nem Nostradamus adivinharia que quatro seriam Coreia, Turquia, Senegal e EUA. Nostálgicos e sociológicos dizem que há um "nivelamento" causado pela globalização, etc. Bem, é verdade que o mau desempenho de feras como França, Argentina, Itália e Portugal não foi compensado pelo daquele quarteto de zebras. Mas a ascensão de novas nações na ONU futebolística não deixa de ser uma abertura para que, a partir deste nivelamento, as coisas melhorem em geral, para que possam ficar mais interessantes e diversas. E isto só o tempo dirá. Se mais não fosse, a paixão, a civilidade e o empenho demonstrados no Mundial do Oriente, dentro e fora dos gramados, já podem servir como infiltração de ânimo no futebol da Velha Ordem.

Os jogos de ontem entre Japão e Turquia e entre Itália e Coreia também fizeram pensar na ainda irresolvida questão das influências psicológicas sobre o futebol. Muitos fatores são potencialmente impulsionadores de uma vitória, na maioria comprovados pelas estatísticas: jogar em casa, contar com a vantagem do empate, ter a motivação extra de uma rivalidade, sentir segurança diante do adversário mais fraco, não se deixar levar pelo estresse, estar com os salários em dia, aparecer para o mundo, ter a consciência de que treinou e se alimentou direito, etc. Mas esses fatores, além de muitas vezes conflitantes entre si, podem ser traiçoeiros. Jogar em casa pode se tornar pressão excessiva; o adversário mais fraco pode fazer relaxar; humildade demais pode virar timidez. Foi o que aconteceu ontem com o Japão.

Mas com a Coreia, o outro país-sede, aconteceu diferente. O estado psicológico se casou com a história do próprio jogo - afora, claro, as ajudinhas do Sobrenatural de Almeida e do juiz - e a vitória terminou épica e festiva. O mesmo jogador que tinha perdido pênalti aos 5 minutos de jogo, Ahn, fez o "gol de ouro" a 5 minutos do final da prorrogação. Como seu time, teve fibra sempre, sob a aclamação da torcida, enquanto a cansada Itália fazia cera e ansiava pelos pênaltis. "Fossa dei giganti", prognosticava uma faixa coreana. E o estádio pintado de vermelho se tornou uma coroa de flores para o velório da Azzurra. (18/6/2002)

Senso de oportunidade

Raramente vi uma quase unanimidade, nada burra, em torno de uma seleção brasileira de futebol. A defesa é medíocre, o ataque é ótimo, falta ligação no meio-de-campo – todo o mundo diz, comentarista ou torcedor, com pequenas variações de ênfase. E o que todo o mundo pede, mas Felipão insiste em não realizar – talvez para não fazer sua última ou penúltima concessão –, é tirar Juninho e pôr em seu lugar um meio-campista que saiba ajudar na marcação e na armação e não prenda demais a bola. Dependendo do jogo, pode ser Kleberson ou Ricardinho, já que Vampeta parece nunca mais ter retomado a boa fase e Juninho Pernambucano não foi convocado.

No jogo de ontem Felipão tirou Juninho, mas para pôr Denílson e abrir uma cratera ainda maior no meio. Denílson, querendo reconquistar a confiança, só reconquistou o aborrecimento com seu narcisismo. O Brasil, que tinha tido cinco boas oportunidades no primeiro tempo e sofrido apenas duas (uma delas, o duvidosamente anulado gol belga), viu a situação se inverter no segundo. Ironicamente, o crescimento da Bélgica a fez relaxar na marcação, e aí Rivaldo pôde amaciar no peito o passe de Ronaldinho e girar seu compasso canhoto para perfurar a trave. Mais tarde, na única saída rápida e objetiva do Brasil, Kleberson passou para a conclusão de Ronaldo – completamente isolado no segundo tempo, depois de brilhantes 45 minutos. (Como disse Zico na TV Globo, ele tem a capacidade de rapidamente criar a situação para receber o passe que o deixe em posição definidora. E é o único jogador do mundo a driblar bem com as duas pernas.)

A Bélgica foi mais vítima de sua incapacidade de aproveitar o bom momento. E o Brasil de novo foi salvo pelo ataque dos Rs, especialmente pela dupla goleadora. Me lembro, aliás, de ter escrito no início da Copa de 98: "Rinaldo e Rovaldo, a luz que brilha no fundo da taça." Isto continua a valer. Contra a Inglaterra, porém, não é que os espaços serão menores, mas as chances doadas provavelmente serão muito mais bem aproveitadas. O que preocupa os ingleses não é tanto sua habilidade, mas o bom e velho "sense of opportunity". (19/6/2002)

Final antecipada, não!

O jogo entre Brasil e Inglaterra já está sendo dado como "a final antecipada". Ou seja, quem ganhar o jogo vai ganhar a Copa. Parem com isso. Entre tantos outros exemplos, pensava-se o mesmo em 98, quando Brasil e Holanda fizeram aquela inesquecível semifinal... e depois o Brasil perdeu para a França. E não me venham com a desculpa da "convulsão", agora reforçada pelo mau futebol apresentado pelos franceses nesta Copa. A França não era até o mês passado a líder do ranking da Fifa à toa. Foi esse mesmo favoritismo, somado ao azar da contusão de Zidane e à incompetência do técnico Roger Lemerre, que a desclassificou. Em 98 seu elenco era inferior ao brasileiro, mas sua estratégia para a final foi superior, como o então técnico, Aimé Jacquet, não se cansa de lembrar: marcação sob pressão e aproveitamento das bolas paradas. Em 2002 a Inglaterra pode repetir a estratégia que terá grande chance. O Brasil continua desconjugado, sem saída pelo meio.

Se o Brasil vencer, ainda terá dois jogos pela frente para ser campeão. Eu comemoraria por vários motivos: por achar que apesar de tudo o futebol brasileiro ainda preserva sua aura, por ser a consagração de Ronaldo depois do estaleiro e dos agouros e, se me perdoam o orgulho, por confirmar a defesa pioneira que fiz do ataque dos Rs. Mas, mesmo se o Brasil vencer a Inglaterra e perder na semifinal, já vou comemorar muito. Chegar entre os quatro finalistas, depois de um quadriênio tão ruim e de uma Copa tão surpreendente, já terá sido mais do que qualquer um sonhou. Acho ridícula essa mania nacional de só admirar o primeiro colocado. E se o Brasil não vencer a Inglaterra? Ficarei chateado porque não teremos vencido nenhuma seleção de primeira linha, apesar dos bons resultados nos quatro jogos. Mas também não será o fim do mundo. Nem do futebol brasileiro.

E muitas lições interessantes já foram tiradas da campanha até aqui. Leio, por exemplo, a seguinte declaração de Felipão: "O artista aparece mais, se a equipe é bem organizada." Simpatizo com sua tentativa de superar a dicotomia entre futebol-arte e futebol-tático, mas o problema é que ele não conseguiu essa organização. Ainda assim, os artistas têm conseguido aparecer bem. Caso o Brasil perca, a culpa certamente não será deles. (20/6/2002)

Teste de múltipla escolha

Quando o leitor receber este jornal, já saberá o resultado entre Brasil e Inglaterra; mesmo sem ter visto o jogo, terá sido informado pela presença ou ausência de rojões em sua madrugada. Assim sendo, e como o freguês sempre tem razão, leia uma das alternativas abaixo, de acordo com o resultado:

Se a Inglaterra venceu nos 90 minutos. Felipão cansou de ser avisado: nossos zagueiros são fracos e seriam entortados por Owen e Beckham. A Inglaterra apertou a saída, desarmou Juninho e Rivaldo várias vezes e não permitiu que a bola chegasse a Ronaldo. Faltou um Ricardinho para cadenciar o meio-de-campo e ajudar na marcação. Se o técnico não fosse tão teimoso, teríamos chegado ao penta.

Se o Brasil venceu nos 90 minutos. Como os próprios jogadores brasileiros previam, a Inglaterra é um time equilibrado e determinado, mas deixaria espaços para nossas ações individuais. Nossos laterais felizmente voltaram a brilhar, e o meio-de-campo melhorou bastante com a entrada de Ricardinho. Beckham e Owen foram anulados. Os gols de Ronaldo e Rivaldo voltaram a provar que o ataque brasileiro é o melhor do mundo. Daqui para diante, mantendo o nível, é direto para o penta!

Se a Inglaterra venceu na prorrogação. O jogo foi muito disputado, mas os problemas do nosso sistema defensivo ficaram evidentes durante a prorrogação. O "gol de ouro" de Owen apenas ratificou sua condição de "golden boy" do time inglês. Com o cansaço, o meio-de-campo brasileiro se desmantelou, e Felipão não conseguiu aproveitar o contra-ataque com Edílson e Denílson. Voltamos para casa com dignidade. Fomos mais longe do que se imaginava.

Se o Brasil venceu na prorrogação. Foi uma vitória ao estilo Felipão, sofrida e aguerrida. Ao time faltou conjunto, mas os talentos individuais de novo nos salvaram. O "gol de ouro" de Ronaldo mostrou sua forma física e capacidade de definição, e Felipão fez bem ao colocar Kleberson e Edílson para renovar o fôlego da equipe. Mas o time não pode achar que daqui para a frente o caminho para o penta será fácil. Boa sorte, Brasil!

Se o vencedor saiu da disputa de pênaltis. Perdemos nos pênaltis, mas o time lutou até o fim. Ganhamos nos pênaltis, mas ainda faltam dois jogos para o penta. Façam figas. (21/6/2002)

O terceiro homem

Provando mais uma vez que não é tão teimoso assim, Luiz Felipe Scolari aceitou as críticas, sacou Juninho do time e colocou Kleberson, que ajudou Gilberto Silva na marcação e a fluência do meio-campo. Também definiu melhor o posicionamento da defesa, atribuindo a cada um dos três zagueiros uma função clara (Edmílson saindo, Lúcio mais pela direita, Roque Jr. pela esquerda). E poupou Ronaldo no segundo tempo, com cansaço muscular, e pôs Edílson, arma para os contra-ataques. O resultado: nunca se viu o time tão bem disposto em campo, nos dois sentidos da palavra. Todos atuaram muito bem, especialmente Gilberto Silva, Roberto Carlos e Cafu; mesmo com dez jogadores, a experiência dos laterais afinou o tom e cadenciou a posse de bola.

Mas o nome do jogo foi Ronaldinho. Depois do gol inglês, que aproveitou a única oportunidade dada pelo adversário, numa falha de Lúcio, o Brasil ainda tinha dificuldade de chegar com clareza à frente de Seaman. Só Ronaldo tinha criado duas chances. Ronaldinho buscou uma bola roubada no meio (foram 24 roubadas do Brasil, contra 16 da Inglaterra), driblou o zagueiro e deu a bola de presente para Rivaldo converter em um gol de muita classe. O empate saiu na hora certa, o Brasil voltou motivado para o segundo tempo e logo Ronaldinho acertou a velha e boa folha seca – legítima invenção nacional – que os pobres ingleses até agora acham que era cruzamento... Apesar da besteira no lance da expulsão, de um tipo que todos sabiam que a Fifa vinha punindo (e é claro que ela não iria premiar um jogador expulso), Ronaldinho foi obviamente o melhor, pois Rivaldo fez o gol e quase mais nada. Os ingleses ficaram preocupados com os outros dois, mas ontem foi o dia do terceiro R, comprovando a tese de que o trunfo desta seleção é não ter estrela única.

Felipão viu seu sonho se realizar ontem: o time foi melhorando jogo a jogo e, diante de uma seleção forte (ainda que em dia pouco inspirado), mostrou temperatura de campeão, calibrando organização tática com diferencial técnico, "espírito de luta" com talento. E o técnico foi feliz quando disse à TV Globo, depois do jogo, que essa combinação não faz apenas uma seleção: faz uma nação. Que seja ouvido, assim como soube ouvir. (22/6/2002)

Flashes e tendências

Depois da vitória sobre a Inglaterra, o torcedor brasileiro começou a praticar dois jogos especulativos: qual é o melhor próximo adversário e quem deve entrar no lugar de Ronaldinho para a partida da quarta-feira?

A resposta para a primeira pergunta, na maioria, era Turquia. O raciocínio, aparentemente, era o de que o Brasil já tinha vencido a Turquia na primeira fase (embora com gol de um pênalti que não existiu) e, portanto, já conheceria os caminhos para derrotá-la. E, mais importante, o Senegal era o queridinho da Copa; das zebras, parecia ser a que mais tinha avançado por "jogar bonito". A Coréia vinha vencendo por jogar com garra em casa e, como ontem contra a Espanha, receber ajuda dos juízes; os EUA eram esforçados, mas logo cairiam diante de algum grande, como a Alemanha; e a Turquia, bem, a Turquia era um time europeu de segunda classe, beneficiado por uma chave fácil. Mas o que se viu ontem foram dois times muito parecidos: duas defesas fracas, dois ataques espertos. Com a vantagem de que os turcos tinham mais consciência tática, enquanto os senegaleses, apesar de flashes artísticos, eram dispersos e afobados. Os turcos chegaram ao gol adversário muito mais vezes e confirmaram a superioridade no gol de ouro.

Para o lugar de Ronaldinho, a grande maioria prefere Ricardinho a Juninho. Mesmo contra a Inglaterra, o time brasileiro mostrou que ainda tem saída complicada pelo meio e ficou dependendo demais de Edmílson na armação. Mas, ao mesmo tempo, a Inglaterra era uma equipe mais equilibrada. A Turquia dá mais espaço para contra-ataque, e aí um meia-atacante rápido como Juninho poderia ser mais útil, ou então Edílson, mas Edílson não vem buscar a bola no meio. Talvez então Ricardinho no lugar de Kleberson – pois não haveria necessidade de dois volantes – e Juninho no de Ronaldinho? São essas perguntas que Feli-pão deve estar se fazendo, mas a tendência é que mantenha Kleberson e retorne Juninho. Seja como for, tem tudo para vencer de novo. Inclusive a gana de revanche dos turcos. (23/6/2002)

Seis Propostas para o Novo Milênio

Já é hora do balanço das sugestões positivas que esta Copa trouxe, apesar de sua qualidade técnica mediana. Dentro do gramado e fora, os conceitos de Italo Calvino em seu livro famoso, *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, adquirem grande utilidade:

Leveza - O Mundial do Oriente trouxe nova maneira de torcer pelo futebol, menos conflituosa, nem por isso menos apaixonada. No campo, o conceito se traduz em Ronaldo, jogador forte e leal, hábil tática e tecnicamente, capaz de abrir perspectivas em campo, e um modelo de amor ao esporte, por sua recuperação e alegria.

Rapidez - Os jogadores estão mais altos e velozes do que nunca, mas, em média, procuraram usar a capacidade física para se dedicar à equipe, tentando o passe e o drible, evitando faltas demais. Fora uma cotovelada ou outra, o "fair play" predominou. O craque-símbolo é Raúl, da Espanha, que não confunde pressa e imperfeição.

Exatidão - A transmissão dos jogos procurou ser muito transparente, e os telões mostravam os lances até dentro do estádio; closes e replays eram bem calibrados, valorizando a criatividade e a festa. Craque: David Beckham, com seus chutes certos, cruzamentos curvilíneos e espírito de equipe.

Visibilidade - A Copa celebrou o esporte como vitrine da imaginação, mas supondo que ela é tanto maior quanto mais se esclareçam parâmetros objetivos dos quais ela pode partir. Rivaldo é o emblema desse conceito, com seu amadurecimento nos pés e na mente, com o ganho de economia nos gestos a serviço do talento.

Multiplicidade - A celebração da diversidade e da heterogeneidade não poderia ter sido maior do que a desta Copa, que calou aqueles que criticaram os interesses meramente comerciais em fazer o evento "do outro lado do mundo". EUA e Coréia ficam como exemplos de avanço num esporte que não é o primeiro de suas nações.

Consistência - O conceito que Calvino morreu sem definir ainda carece de melhor expressão dentro de campo no futebol moderno e "globalizado". Mas o compromisso desta Copa com a idéia de que a paixão por um esporte se explica e se comunica é notável. Quem sabe não se refletirá logo em novos talentos da bola como Pelé ou Maradona. (24/6/2002)

Otimista x Pessimista

Fim de tarde. Otimista e Pessimista se encontram num bar perto de seus escritórios. Antes do primeiro chopp, o assunto futebol se impõe.

Otimista - E aí, tá gostando da seleção? Você dizia que não ia passar das oitavas!

Pessimista - Também, com uma chave daquelas, Turquia, China e Costa Rica, depois a Bélgica... E os maiores adversários, França e Argentina, caíram de cara! Mais tarde a Itália, a Espanha, etc...

Otimista - Mas a Turquia não era tão ruim assim, tanto é que vamos enfrentá-la de novo. E da Inglaterra vencemos bem, não vá negar!

Pessimista - A Turquia também se beneficiou da chave e depois pegou um Japão nervoso. E não fomos tão bem assim com a Inglaterra. Agora tratam o Rivaldo como Deus, mas você viu como ele errou?

Otimista - Mas o time tava firme, o Rivaldo marcou o dele, Ronaldinho deu show. Temos o melhor ataque do mundo, amigo. Owen e Beckham são bons, mas os nossos são melhores.

Pessimista - Mesmo assim não é lá um grande time, é? Com aquela zaga, com um meio-campo sem criatividade, o Ronaldo fora de forma...

Otimista - Como assim? Ele não só marcou cinco gols em cinco jogos, mas também deu assistências e foi o mais perigoso dos atacantes. Imagine se estivesse em forma...

Pessimista - Mas agora tá com dores na coxa...

Otimista - Ele 80% já é melhor que quase todos.

Pessimista - Ah, e a Turquia quer revanche, porque foi tungada no primeiro jogo.

Otimista - E o Brasil, além de ser melhor, tá embalado pela vitória sobre a Inglaterra, quando mostrou conjunto e garra – muito mais do que vocês diziam que poderia...

Pessimista - E se vencer terá de pegar ou uma Alemanha alta e precisa ou uma Coreia veloz e empolgada. Cuidado com o já-ganhou!

Otimista - Mas tem mais futebol que os dois.

Pessimista - Nem sempre isso é garantia.

Otimista - Tudo bem. Mas por garantia vou torcer muito. Um brinde! (25/6/2002)

Quem diria

Para o bem do futebol, e sem nenhum traço de ufanismo (do qual sou insuspeito mesmo), espero que o Brasil vença esta Copa. Foi a única seleção que mostrou algum brilho e alguma consistência, pois as outras ou não mostraram nada disso ou mostraram apenas um dos dois atributos. A Alemanha, por exemplo, venceu ontem a Coreia por ter experiência e um pouco de estratégia. Os coreanos correram como Speed Racer, mas sem nenhuma objetividade; Ronaldinho poderia ganhar muito dinheiro no país, ensinando-os a chutar a gol. Os alemães têm um sistema defensivo forte, atacantes altos e dois jogadores acima da média, o excelente goleiro Kahn e o meia Ballack, que, por mais uma sorte, não enfrentará a seleção brasileira caso ela passe à final. Mas é um time chato como um texto de Robert Kurz, quase marcial em seu ritmo de jogo.

O grande adversário do Brasil é agora aquele que derrotou França, Argentina e Itália, o time mais decisivo desta Copa: a Soberba. O Brasil não pode entrar contra a Turquia achando que já sabe o destino de Constantinopla. Se Felipão recuar mesmo Rivaldo para que Edílson faça a dupla de ataque com Ronaldo, pode estar abrindo mão de um dos maiores trunfos brasileiros na Copa - a não ser que imagine que, com a entrada de Kleberson, possa manter três no ataque. (A bem da verdade, o Brasil não tem jogado em 3-5-2, mas em 3-4-3, pois Ronaldinho atuou sempre como atacante.) E, claro, não se pode desprezar a Alemanha, tão vitoriosa quanto o Brasil em copas: tem um título a menos, mas participou de menos edições e chegou o mesmo número de vezes à final, sendo um país com metade da nossa população.

O perigo hoje, como sempre, é o Brasil achar que é o país do futebol por natureza, a pátria do drible malandro, a terra do samba e da ginga, e esquecer o que tão providencialmente lembrou no jogo contra a Inglaterra: que futebol não é só malabarismo e improviso, mas também cooperação e combate. O time turco não é a China, e a Alemanha não se limita à muralha de Kahn. É preciso que o Brasil jogue tudo que sabe, e não apenas para vencer – mas para salvar a própria natureza do nobre esporte que já foi bretão. Quem diria, dois meses atrás, que Felipão se tornaria o guardião do "beautiful game"? (26/6/2002)

E novamente ele chegou com inspiração, sacudindo a torcida aos 4 minutos do segundo tempo; dominou, driblou dois zagueiros, deu um toque e tirou o goleiro. E ainda teve humildade de fazer três assistências (para Cafu no primeiro tempo, para Edílson e Kleber-son no segundo), tudo isso em 70 minutos de participação com musculatura prejudicada. E mesmo assim os comentaristas brasileiros não lhe dão o título de melhor do jogo...

Como é divertido acompanhar a Copa pela TV Globo! A partida não tinha nem 15 minutos quando Cafu deu passe ruim para Ronaldo e tanto Falcão como Casagrande começaram a pedir a substituição do atacante. Ninguém do time fazia nada, Edílson sumido, Rivaldo tentando ajustar a perna direita para o chute e só. Sem Ronaldinho para levar a bola do meio para a frente, a defesa turca ganhava quase todos os lances. No intervalo, Zagalo, aquele Noronha e todos os outros, rebobinando o filme de 98, decretaram o bode expiatório: Ronaldo. Ou Felipão tira o centroavante ou perdemos o jogo. Não por acaso Fátima Bernardes se tornou a comentarista-revelação do ano.

Enquanto os jornais estrangeiros manchavam "Ronaldo leva o Brasil para a final", o Bate Bola da TV Globo e os programas de rádio elegiam Cafu ou Rivaldo como os melhores em campo. Cafu realmente foi muito bem, não só como ala, mas também como capitão. A zaga continua com problemas na saída, mas está muito mais bem posicionada no desarme. Os volantes foram eficientes, especialmente Gilberto Silva, que ainda deu o passe para o gol. Apesar da dispersão tática, com a volta de Ronaldinho a seleção tem grande chance de vencer a Alemanha, se prestar atenção ao jogo aéreo.

Mas Ronaldo já reescreveu seu nome na história, com 6 gols. (Ele poderia ter 7, mas o pênalti que sofreu contra a China foi batido por seu xará gaúcho. Rivaldo tem 5, mas um deles foi de pênalti sofrido por Luizão na primeira partida.) Tentaram diminuir o de ontem como "gol de bico", mas quem já jogou futebol de salão entende a categoria exibida ali. Ronaldo não quer ser vice mais uma vez na vida, mas, mesmo se o penta não vier, já é de novo, neste momento, o melhor do mundo. Quem sabe, sabe. (27/6/2002)

Focos amestrados

Quando eu era criança tínhamos um amigo no clube que jogava muito bem, enfileirava dribles e fazia muitos gols e, por isso, terminou apelidado de Ziquinho. Fisicamente mais parecia o Maradona, baixinho e temperamental, e irritava muito porque ficava parado à frente esperando a bola de mãos na cintura e gritando para os outros. E ele não a devolvia: tentava driblar todos os adversários e resolver sozinho. Quando jogávamos na quadra ou em campo pequeno, ele de fato resolvia algumas vezes. Era muito rápido e tinha um repertório de truques impressionante. Mas em campos grandes, em jogos de campeonato, sem moleza, ele desaparecia. Tinha lampejos, mas estava longe de ser decisivo como nas peladas.

O Brasil está cheio de Ziquinhos por seus incontáveis campos. Antes de começar esta Copa, as TVs do mundo todo, especialmente as novatas orientais, se deliciavam com as micagens de Ronaldinho e Denílson, que antes ou depois dos treinos posavam como focas equilibrando a bola na nuca e na testa, fazendo embaixadinhas, etc. Para os porta-vozes do futebol canarinho, como Galvão Bueno, Ronaldinho seria "a estrela da Copa" e Denílson deveria ser titular, quem sabe até no lugar de Rivaldo, ou então entrar sempre no segundo tempo para "arrebentar" como Garrincha. Mas, curiosamente, Denílson fez participações medianas, e Ronaldinho só foi se soltar mesmo no jogo contra a Inglaterra, em que terminou expulso por um misto macunaímico de ingenuidade e maldade.

Quem brilhou foram dois goleadores, Rivaldo e Ronaldo, que - ora, bolas - são tão capazes daqueles passos de samba quanto Ronaldinho e Denílson. Mas sabem que na hora do jogo, diante de zagueiros cada vez mais altos e rápidos, é preciso bem mais que isso. É preciso visão de jogo, chute oportunista, passe objetivo, inteligência tática; criar espaços em perspectiva, não apenas em círculos. Mas Ronaldinho tem aprendido a lição e sua exibição contra a Inglaterra mostrou essa maturidade técnica. E justamente por isso seu papel no jogo com a Alemanha será fundamental. No segundo tempo contra a Turquia, a seleção – incluindo Rivaldo e excluindo Ronaldo – se comportou como um bando de Ziquinhos, cada qual querendo brilhar mais que o outro. Contra alemães, brincadeira demais pode ser letal. (28/6/2002)

Panorama visto do Brasil

A final entre Brasil e Alemanha está sendo considerada como a redenção da tradição, depois de tantas zebras surgidas lá na terra do futebol nascente. Seja como for, a Copa de 2002 será lembrada por ter tido uma disputa de terceiro lugar entre Turquia e Coréia e a eliminação das favoritas Argentina e França ainda na primeira fase. As duas visões estão certas, mas parcialmente certas apenas. Realmente a experiência de Alemanha e Brasil foi fator determinante em suas classificações para a final, e realmente esta Copa mostrou que alguns fracos avançaram e, sobretudo, alguns fortes regrediram. Mas há uma série de outras causas: os técnicos cometeram erros graves de convocação e tática; houve muita contusão e muito cansaço em jogadores que vieram da temporada européia; juízes erraram; e, como torneio, a Copa é intensiva e, se fornece um panorama de como o futebol está a cada quatro anos, é um panorama distorcido por essa intensividade.

O que há de mais concreto a extrair da Copa de 2002 é a crescente paixão pelo futebol em áreas diferentes do planeta e a evidente dificuldade de conciliar habilidade e força num esporte que se transformou muito nas últimas quatro copas. Mesmo assim, e isso ninguém nos tira, o futebol brasileiro esteve nas três últimas finais, e agora os saudosistas de 82 ou 70 – todos nós, claro – são obrigados a enxergar que nosso talento é tão grande que conseguimos adaptá-lo para as modernas exigências. Uma vitória amanhã será importante justamente para que os deitadores de regra "a posteriori" não venham dizer que "talento individual não é mais tão importante" ou coisas do gênero. Parto do princípio, claro, de que o Brasil – enfim com o esquema tático certo, apesar de más substituições que Felipão tem feito – mostre espírito de equipe, um pouco que seja.

Se vencer, essa seleção ficará na história com muito melhor cartaz que a de 94, quando a dupla Romário e Bebeto foi bem mas não tanto quanto Ronaldo e Rivaldo, coadjuvados ainda por Ronaldinho e dois dos melhores laterais do mundo. Como notei antes, essa seleção também é melhor que a de 98, mais homogênea na tática (temos um meia-direita destro e Rivaldo escalado como atacante) e mais harmônica no ambiente (como se pode deduzir das declarações de Dunga e Cafu, entre outros). Se perder, Felipão não poderá ser chamado de burro e o ataque dos Rs não será um trio de bodes expiatórios, ao menos para a torcida. Essa, para mim, já é a maior vitória. (29/6/2002)

Erros, retratações e provas

Coréia e Turquia fizeram bom primeiro tempo ontem, disputado, com gols bem construídos. Há bons jogadores nos dois times: na Coréia, Hong, Seol e Ahn; na Turquia, o goleiro Rustu, Sas (que não jogou ontem) e Basturk. A Turquia é mais compacta e objetiva e terminou merecendo o terceiro lugar; os coreanos finalizam muito mal, embora compensem em empolgação e alguma habilidade. Do time turco, quatro jogam no campeonato inglês e quatro no italiano. Mas ninguém neste mundo poderia comparar essa partida com uma hipotética Itália vs Inglaterra ou Argentina vs França, em termos técnicos, ou mesmo com Irlanda vs Uruguai ou Portugal vs Espanha.

Jogadores desses times zebras produziram, por sinal, alguns dos mais belos gols da Copa de 2002 e também alguns lances, como o chapéu de carretilha do turco Mansiz sobre Roberto Carlos. E estiveram em algumas das partidas mais memoráveis, como Suécia vs Senegal e Coréia vs Itália. Mas ainda cometem muitos erros primários, de fundamento ou tática. "Futebol é um jogo de erros", diz o ex-craque Sócrates, e a final de hoje comprova, pois Alemanha e Brasil erraram menos ao longo dos jogos ou erraram quando podiam.

O vizinho Luis Fernando Verissimo, ontem, tentou desculpar os comentaristas de TV e rádio que cometeram a gafe de pedir a saída de Ronaldo no intervalo de Brasil vs Turquia. Afinal, eles são obrigados a palpitar em cima do fato e correm sempre o risco de queimar a língua. Tudo bem, ainda que muita gente já discordasse do diagnóstico deles durante o primeiro tempo. Mas o pior foi que, na hora de votar no melhor da partida, eles tinham a chance de se retratar e não se retrataram. Se um jogador faz um belo e decisivo gol e três assistências (passes para jogadores cara-a-cara com o goleiro adversário), ao contrário de todos os demais, só pode ser eleito como o melhor em campo.

Por sinal, no capítulo "retratação a Ronaldo" os comentaristas brasileiros estão com volumoso débito em conta corrente, já que sempre tiveram certeza de que ele não voltaria ou, se voltasse, não voltaria jogando bem. Por isso também poucos reconhecem que ele tem sido melhor que Rivaldo, não só porque fez mais gols, mas também porque fez gols mais importantes e foi mais perigoso com suas finalizações e assistências, além de ser tecnicamente mais completo. Mas se Rivaldo jogar bem hoje tende a ser eleito o melhor da Copa; ainda assim, as retratações a Ronaldo continuarão necessárias.

Se Nelson Rodrigues estivesse vivo, o que estaria descrevendo? A "recuperação épica" do futebol brasileiro. Ainda que termine como vice, essa seleção seria para ele a prova do talento que brilha nos campos europeus e mesmo assim é vítima da maledicência nacional. Sim, Rivaldo não é Rivelino, Ronaldo não é Pelé e Ronaldinho não é Zico, mas os três são honrosos herdeiros de uma tradição que o mundo inveja. (30/6/2002)

“A doação de cada um para o objetivo”

A frase acima foi dita pelo técnico Luiz Felipe Scolari em entrevista depois da final. Felipão deixa várias lições, mas se fosse uma só seria essa, que aprendeu com Parreira e aplicou a um elenco superior ao de Parreira: é preciso ter um esquema, uma organização, para que o improvisado dê os melhores resultados. Felipão convocou bem, uniu o grupo, fez as alterações nas horas certas, contou com médico e preparador impecáveis e venceu com a idéia de conjugar força e arte. O conjunto reúne histórias de superações individuais que sobressaem ainda mais pela história de sua superação coletiva. Melhor para o futebol, que inicia o milênio com a chuteira voltada para o lado certo.

Marcos - Brilhou quando precisou, e seu brilho ofuscou Kahn ontem.

Cafu - Il capitano. Ajudou na marcação, buscou a linha de fundo, errou pouco e acertou muito. E ainda fez questão de pôr o Brasil no pedestal.

A zaga - Encontrou o posicionamento, não se deixou abater nunca e foi quase imbatível nas últimas três partidas.

Roberto Carlos - Mais maduro, soube marcar e apoiar e deixou um gol-petardo. Seu controle da arrogância muito colaborou com o bom clima do grupo.

Gilberto Silva - Melhor "desarmador" que Emerson, pois cometeu menos faltas. E ainda deixou uma assistência para Ronaldo contra a Turquia.

Kleber - O volante que procurávamos, especialmente nos últimos dois jogos; leve e inquieto, foi capaz de destruir, criar e chutar.

Reservas - Juninho foi titular na primeira fase, sacrificado pela obrigação de marcar, mas sempre ousando. Júnior foi ótimo contra a Costa Rica. Edílson, Denílson e Luizão, se não brilharam, entraram e deram trabalho.

Ronaldinho - A ponte de criação entre meio e ataque. Uma assistência e um gol decisivo contra a Inglaterra.

Rivaldo - Chutes de efeito, passes providenciais, cinco gols e um corta-luz. Jogou onde deve jogar, flertando com a meia-lua.

Ronaldo - Fenômeno ressuscitado com oito gols, três deles os que decidiram semifinal e final. O melhor em dois mundiais seguidos, ultrapassa a lenda de Romário e segue batendo recordes. Aos 25 anos, já pertence definitivamente ao hall das maiores estrelas do futebol brasileiro. (1/7/2002)

Derrota da psicologia

O grande perdedor da Copa de 2002 é a psicologia barata aplicada ao futebol. Na verdade, nessa área não houve lições novas neste mundial. Times que entram em campo com o já-ganhou sempre correram risco de se dar mal, como Kahn "batendo roupa" e entregando de graça o gol para Ronaldo. Mas tampouco faltam exemplos de times que entraram em campo assim e venceram do mesmo jeito. O importante é que a equipe que sabe ser a melhor, como o Brasil anteontem, esteja concentrada, ciente de seus recursos e atenta aos do adversário. É tudo. Humildade demais pode ser tão suicida quanto arrogância demais.

Já outros clichês da psicologia esportiva merecem morte súbita. Por exemplo, Rivaldo. Era lugar-comum que seus desempenhos na seleção brasileira eram inferiores, que se tratava apenas de "jogador de clube", que ele sentia demais o peso da camisa amarela. Fazia gols e lances pelo Barcelona que mereciam maior circulação e respeito no Brasil. Mas chegava à seleção e era escalado na posição errada ou então era considerado o responsável único pelo resultado. Durante um tempo, ele mesmo acreditou nisso. Mas a eleição de melhor do mundo em 1999, em vez de acentuar seu estrelismo dentro de campo, o deixou mais tranquilo para passar a bola e dividir a responsabilidade. Não tinha mais tanto a provar. Justamente aí, provou.

Outro clichê caduco é o que é colado a determinado jogador que tem a má sorte de deixar escapar alguns títulos importantes em sequência. Sobre Ronaldo, diziam que falhava em decisões, que "amarelava", que não tinha títulos importantes na carreira. Embora campeão nacional no Brasil e na Holanda, artilheiro em quatro países e recordista na Espanha, vice na Copa de 98 e vencedor da Copa da Uefa pela Inter, ele não seria mais que um finalizador acostumado a dar show apenas contra times medianos. Ronaldo foi até menos apático do que o resto da equipe na final de 98, mas sua tal convulsão é que teria sido responsável pela derrota. O estigma pespegou de tal forma que Pelé disse, há apenas uns dias, que as dores musculares de Ronaldo se deviam a "problemas psicológicos". Benditos problemas!

Considere: se o melhor do time quase não joga e, no entanto, na última hora anuncia estar bem e disposto para jogar, isso não deveria alegrar os demais? Resposta: sim, se os demais estiverem unidos em torno do objetivo comum. Foi o que aconteceu agora em 2002. (2/7/2002)

Injustiças

Eleger Oliver Kahn como melhor jogador da Copa é risível. É um grande goleiro, mais completo que Marcos, por exemplo, e não é de hoje que é considerado o melhor do mundo. Fez algumas belas defesas durante a Copa. E não é apenas porque falhou feio na final, no primeiro gol de Ronaldo, que não mereceria ser eleito; o melhor da Copa não precisa ser o melhor da final, como Ronaldo em 98. Mas o fato é que ele não brilhou tanto assim ao longo do evento. O motivo pode ser simbólico: como o Brasil foi pentacampeão com sete vitórias e Ronaldo o artilheiro com oito gols, Kahn leva o prêmio de consolação. Mas assim se dá a impressão de que a Fifa está desconfortável com a hegemonia brasileira e/ou sinistramente preocupada com a Alemanha, sede da Copa de 2006.

Outra injustiça é Rivaldo como quarto melhor jogador, depois de Kahn e de Hong, o zagueiro e capitão coreano, que também falhou feio na disputa do terceiro lugar, dando à Turquia o gol mais rápido de todas as copas. Para mim, Ronaldo é o primeiro, pelos gols bonitos e decisivos, que bateram o recorde da artilharia brasileira, como um Romário mais forte e habilidoso. E Rivaldo, muito mais bem cotado no Brasil – sabemos o porquê – do que no mundo, é o segundo. Só depois Kahn teria vez. E a verdade é que ficaria difícil, na seleção da Copa, não incluir, além de Ronaldinho (que ficou em quinto na lista da Fifa), Roberto Carlos (oitavo) e Cafu.

Este fato, a propósito, é por si só o antídoto contra as outras injustiças cometidas contra a seleção brasileira: as declarações de craques antigos como Cruyff e Maradona. Cruyff disse que o Brasil só ganhou porque os outros foram mal. Mas quem acompanha futebol sabe que ele não gosta de Ronaldo, talvez porque tenha superado suas marcas no Barcelona em apenas um ano e depois ido embora para a Itália. Inveja também é a motivação de Maradona, que sempre que pode elege como o melhor do Brasil algum canhoto como ele. Rivelino, para ele, foi maior que Pelé... e obviamente inferior a ele, Maradona, o número 1 da história do futebol. Como se vê, a supremacia consolidada pelo Brasil nesta Copa fere os brios dos outros países.

Mas as injustiças não são privilégio dos estrangeiros. Os brasileiros, por exemplo, já entraram numa onda de aclamações bairristas, mostrando que a unidade da seleção era bem maior que a da federação. Gaúchos dizem que a vitória da seleção foi "supergaúcha", como se Scolari fosse todo-poderoso e não tivesse feito correções observadas pelos comentaristas. Nordestinos se sentem "redimidos" por Rivaldo, que sempre achou que Ronaldo e Romário recebem mais atenção porque são do Sudeste, não porque são melhores em campo. E assim caminha a humanidade, confundindo realidade e desejo. Como sempre. (3/7/2002)

Ora, bolas

O futebol brasileiro é como o jazz americano: uma arte do improviso, praticada em sua maioria por classes baixas dos subúrbios e interiores do País, mas com uma arquitetura subjacente, uma estrutura fincada em bons fundamentos e percepção estratégica. Futebol, como o jazz, depende de "timing", da mudança de movimento feita num espaço de tempo maleável; e por isso os arranques, cortes e ataques de um Ronaldo são como o bebop, um estilo ao mesmo tempo sofisticado e simples, consciente e espontâneo. Pois o difícil não é só fazer o que Ronaldo faz com a bola, é fazer o que ele faz sem a bola, assim como o difícil não é tocar as notas que Bill Evans toca, mas as que não toca.

Quem diz que o futebol brasileiro se vale apenas do intuitivo se equivoca. Todas as seleções nacionais vencedoras tinham um senso de organização, uma moldura tática que dava sustentação aos lances criativos. Não é por acaso que o escrete de 70 pertence a qualquer lista dos maiores entretenimentos do século, ao lado do canto de Frank Sinatra ou da dança de Fred Astaire. Que aquele time com tantas estrelas, muitas delas em posições diferentes das habituais, pudesse se distribuir em campo e mostrar um futebol solidário quando tinha de ser e individualista quando também tinha de ser, é uma prova contundente. Pelé nada mais foi que o ápice dessa mentalidade. E ouça Telê Santana ou Zico lamentando a derrota da seleção de 82, que de certa forma sofria da síndrome de querer ser a de 70: faltaram acertos na defesa, faltou ser firme e banal quando o momento exigia ser firme e banal.

Rivelino sempre conta que quando viam que Pelé estava tranqüilo, antes de um jogo, podiam ficar seguros de que o time ia arrebentar. Mais do que o jogador por quem a maioria das bolas passava, ele era a referência emocional do time, que ao mesmo tempo o respeitava e não o invejava. Ronaldo em 1998 causava ciúmes intensos nos colegas; em 2002, dado seu histórico de sofrimento e luta, conseguiu um status de "precisamos muito de você, mas jogaremos como se não precisássemos tanto". O time não jogava para ele, mas contava com ele, o que liberou Rivaldo para jogar seu melhor futebol. O desempenho de Ronaldo, a propósito, não foi tão surpreendente quanto dizem, salvo pelo fato de que ele não tinha 100% das condições físicas. Ele jogou o que sabe, e isso é que é muito - sempre será muito, enquanto ele estiver na ativa.

E é essa riqueza combinatória, essa imprevisibilidade, que faz do futebol o esporte mais popular do mundo. Você viu a foto dos meninos cortando o cabelo à Ronaldo em Bangladesh? Ele deve ser o cidadão mais famoso do mundo neste momento. Não há, em outras palavras, fenômeno sociocultural com a dimensão planetária do futebol. Acabo de comprar, por exemplo, o livro *Magnum Soccer*, só com fotos de futebol feitas pela agência Magnum. Não há parte do mundo, meio social ou ambiente natural em que o futebol não seja jogado. A bola com os pés não é manipulada, em todos os sentidos da palavra; exatamente por isso é lúdica, estabelece ligação direta com nossa própria fisicalidade, envolve nuances psicológicas, pede o convívio social. Não é o futebol que é o ópio do povo, é o povo que é o ópio do futebol.

Ainda assim, até mesmo no Brasil, muita gente menospreza o futebol, como se o corpo não fosse objeto de conhecimento, como se a sociedade humana não precisasse de atividade física e simbólica, apenas produzir bens e alimentos. E como se o futebol não pudesse ajudar a sublimar as rivalidades e os estereótipos, tal como os turcos e coreanos se abraçando depois da disputa de terceiro lugar. Esporte não é arte, mas pode ensinar e encantar do mesmo modo.

Recebo e-mails de reconhecimento porque "apostei" em Ronaldo. Não apostei nada, não. Mesmo se ele não tivesse ido para a Copa e mesmo se ele não tivesse chegado à final como artilheiro que a decidiu, eu continuaria achando que sua volta era uma questão de tempo. Apenas fui vê-lo treinar em março de 2001 e ficou claro que ele tinha superado as dores no joelho e recobrado toda a sua força e coordenação motoras. Lembro, por sinal, que na entrevista lhe perguntei sobre "o ataque dos Rs", expressão que eu criara alguns meses antes, pensando ainda em ver o trio da Copa mais Romário. Mais tarde, fui concordando que Romário não se encaixava no esquema tático e moral de Luiz Felipe Scolari, por estar cada vez menos participante e se recusar a ser reserva.

O curioso é que Ronaldo precisou marcar os dois gols da final para enfim aclamarem sua "redenção", para "lavar a alma depois do trauma de 98", etc. Um novo vice-campeonato, e todas as besteiras que foram escritas sobre ele – que não passava de um mero finalizador e de um produto de marketing, que "amarelava" em grandes decisões, que estava "bichado" para sempre – durariam mais quatro anos. Basta ver que no Brasil há proporcionalmente mais votos para Rivaldo como melhor da Copa do que nos outros países... Mas raras vezes um sujeito pôde agir sobre seu próprio destino como Ronaldo agora, com apenas 25 anos. Seu vulto já superou o de Romário e, pois, de todos os centroavantes da história do futebol brasileiro; e, sem ser Pelé, Maradona, Garrincha, etc., já garantiu seu lugar entre os 20 ou 30 maiores jogadores de todos os tempos.

A vitória do Brasil não converte Scolari em santo, assim como a de 94 não converteu Carlos Alberto Parreira em estrategista supremo. A seleção de 94 ficou para a história pelos lances de brilho de Bebeto e Romário lá na frente, evidentemente escudados pelo esquema compacto atrás; mas também por ter sido a única final disputada nos pênaltis, depois de um 0 a 0 em que Romário até perdeu gol dentro da pequena área. Só que Scolari mostrou três méritos decisivos: acertou quase 100% na convocação dos 23 para a Copa (eu teria levado Juninho Pernambucano, por exemplo, mas Kleberson acabou fazendo o papel dele); soube atenuar os defeitos do time à medida que a competição se dava (posicionando os zagueiros, tirando Juninho, etc.); e criou ascendência paternal sobre o grupo (também controlando seus impulsos autoritários). Reorganizado para os termos modernos, o futebol brasileiro se reencontrou. E esse crédito ninguém tira de Felipão.

"Não adianta. A gente pode ganhar dez Copas do Mundo que vai continuar sendo essa mesma desorganização", disse Cafu na chegada da seleção ao Aeroporto Tom Jobim, no Rio. A hegemonia do futebol brasileiro, consolidada agora pelo pentacampeonato, tem esse reverso preocupante: o risco é acharem que ela por si só é suficiente, quando na verdade o que ela recomenda é que haja mais organização e estratégia. O setor, dos torcedores aos políticos, ainda está contaminado por cartorialismo (ou cartolalismo), machismo, clu-bismo e amadorismo. Fernando Henrique Cardoso assinou a lei que responsabiliza patrimonialmente os dirigentes, mas falta muito trabalho ainda. Infelizmente, temo que o coro patriótico encubra de novo as vozes sensatas. (7/7/2002)